

92
1998

Ca-01

ARTUR AZEVEDO



ATLETICA

DICIONA
GRAM

AS PUPIL
Julio

O MOÇO
Macedo

EURICO
Herculano

OS LUSITANOS

LENDAS
Ruth

LITERATURA
A JU

DICIONARIO
Ruth

DICIONARIO
Tassi

DICIONARIO
AME

DICIONARIO
EUR
Tassi

TEATRO A VAPOR

Organização, introdução e notas de
GERALD M. MOSER
(do State College, Pensilvânia, E.U.A.)

A986t Azevedo, Artur, 1855-1908.
Teatro a vapor; organização, introdução e notas de Gerald M. Moser. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1977.
197 p.
1. Crônicas brasileiras 2. Teatro brasileiro I. Instituto Nacional do Livro. II. Moser, Gerald M. III. Título.

CDD:869.9245
:869.93
CDU:869.0(81)-2

CCF/CBL/SP-77-1314

Índices para catálogo sistemático (CDD):

- 1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93
- 2. Teatro : Literatura brasileira 869.92

1977

EDITORA CULTRIX

SÃO PAULO

Em convênio com o INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
Ministério da Educação e Cultura

1.ª edição:
dezembro de 1977

Co-ed

O texto da "Introdução" de Gerald M. Moser foi traduzido do original inglês por Octavio Mendes Cajado

ATLETISM

DICIONÁ
GRAM

AS PUPIL
Julio

O MOÇO
Maceo

EURICO
Hercia

OS LUSI

LENDAS
Sath

LITERAT
A JU

DICIONÁ
Ruth

DICION.
Taru

DICION.
AME

DICION
EUR
Taru

1977 — 40.º aniversário do
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

TOMBO	CLASSIF.
5174	869.72 491647
23 / 01 / 1979	

MCMLXXVII

Direitos Reservados
EDITORA CULTRIX LTDA.
Rua Conselheiro Furtado, 648, fone 278-4811, 01511 São Paulo, SP

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
<i>Os últimos escritos dramáticos de Artur Azevedo: os sainetes do Teatro a Vapor (1906-1908)</i>	9
APÊNDICE	25
TEATRO A VAPOR	33
1. Pan-americano	34
2. A Verdade	34
3. O Homem e o Leão	35
4. A Lista	37
5. A Casa de Susana	39
7. Um Pequeno Prodígio	41
8. Coabitar	42
9. Um Como Há Tantos!	44
10. Um Desesperado	46
11. Um dos Carlettos	48
12. Depois do Espetáculo	50
13. Tu Pra Lá Tu Pra Cá	51
14. Um Cancro	52
15. As Opiniões (cena de revista)	54
16. Projetos	55
17. O Mealheiro	56
18. Um Grevista	58
19. Festas	59
20. 1906 a 1907	61

to-ed

ETISM

IONA/
GRAN

PUPII
Lúio

OÇO
Maced

ICO
Hercu

LUSI/

DAS
Ruth

ERAT
A JU

ION/
Ruth

ION/
Tassi

ION/
AME

ION/
EUR
Tassi

21. Senhorita	62	53. Economia de Genro	106
22. "Fé em Deus ou os Estranguladores do Rio" (epílogo)	64	54. Os Credores	108
23. O Caso do Dr. Urbino	65	55. Os Fósforos	109
24. Quero Ser Freira!	66	56. Um Ensaio	111
25. A Domicílio	68	57. Opinião Prudente	112
26. Sonho de Moça	69	58. Objetos do Japão	113
27. A Escolha de um Espetáculo (diálogo entre marido e mulher)	70	59. De Volta da Conferência	115
28. Assembléia dos Bichos (cena fantástica)	71	60. Cinematógrafos	116
29. Sem Dote (em seguimento à comédia "O Dote")	73	61. Pobres Animais!	118
30. Confraternização	74	62. Cinco Horas	119
31. O Raid	75	63. Um Bravo	120
32. Depois das Eleições	77	64. Um Moço Bonito	122
33. Sulfitos	78	65. Insubstituível!	124
34. Política Baiana	79	66. O Jurado	125
35. A Cerveja	81	67. Cadeiras ao Mar!	127
36. Higiene	82	68. Os Quinhentos	128
37. A Vinda de D. Carlos	84	69. Como se Escreve a História	129
38. Um Luís	85	70. Cena Íntima	131
39. O Caso das Xipófagas	86	71. Que Perseguição!	133
40. As "Pílulas de Hércules"	88	72. Um Homem que Fala Inglês	134
41. Entre Proprietários	89	73. Quem Pergunta Quer Saber	135
42. Um Apaixonado	91	74. Modos de Ver	137
43. O Meu Embaraço (monólogo)	93	75. Silêncio!...	138
44. Dois Espertos	94	76. O Novo Mercado	140
45. Liquidação	95	77. A Discussão	142
46. "Monna Vanna"	96	78. Uma Máscara de Espírito	143
47. As Reticências	98	79. Um Ensejo	145
48. Modos de Ver	99	80. A <i>Mi-Carême</i>	147
49. Reforma Ortográfica	100	81. Padre-Mestre	148
50. Foi Melhor Assim!	101	82. Um Susto	149
51. O Velasquez do Romualdo	103	83. O Poeta e a Lua	151
52. O Cometa	104	84. Entre Sombras	152

	85. O Conde	153
Ca	86. Pobres Artistas!	155
	87. Cena Íntima	156
	88. Sugestão	158
ATLE	89. Por Causa da Tina	159
	90. Confusão	161
DICIC G	91. A Ladroeira	162
	92. Viva S. João!	164
AS PI J	93. Uma Explicação	166
	94. Foi por Engano	167
O MC M	95. A Família Neves	169
	96. Socialismo de Venda	170
	97. A Vacina	172
EURI E	98. O Fogueteiro	173
	99. Quebradeira (epílogo ao "Quebranto", de Coelho Neto)	174
OS LI	100. Bahia e Sergipe	176
	101. A Mala	178
LENE R	102. Lendo <i>A Notícia</i>	179
	103. Três Pedidos (cena histórica)	180
LITE I	104. Bons Tempos	181
	105. A Despedida	183
DICI I	ÍNDICE REMISSIVO E EXPLICATIVO	185
DICI		
DICI		
DIC		

INTRODUÇÃO

OS ÚLTIMOS ESCRITOS DRAMÁTICOS DE ARTUR AZEVEDO:
OS SAINETES DO "TEATRO A VAPOR" (1906-1908)

Entre todos os críticos, cronistas e autores de teatro brasileiro, nenhum trabalhou com maior diligência para ver realizado o seu sonho: a criação de um teatro nacional, com seu próprio edifício, sua própria companhia e seu próprio repertório. Conquanto seja agora ofuscado pelo irmão mais moço, Aluísio, o romancista, Artur Azevedo foi muito popular durante a sua vida como cronista de jornal, contista e autor de inúmeras peças leves. Granjeou rapidamente sua reputação depois de 1873, quando chegou ao Rio de Janeiro na tenra idade de dezoito anos. A partir de então, dedicou ao seu primeiro amor, o teatro, um sem-número de páginas de poesia leve, traduções, adaptações de peças estrangeiras, revistas musicais ou comédias, assim como centenas de colunas na imprensa diária, incluindo diversas seções semanais que só tratavam de teatro. Entretanto, teria sido preciso um gênio para realizar o milagre de fundar solidamente um teatro nacional, e esse milagre não se realizou em parte alguma das Américas a não ser em épocas muito recentes.

Quando o jornal do Rio de Janeiro, *A Notícia*, comemorou o seu décimo quarto aniversário em 1908, Artur Azevedo, que escrevera a seção de teatro durante esses quatorze anos, poderia declarar, com inteira justiça, que fora o primeiro e o principal historiador do teatro brasileiro: "Quatorze anos!... Quer isso dizer que há quatorze anos, uma vez por semana, digo aos leitores da *Notícia* o que se passa nos teatros desta capital; quer isso dizer que tenho publicado nesta folha setecentos e tantos folhetins que, quando outro mérito não tenham, encerram pelo menos toda a nossa teatrogafia dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do século XX. (...) Quem dera que antes de

1894, ano do nascimento da *Notícia*, tivesse havido alguém que se desse a trabalho idêntico, e oxalá que, desaparecendo eu deste rodapé, outro A.A. continue a minha obra que, se não é brilhante nem revela talento, ao menos é útil e proveitosa.”¹

O cronista também era profissional do teatro. Suas peças apareceram em cena quando chegava ao fim o período de maior atividade dramática no Brasil, entre 1855 e 1879, em que os românticos haviam tentado tragédias e comédias poéticas para um público patriota que exigia um teatro nacional.² As operetas francesas, precursoras do “musical”, comercializariam o material dramático e lhe dariam sabor mais apimentado, desviando o público pagante do teatro sério já por volta de 1859, quando o Alcazar abriu suas portas no Rio. Seguiram-se adaptações e até paródias em português, o que redundou numa nacionalização sofrível.³ Mais do que qualquer outro escritor, Artur Azevedo emprestou seu copioso talento a essa “nacionalização” do teatro musical leve. Muitos anos depois, em 1904, quando sua força principiou a declinar, ele seria ferozmente atacado por sua participação na “corrupção do teatro”, talvez por haver alimentado tantas esperanças elevadas. Um certo Cardoso da Mota criticou-o na imprensa por haver perpetrado *A Filha de Maria Angu*, “paródia desgraçada a *La Fille de Madame Angot*, (que)”, foi por assim dizer o início dessa longa série de disparates”. . . .⁴ O ataque seria repetido uma década mais tarde por um historiador muito mais conhecido, José Veríssimo, em sua *História da Literatura Brasileira*: Veríssimo afirmou que Artur Azevedo e seus contemporâneos tinham sido incapazes de elevar o nível literário do teatro. Por implicação, censurou-o também por haver concorrido para que o público perdesse o interesse que poderia ter tido “pelo chamado *teatro nacional*”.⁵

1. *A Notícia*, Rio de Janeiro, n.º 225, 21 de setembro de 1908, p. 3.

2. As datas de 1855 e 1879 são dadas por José Veríssimo num capítulo sobre o teatro em sua *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1916, p. 384. Um historiador ulterior, J. Galante de Sousa, estende o período a 1884, ano em que o sucesso da revista de Artur Azevedo e Sampaio Moreira, *O Mandarim*, firmou esse gênero de sátira musical dos costumes e da política. (Veja o capítulo sobre Realismo em *O Teatro no Brasil*, de J. Galante de Sousa, Rio de Janeiro, 1960.)

3. Veja J. Galante de Sousa, *op. cit.*; reedição em um volume, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968, p. 266.

4. Citado por J. Galante de Sousa, *op. cit.*, p. 276.

5. Veja José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1916, p. 386.

O ataque era injusto. Veríssimo não tomou em consideração, e muito menos mencionou, os argumentos de Azevedo em sua defesa, expostos na réplica à condenação de Cardoso da Mota. Em primeiro lugar, salientou Azevedo em 1904, o teatro já fora “corrompido” por paródias muito antes dele e, em segundo lugar, ele escrevera, de fato, peças mais ambiciosas, literárias, mas estas haviam sido desdenhadas pelos diretores de teatro e pelo público. “Também fui moço”, escreveu tristemente, “e também tive o meu ideal artístico ao experimentar a pena; mas um belo dia, pela força das circunstâncias, escrevi para ganhar a vida e, daí por diante, adeus ideal!”⁶

Havia Artur Azevedo vendido realmente o seu “indiscutível gênio dramático”?⁷ Embora se sentisse impotente para navegar contra a maré apesar de toda a sua popularidade, o teatrólogo não abriu mão do velho sonho de um teatro mais substancial, mais genuinamente brasileiro. Multiplicando e, assim, dispersando seus esforços quando a saúde já estava alquebrada, meteu ombros a mais duas iniciativas além dos múltiplos encargos jornalísticos que lhe atribuíram os últimos meses de vida. Ambas obedeciam à melhor tradição da comédia brasileira de costumes, iniciada por Martins Pena e rapidamente revivida por França Júnior: Artur Azevedo criou um teatro nacional no Rio enquanto durou a Exposição do Centenário de 1908, escolhendo o repertório e dirigindo quinze peças diferentes, incluindo duas de Mar-

6. Artur Azevedo, “Espécie de Profissão de Fé”, em *O País*, Rio de Janeiro, janeiro de 1905, citado por R. Magalhães Júnior em *Artur Azevedo e Sua Época*, 3.ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 154. Em artigo publicado anteriormente no mesmo jornal, no dia 16 de maio de 1904, e ao qual deu o título de “Em Defesa”, Artur Azevedo arrolou suas malsucedidas tentativas de escrever peças de um nível literário mais elevado. Assim Magalhães Júnior como J. Galante de Sousa reproduzem trechos do artigo de 1904.

Além disso, temos o texto de uma carta patética de 31 de março de 1904, publicada pela primeira vez por Francisco de Assis Barbosa em *Retratos de Família*, 2.ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, pp. 182-186. Nela, Artur Azevedo escreve a sua filha adotiva Cotinha Freire da Silva: “Tenho uma peça em ensaios. Pede a Deus, minha filha, que ela agrade, porque eu dividirei contigo (é coisa já determinada) o que ela me der. O teatro há muito tempo não me oferece recurso algum. Para agüentar a vida, escrevo no *País*, no *Correio da Manhã*, na *Notícia*, na *Folha Nova*, de São Paulo, no *Kosmos*, e ainda num jornalet que nunca vi, mas que me paga alguma coisa! (...) Não imaginas como estou cansado!” (Ibidem, p. 184.)

7. *Dixit* José Veríssimo, *op. cit.*, p. 385.

tins Pena e duas de sua autoria.⁸ Ao mesmo tempo, andara experimentando aguçar o apetite do público, se possível, pela comédia de costumes urbanos contemporâneos, reduzindo-a a cenas rapidamente esboçadas, para serem lidas no jornal diário: os sainetes do *Teatro a Vapor*.

Artur Azevedo parecia corporificar o gênio da literatura leve. Era visto como o homem de sociedade, roliço, comunicativo, sempre bem-humorado, querido de todos, que dava a impressão de ser um boêmio inveterado. Mas isto não passava de uma máscara; o verdadeiro homem revelou-se no momento de sua morte súbita. Tendo de sustentar família numerosa, matou-se literalmente de trabalho, descuidando da saúde, que se arruinava com a crescente obesidade e o reumatismo. No princípio de outubro de 1908, *A Notícia* publicou sua última coluna de teatro semanal sob o título costumeiro "O Teatro".⁹ No dia 17 de outubro apareceu sua última "Palestra", coluna quase diária que ele assinara em *O País*.¹⁰ No dia 21 de outubro, *O Século* publicou seu diálogo humorístico final da série "Teatro

8. O teatro de Artur Azevedo na Exposição, chamado Teatro João Caetano em homenagem ao mais conhecido dos atores brasileiros do século XIX, funcionou de 12 de agosto a 9 de outubro de 1908. Durante esse breve espaço de tempo, Artur Azevedo encenou as quinze peças brasileiras seguintes:

1. "O Noviço", de Martins Pena.
2. "Não Consultes Médico", de Machado de Assis.
3. "Vida e Morte", de Artur Azevedo, escrita para esse teatro.
4. "As Doutoradas", de França Júnior.
5. "Quebranto", de Coelho Neto.
6. "A Nuvem", de Coelho Neto.
7. "O Defunto", de Filinto de Almeida.
8. "A Herança", de Júlia Lopes de Almeida.
9. "O Irmão das Almas", de Martins Pena.
10. "As Asas de um Anjo", de José de Alencar.
11. "Deus e a Natureza", de Artur Rocha.
12. "A História de uma Moça Rica", de Pinheiro Guimarães.
13. "A Sonata ao Luar", de Goulart de Andrade.
14. "Um Duelo no Leme", de José Piza.
15. "O Dote", de Artur Azevedo (última produção).

A lista encontra-se em Magalhães Júnior, *op. cit.*, p. 355.

9. O artigo publicado no n.º 239, de 5/6 de outubro de 1908, pode ter sido "Machado de Assis, como Autor de Teatro". Machado, amigo de Artur Azevedo, acabara de morrer. Talvez outra coluna ainda tivesse aparecido na semana de 13 de outubro. De qualquer maneira, no dia 20 de outubro, não se publicou "O Teatro", porque, como explicou a redação do jornal, Artur Azevedo estava gravemente enfermo.

10. O seu título era "O Ponto de Parada dos Bonds..."

a Vapor". No dia 23 de outubro, *O Século* ainda estampou o conto "Pequetita", o derradeiro dos seus "Contos Ligeiros" semanais. No mesmo dia de sua morte, ocorrida na véspera, a 22 de outubro, o vespertino *O Século* já trazia a notícia do seu falecimento. A citada notícia nos dá uma idéia da celebridade de que gozava Artur Azevedo:

"Com o passamento de Artur Azevedo desaparece o mais popular dos escritores brasileiros, (...) o cronista de todos os dias, que, fugindo aos assuntos agitados, nos mimoseava diariamente com artigos, crônicas, contos, versos e folhetins, que tanto realce davam aos jornais em que colaborava e nós todos liamos com um hábito cada vez mais entranhado. (...) Quando pareceu haver decaído, já seus êmulos (é só onde encontrou desafeiçoados) anunciavam que Artur Azevedo estava decrépito. Foi quando ele publicou o *Dote*, que qualquer celebridade estrangeira não se menosprezaria de assinar. Foi quando começou ele a escrever os *Contos Ligeiros* e iniciou a espirituosa seção *Teatro a Vapor* nesta folha, cuja aceitação está na reprodução que quase todos os jornais do interior faziam desses trabalhos.

"E morreu produzindo, sempre com a verve habitual e muita graça."¹¹

Sob o título *Teatro a Vapor, A. A.*, iniciais cuja identidade ninguém ignorava, publicou cento e cinco sainetes humorísticos — minidramas — entre 1906 e 1908. O primeiro deles, "Pan-americano", apareceu no dia 22 de agosto de 1906. Nele, Manuel, um vendeiro português e seu freguês carioca Chico Facada discutiam acerca do significado da palavra "pan-americano", que encontravam usada constantemente nos jornais, por ocasião do Terceiro Congresso Pan-Americano, que estava sendo realizado no Rio de Janeiro.¹² Tendo procurado a palavra "Pan" numa enciclopédia providencialmente comprada num leilão, o vendeiro descobriu que o deus pagão inventara a flauta de Pã. E eles concluíram que "pan-americano" devia de ser uma espécie de "flauteação". "Esse é o tipo de coisas", acrescentou Manuel,

11. Do obitúário anônimo em *O Século*, Rio de Janeiro, de 22 de outubro de 1908. Talvez tenha sido escrito pelo próprio redator-chefe, o político republicano Brício Filho.

12. O Terceiro Congresso Pan-Americano será mais lembrado pelo poema desdenhoso sobre ele escrito por Rubén Darío, que dele participou como delegado da Nicarágua, do que pela liderança do então Secretário de Estado Elihu Root, o *Rute* do sainete de Artur Azevedo.

“que eles inventam para gastar nosso dinheiro, como se o dinheiro andasse a rodo! (*Em tom confidencial.*) Olhe, aqui para nós, que ninguém nos ouve, o filho de Calisto, Pã, deve ser o tal Rute, que andou por aí a fazer discursos e a encher o pandulho...”¹³

Firmara-se o tom mansamente satírico com o qual seriam comentados os acontecimentos, fossem eles de natureza pública ou particular. Esse tom permaneceu constante até o fim, quando o autor caçou de si mesmo no sainete final da série, “A Despedida”. Sem que os leitores se dessem conta disso, ele aludiu à morte súbita, pois estava gravemente enfermo na ocasião. Foi um dos muitos diálogos no cenário de uma humilde casa de família citadina. A mãe e os filhos tinham começado a fazer conjeturas sobre o que acontecera ao pai, trancado no escritório. Estaria ele pensando em suicídio? A ansiedade de todos atingiu o auge quando o homem apareceu, afinal, para anunciar que acabara de fazer o testamento. Por quê? Simplesmente porque estava na iminência de empreender a sua primeira viagem num daqueles novos meios elétricos de transporte chamados *bondes*.¹⁴

A forma dramática dos pequenos esquetes ou sainetes representava uma inovação na história da crônica brasileira, gênero protético de comentário ligeiro, escrito para a imprensa diária e nascido com ela.¹⁵ Para mostrar a maneira com que Artur Azevedo dramatizava é preciso examinar o conteúdo e o estilo dos sainetes do seu *Teatro a Vapor*.

A série de *O Século* que consultei na *Biblioteca Nacional* no Rio de Janeiro em 1970 não tinha o número de 26 de setembro de 1906, que provavelmente continha um sainete do *Teatro a Vapor*. Por conseguinte, a coleção de sainetes que consegui reunir consiste em 104 e não em 105 minidramas, publicados

13. *O Século*, 22 de agosto de 1906.

14. Os bondes tornaram-se uma característica permanente da cidade. Foram, todavia, abolidos e hoje só resta a linha que vai de Santo Antônio a Santa Teresa, passando pelo Aqueduto.

15. Artur Azevedo tinha composto muitos outros gêneros de *crônicas* sob uma variedade de pseudônimos e, pelo menos, para quinze publicações diferentes; nenhum deles, contudo, era escrito no estilo dramático do *Teatro a Vapor*. Entre 1906 e 1908, além de escrever a sua coluna para *O Século*, ele colaborou simultaneamente, com regularidade, em mais quatro jornais diários, pelo menos: *Século XX* (1906), *Correio da Manhã* (1906), *A Notícia* (1908) e *O País* (1907-1908).

quase semanalmente naquele jornal por mais de dois anos. Duas razões, relacionadas entre si, poderiam explicar a escolha da forma dramática. Em primeiro lugar, Artur Azevedo vivia tão ocupado com os preparativos para a Exposição Nacional de 1908 que não tinha vagar para escrever muitas peças longas, como no passado. Sendo-lhe difícil reprimir inteiramente sua veia dramática, canalizou-a para os rápidos esquetes do *Teatro a Vapor*. A outra razão poderia ser que os sainetes serviam de chamar a atenção dos leitores em geral, sem exortações nem súplicas, para as alegrias e tristezas do teatro brasileiro. Ele assim divertia o seu grande número de dedicados admiradores com diálogos acerca das peças que estavam sendo levadas, como o *vaudeville* “A Casa de Susana” (o n.º 5 da lista anexa de sainetes do *Teatro a Vapor*) ou os melodramas “Os Ladrões do Mar” (n.º 12) e “Fé em Deus, ou, Os Estranguladores do Rio” (n.º 22), acrescentando ao último uma sanguinolenta cena final, em que a heroína se apunhala enquanto os vilões exclamam: “Oh! Céus! Horror!” Bulia com as pessoas por irem ver a comédia “As Pílulas de Hércules”, levada por uma companhia italiana (n.º 40), ou por se deixarem enganar pelo título intrigante de outra peça, “Sorte de...” (n.º 47) retratava o enleio de pais de família que procuram debalde uma peça, à noite, a que possam levar suas filhas moças:

Mulher. — Que há no *Recreio*?

Marido. — Dois espetáculos, em *matinée* e à noite.

Mulher. — Já disse que não quero *matinée*.

Marido. — Nem eu as levaria a uma peça que se intitula *O Homem das Tetas*.

Mulher. — E qual é a peça da noite?

Marido. — Adivinha.

Mulher. — Dize.

Marido. — *O Conde de Monte Cristo!*

Mulher. — Ora sebo! A mesma que vimos há dois anos!

Marido. — É o-único espetáculo! O melhor é adiarmos a festança... A que estado chegou o teatro no Rio de Janeiro!

Mulher. — Pudera! se há tanta gente que faz como nós!...¹⁶

Fazia dois anos que o casal retratado por Artur Azevedo não punha o pé num teatro para assistir a uma peça decente: ele conhecia o seu público...

16. Sainete n.º 27, “A Escolha de um Espetáculo”.

Em outro sainete, sob o título "Pobres Artistas!" (n.º 86), compadecia-se dos atores brasileiros por não poderem competir com as companhias estrangeiras que vinham da França, da Itália, de Portugal, e Deus sabe mais de onde, para percorrer a América do Sul:

Sr. Santos, um hóspede do hotel. — De que vivem eles?

Gerente. — Não sei. Ouvi dizer que o governo vai mandar construir para eles um galpão anexo ao Asilo de Mendigos, enquanto não fica pronto o palácio Águia de Ouro, vulgo Teatro Municipal.

Por outro lado, o nosso colunista também dava rédeas largas à sua admiração pelas atrizes estrangeiras que chegavam ao Rio, como Tina di Lorenzo (n.º 89), Mercedes Blasco (n.º 90), ou a famosa *La Duse*, que apareceu em 1907 em "Monna Vanna" (n.º 46). Defendia o teatro contra seus eternos inimigos, as pessoas que o acusavam de espalhar a imoralidade, quando a vida real era muito mais imoral (n.º 5). Chamava a atenção para suas próprias peças, como *O Dote*, de 1907, escrevendo uma continuação em um dos sainetes (n.º 27) ou usando uma cena de uma de suas revistas em outro (n.º 15). De vez em quando, caçoava dos amigos e colegas, como João do Rio, quando uma das peças deste último fracassou miseravelmente em 1906 (n.º 20), e Coelho Neto, autor de "Quebranto" (n.º 99).

Posto que os tópicos teatrais fossem freqüentes e proporcionassem uma prova notável do objetivo do *Teatro a Vapor*, Artur Azevedo oferecia um espectro de temas muito mais amplo. Os acontecimentos públicos nele figuravam de modo saliente: o recenseamento levado a efeito em 1906 (n.º 4), a visita oficial do Presidente da República Argentina (n.º 30), a projetada viagem ao Brasil de Dom Carlos, Rei de Portugal (n.º 37 e outros), que nunca se materializou em virtude do assassinio do rei em 1908 (n.º 74), a visita de uma esquadra norte-americana no mesmo ano (n.º 71 e 72), e o regresso triunfal de Rui Barbosa, o eloqüente político baiano, da Conferência de Paz de Haia (n.º 69).

Outros acontecimentos tratados nos sainetes tinham significado puramente local: a demolição de casas térreas para dar lugar à construção de prédios altos (n.º 42), a fundação de uma sociedade para a prevenção dos maus tratos infligidos a animais (n.º 61), o descobrimento de condições anti-higiênicas nas cervejarias da cidade (n.º 33), a introdução da vacina contra a

variola (n.º 97), ou a inauguração de um mercado coberto (n.º 76).

Outros sainetes ainda tocavam ligeiramente em assuntos políticos brasileiros: os malsucedidos candidatos a cargos eletivos (n.º 34) — cujo orgulho regional proporcionava a Artur Azevedo alvos fáceis para pilhérias em outras situações também (n.º 38 e 39) e o agitador socialista (n.º 96).

Conquanto o *Teatro a Vapor* caçoasse do sensacionalismo de um modo geral (n.º 10 e 11), nem sempre desdenhava das notícias sensacionais, sobretudo a respeito de assassinios notórios. O crime da Rua da Carioca em 1906, cuja vítima fora um joalheiro, proporcionou assunto para nada menos de seis sainetes (n.º 9 a 12, 22 e 60).

Os acontecimentos recorrentes tinham sido uma característica comum das crônicas, e nosso cronista utilizava o aparecimento de um cometa (n.º 52), a Terça-feira de Carnaval (n.º 26, 77, 78), ou os dias de São João (n.º 92) e de São Pedro (n.º 93), tradicionalmente comemorados na cidade. Só se menciona o Natal, todavia, em conexão com o tema das gorjetas aborrecidas que tinham de ser dadas a carteiros, meninos de recados e quejandos (n.º 19 e 70), aborrecidos para homens de poucos recursos e famílias numerosas — que constituíam a maioria dos cariocas vistos no *Teatro a Vapor*. Artur Azevedo, que vivia quase sempre sem dinheiro, compreendia-lhes os problemas.

A nova era da comunicação rápida forneceu-lhe vários tópicos: a subida de um balão numa praça pública do Rio (n.º 50), um passeio num daqueles veículos autopropelidos chamados automóveis (n.º 17), ou os filmes emocionantes que algumas pessoas iam ver todos os dias nos muitos teatros recém-inaugurados (n.º 60).

Num caso de emergência o colunista poderia sempre recorrer a temas bem conhecidos: a paixão pelo jogo da loteria (n.º 68) ou do seu rival, menos dispendioso e talvez mais emocionante (por ser ilegal), o jogo do(s) bicho(s) (n.º 25). Até o *jeitinho* tipicamente brasileiro — modo hábil de contornar dificuldades — apareceu num dos sainetes (n.º 103).

Não raro, o cronista empregava sua experiência de teatrólogo para satirizar fraquezas humanas comuns: a hipocrisia, especialmente da parte dos pais (n.º 2) e dos padres (n.º 81), a cautela excessiva, bem como a imprudência (n.º 94), o ciúme e a infidelidade conjugal (n.º 66, 93 e outros), a credulidade (n.º

AT

DI

AS

O

EU

OS

LE

LI

DI

D

D

D

88), a curiosidade e a bisbilhotice (n.º 10), a tacanha oposição a qualquer mudança (n.º 104), a ignorância (n.º 1), a fanfarronice e a covardia (n.º 9, 13, 63) e a mania do devaneio (n.º 14, 26, 51, 68). A língua representava outra preocupação de Artur Azevedo, o que era de esperar de um autor de comédias. Ele gostava de inventar explicações absurdas para palavras estrangeiras (n.º 1 e 103) ou mostrar a fala pernóstica de virtuais alfabetos (n.º 4, 5, 30, 31). O tópico perene das reformas ortográficas também ensinava boas risadas (n.º 49). O moralista em Artur Azevedo torna-se, às vezes, mais do que óbvio, quando dissuade o desesperado de suicidar-se — esforço que envidou durante toda a vida (n.º 82), ou quando exprobra o dogmatismo dos positivistas, ainda numerosos (n.º 97), e o chauvinismo de superpatriotas, exaltado por qualquer suposta consideração de hispano-americanos (n.º 63 e 67).

Numa ocasião, Artur Azevedo dramatizou uma anedota a respeito de um famoso escritor. O homem que figurou nesse sainete era nem mais nem menos do que Machado de Assis, funcionário público da mesma repartição dele. O autor do *Teatro a Vapor* mostrou o polido Machado desembaraçando-se de um visitante impertinente que fora procurá-lo para pedir-lhe que desse um jeitinho num caso de seu interesse (n.º 103). O sainete apareceu pouco depois da morte de Machado de Assis e constituiu uma homenagem prestada com delicado humor. Muitos que o leram então estavam, sem dúvida, familiarizados com a voz de Machado e ouviram-na ressoar de novo em suas mentes.

A nota mais pessoal é ferida no único monólogo de toda a série, em que o encalistrado autor se dirige ao secretário do jornal para explicar por que deixara de entregar o costumeiro sainete dramático numa determinada semana (n.º 43). Em estilo de carta ou de diário, referiu todos os acontecimentos que o impediram de meter mãos à obra durante uma viagem ao porto de Santos. Mas, pelo menos, entregou a matéria antes do fechamento do jornal!

Se bem mudassem os tópicos com os interesses que prevaleciam nas semanas sucessivas, as situações tendiam a refletir uniformemente os costumes da classe média, remediada ou modesta. As conversações sobre acontecimentos correntes eram, sem dúvida, comuns entre maridos e esposas ou entre conhecidos no *Teatro a Vapor*. Uma situação mostra o chefe da família lendo o jornal em casa, na cama ou confortavelmente instalado numa

poltrona (n.º 2, 9, 44, 53, 65, 101). Em outros sainetes, vê-se a esposa, e às vezes também a filha, costurando para passar o tempo enquanto espera que o marido volte para casa a fim de participar da refeição familiar (n.º 25, 47, 63, 66, 70, 79), mas a situação, às vezes, se inverte comicamente, quando o marido espera, resignado, por longas horas (n.º 59, 100). Além disso, a família pode estar conversando durante a refeição (é o caso, p. e., do n.º 65). Alguns casais palestram enquanto se preparam para sair (n.º 56) ou estão a ponto de partir depois da refeição (n.º 40). Ou são surpreendidos discutindo um espetáculo, em casa, depois de terem assistido a ele, enquanto tomam chá com torradas antes de recolher-se (n.º 5, 12, 46, 60, 89, 98, 100). Claro está que a discussão pode degenerar em briga (é o que acontece, v. g., no n.º 89). E alguns casais trocam as primeiras palavras na cama, depois de haverem despertado pela manhã (n.º 68, 94). Insinuá-se que alguns maridos enganam as esposas (n.º 66), mas parece muito mais engraçado mostrar mulheres que se vingam arranjando amantes (n.º 5, 11, 71, 78, 99).

Outras situações, embora perfeitamente normais, proporcionam cenários mais originais, peculiares ao Rio de Janeiro. Entre as cenas dessa categoria uma há que ocorre, como é de supor, na barca que atravessa a Baía de Guanabara, ligando o Rio a Niterói (n.º 57). Outra se desenrola no interior de um bonde (n.º 78), e várias têm por centro a escrivanhinha em que a mulher ou o marido se vê às voltas com o orçamento mensal da casa (n.º 27, 48, 53).

Quase todos os cenários refletem a intimidade de uma família comum. 84 dos 104 sainetes se passam no interior da casa, geralmente na sala de jantar (em 22 sainetes), menos freqüentemente na sala de visitas (14), no quarto de dormir (10), e raramente no escritório do marido (5) ou no quintal (3). O terraço é escolhido apenas uma vez, assim como a janela que dá para a rua, de onde a mulher, sentada, vê passar o mundo. Outros sainetes estão situados "em casa" sem qualquer especificação (18). O autor mostra famílias reunidas à hora das refeições, recebendo visitas ou encerrando-se em quartos de dormir.

Três esquetes têm por cenário uma pensão ou hotel, e estes podem ser aditados aos que se passam em casa. Os únicos lugares públicos a que Artur Azevedo leva os leitores são bares e locais semelhantes — botequins, casas de iscas, tavernas, ven-

ATI

DIC

AS

O I

EU

OS

LE

LI

DI

D

D

D

das — onde os homens da classe operária se juntam, quase sempre para tomar uma dose de parati (sete vezes), a menos que eles, como outros personagens, se encontrem numa rua ou no banco de um parque, isto é, “ao ar livre” (dez vezes). Isso deixa apenas um punhado de cenas localizadas em cenários diferentes e, portanto, excepcionais: uma loja (n.º 46), um barbeiro (n.º 49), a barca (n.º 57), um mercado (n.º 76), um teatro (n.º 90), a estratosfera (n.º 84) ou uma repartição pública (n.º 103).

Praticamente todos os cenários, de forma expressa ou implícita, fazem parte da cidade do Rio de Janeiro. As exceções são pouquíssimas — cenas imaginárias, como uma mítica Paris durante uma greve de trabalhadores que poderia ter ocorrido no Rio (n.º 18), uma terra fantástica onde os animais falam (n.º 28), ou algum lugar em pleno ar, onde o Ano Velho dá conselhos ao Ano Novo (n.º 20). Disso se segue que, de um modo geral, os personagens são cariocas, habitantes típicos dos vários bairros da cidade que se convertia rapidamente numa dinâmica metrópole, capital de uma vasta federação republicana de Estados, porto importante e ponto de entrada de milhares de imigrantes. Apesar disso, as centenas de personagens de Artur Azevedo não espelham a complexidade dessa sociedade urbana, talvez em virtude das limitações inerentes à sua posição como intelectual que vivia modestamente no seio da classe média inferior, composta de lojistas, funcionários públicos e outros empregados com horas fixas de trabalho, provedora do grosso da população teatral do *Teatro a Vapor*. Até os três jornalistas, os dois poetas e o “escritor” indefinido que nele aparecem pertencem a essa classe.

A maioria dos representantes da classe média faz o papel de marido e mulher (35 casos) ou de pais e filhos (24). A classe superior (29) consiste em pessoas a que os outros chamam “senhor doutor”, que ostentam o título de “comendador” ou são ditos “proprietários”. Num esquete encontramos um conde e uma condessa do Novo Mundo — cujos títulos haviam sido comprados ao Vaticano (n.º 85). Até essa classe superior é mais numerosa no mundo de Artur do que a dos pobres, que só aparecem em 19 sainetes e entre os quais figuram uns catorze mulatos e negros — cabraes, mucamas, moleques, quitandeiras — desempenhando os papéis de trabalhadores, donas-de-casa, concubinas, meninos de recado, garçons, vadios sem emprego e

criminosos — malandros, todos eles personagens que poderiam vir diretamente da perspectiva simbolizada da comédia de costumes contemporânea.

Outro personagem cômico típico também está em evidência, o imigrante europeu de sotaque carregado e modos não assimilados. Este é geralmente retratado como português ou galego (em sete casos), e freqüentemente como botequineiro. O elemento italiano só aparece num sainete, embora os italianos afluíssem em grande quantidade ao Brasil desde a década de 1880 (n.º 22). Um caso especial, que beira a comédia, é o de dois padres metidos entre os personagens e retratados pouco lisonjeiramente, segundo a melhor tradição anticlerical, um como hipócrita, o outro como sujeito totalmente imoral, e ambos violadores dos seus votos de castidade.

O humor cativante dos sainetes é acentuado pelo estilo em que foram escritos, que se apropria à normalidade dos cenários, das situações e dos personagens. É um primor de naturalidade: direto, rápido, indica as características de diversas classes sociais com os poucos traços seguros da pena experimentada do dramaturgo. Os diálogos breves fluem suavemente: a sua língua é o português que deve ter sido corrente por volta de 1900 nas ruas e casas do Rio de Janeiro. Uns poucos trechos de diferentes sainetes darão uma idéia suficiente do seu sabor coloquial.

Aqui está a fala de alguns personagens da classe superior:

Dr. Chiquinho. — Dão licença, minhas senhoras?

Todas (levantando-se em alvoroço). — Olhem quem ele é! O doutor Chiquinho! Entre, doutor Chiquinho! Como tem passado? Há quanto tempo não aparecia! Dê cá o chapéu! Dê cá a bengala! Sente-se. (*Sentam-se todos.*)

D. Leopoldina. — Que bons ventos o trouxeram a esta casa? Vou mandar repicar os sinos!...

Dr. Ch. — Eu lhe digo, minha senhora. Há dias que estou desesperado!

Todas. — Desesperado?!

Dr. Ch. — Desesperado é o termo! Em casa, ao almoço, no consultório, no juízo; na rua do Ouvidor, na avenida, no meu alfaiate, no meu barbeiro, no Castelões, no bonde, ao jantar, em toda a parte, enfim, não ouço falar senão no crime da rua da Carioca!

D. L. — Que coisa horrorosa, hein, dr. Chiquinho?

Dr. Ch. — Lembrei-me então de vossas excelências... Ali, disse eu aos meus botões, com certeza não ouvirei falar de Carletto e Rocca... Aquelas senhoras só gostam de conversar sobre modas, bailes, teatros,

passeios, etc. Lá estarei livre desse maldito assunto, que é o meu desespero!

1.ª *Senhorita*. — O senhor sabe se o Carletto já foi preso? 17

Atentem agora para a classe média inferior, representada por D. Joaquina, sentada à janela e conversando com o seu bom amigo o velho Sr. Andrade, que estivera passeando pela rua:

Andrade. — Chamem-me rabujento, inimigo do progresso, o que quiserem, mas eu cá sou assim! O *Jornal do Commercio* era o *Jornal do Commercio* nos bons tempos do Leonardo, em que tinha o escritório cheio de teias de aranha, e não morava num palácio!

D. Joaquina. — Mas que tem uma coisa com outra?

A. — Tem tudo. Também eu conservava lá no armazém as minhas teias de aranha, e quando os médicos da higiene lá foram basculhá-las (corja de vadios e malandros!) o meu desejo foi liquidar o negócio! Foi preciso vir a tal República para que a gente não tivesse o direito de ter a casa suja!

D. J. — Mas a sujidade...

A. — Em casa limpa nunca se ganhou dinheiro, sra. d. Joaquina! A senhora há de ver que todos esses negociantes modernos de avenidas e luzes elétricas hão de dar bons burros ao dizimo! Olhe, eu não lhes fio um real!... 18

Finalmente, ouçam duas mulheres num bairro pobre discutindo as notícias:

Casa pobre. *D. Joaquina está penteando meias; abre-se a porta e entra D. Maria*.

D. Maria. — Dá licença, vizinha?

D. Joaquina. — Vá entrando, d. Maria. A sra. vem hoje um pouco mais cedo para o cavaco. Houve alguma novidade?

D. M. — Estou assombrada, vizinha!...

D. J. — Valha-me Nossa Senhora! Por quê?

D. M. — Por *móde* o menino do Asilo e o oficial sem olhos!

D. J. — Que história é essa?

D. M. — Pois não sabes? Está nas folhas!... A alma do Floriano Peixoto... ou a do Juventino, aquele pobre moço do balão (não se sabe ainda ao certo qual das duas almas foi) apareceu a um menino do Asilo do Pedregulho!...

D. J. — Credo! T'esconjuro!... Mas por que não se sabe qual das duas era? 19

17. Sainete n.º 10, "Um Desesperado".

18. Sainete n.º 104, "Bons Tempos".

19. Sainete n.º 88, "Sugestão".

Semana após semana, com poucas interrupções, o despretenhoso e não raro ágil *Teatro a Vapor* divertiu os seus leitores. E conquanto não se pudesse esperar de ninguém que fizesse praça de um espírito cintilante em cada diálogozinho que escrevesse, sobretudo um escritor tão necessitado de produzir matéria publicável para o seu viver diário, Artur Azevedo conseguiu efeitos cômicos com um mínimo de linhas e pintou quadros de gênero da vida carioca numa quadra em que as luzes elétricas, os filmes de cinema e os automóveis eram novidades. À sua maneira, desajudado e despercebido, ele reanimou e atualizou a tradicional comédia de costumes, deixando um legado ao teatro brasileiro do futuro, pouco antes de sua morte em outubro de 1908.

AT

DI

AS

O

EU

OS

LE

LI

D

D

E

E

APÊNDICE

Lista da série de sainetes humorísticos e dramáticos do *Teatro a Vapor* de A.A. (Artur Azevedo), tais como foram publicados no vespertino do Rio de Janeiro, *O Século*.

<i>Data</i>	<i>Título</i>	<i>Tópico(s) Principal(ais)</i>
1906		
1. 22 de agosto	Pan-americano	Congresso Pan-Americano no Rio de Janeiro.
2. 30 de agosto	A Verdade	Contando mentiras.
3. 5 de setembro	O Homem e o Leão	Torcendo o rabo do leão.
4. 12 de setembro	A Lista	O recenseamento no Rio.
5. 19 de setembro	"A Casa de Susana"	A suposta imoralidade do palco
6. 26 de setembro	(O número 35 de <i>O Século</i> , que estava faltando nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1970, provavelmente continha um sainete do <i>Teatro a Vapor</i> .)	
7. 3 de outubro	Um Pequeno Prodígio	O menino pianista de onze anos de idade, Miécio Horszowski.
8. 10 de outubro	Coabitar	Maus usos da língua portuguesa.
9. 17 de outubro	Um Como há Tantos!	O Crime da Rua da Carioca.
10. 24 de outubro	Um Desesperado	Idem.
11. 31 de outubro	Um dos Carlettos	Idem.
12. 7 de novembro	Depois do Espetáculo	Idem; O melodrama <i>Fê em Deus, ou, Os Estranguladores do Rio</i> , baseado no crime da Rua da Carioca.

	13.	14 de novembro	Tu pra lá Tu pra cá	Recepção a Afonso Pena, presidente eleito do Brasil.	28.	6 de março	Assembléia dos Bichos; cena fantástica	Fundação de uma Sociedade para a Proteção dos Animais no Rio.
	14.	21 de novembro	Um Cancro	O jogo dos números conhecido como "jogo do(s) bicho(s)".	29.	13 de março	Sem Dote (em seguimento à comédia "O Dote")	Continuação da comédia do autor, "O Dote".
A	15.	28 de novembro	As Opiniões (cena de revista).	Saudação a Pereira Passos, Prefeito do Rio, por ocasião do seu embarque para a Europa.	30.	20 de março	Confraternização	Visita oficial do presidente da Argentina, Julio Roca.
D	16.	5 de dezembro	Projetos	Aumentos propostos dos vencimentos dos funcionários públicos.	31.	27 de março	O Raid (Nota 20)	Concurso hípico da cavalaria brasileira.
A	17.	12 de dezembro	O Mealheiro	Guardando dinheiro a fim de alugar um automóvel para uma excursão.	32.	3 de abril	Depois das Eleições	Eleições Municipais no Estado do Rio de Janeiro.
O	18.	19 de dezembro	Um Grevista	Uma greve de cocheiros em Paris.	33.	10 de abril	Sulfitos	Descobrimto de impurezas na cerveja fabricada no Rio.
E	19.	26 de dezembro	Festas	Gratificação de Natal.	34.	18 de abril	Política Baiana	Desavenças entre dois políticos baianos, Severino e José Marcelino.
	1907				35.	24 de abril	A Cerveja	A cerveja Brahma absolvida pelo júri.
O	20.	2 de janeiro	1906 e 1907	Exame dos acontecimentos de 1906 (em versos).	36.	1 de maio	Higiene	Dieta mortal.
L	21.	9 de janeiro	Senhorita	Tratamento: como dirigir-se às moças.	37.	8 de maio	A Vinda de D. Carlos	A projetada visita do Rei de Portugal ao Brasil; o projetado regresso dos restos mortais do Imperador D. Pedro II.
L	22.	16 de janeiro	"Fé em Deus ou os Estranguladores do Rio" (epílogo)	Epílogo do melodrama do mesmo nome, baseado no Crime da Rua da Carioca.	38.	15 de maio	Um Luís	Visita do Príncipe Luís de Orléans, membro da família imperial; monarquistas brasileiros.
E	23.	23 de janeiro	O Caso do Dr. Urbino	Ameaça de expulsão de um médico português por imperícia ou negligência no exercício da medicina.	39.	22 de maio	O Caso das Xifópagas	A separação de duas irmãs siamesas, mal sucedida intervenção realizada pelo Dr. Chapot Prévost, amigo de Artur Azevedo, no Rio.
	24.	30 de janeiro	Quero Ser Freira!	Oposição paterna ao noivo de uma jovem.	40.	30 de maio	As "Pílulas de Hércules"	Pílulas de masculinidade; <i>vaudeville</i> levado à cena por uma companhia italiana.
	25.	6 de fevereiro	A Domicílio	Popularidade do jogo dos números, o "jogo do(s) bicho(s)".	41.	5 de junho	Entre Proprietários	O projeto de Neri Pinheiro de derrubar as casas térreas no Rio.
	26.	13 de fevereiro	Sonho de Moça	Terça-feira de Carnaval: Carnaval de rua no Rio de Janeiro.	42.	12 de junho	Um Apaixonado	Apresentações extraordinárias de Eleanora Duse no Rio.
	27.	20 de fevereiro	A Escolha de um Espetáculo (NB. Não saiu a coluna <i>Teatro a Vapor</i> de <i>O Século</i> na semana de 27 de fevereiro)	Pobreza de espetáculos teatrais no Rio.				

43.	20 de junho	O Meu Embarço (monólogo)	A visita do autor a Santos.
44.	26 de junho	Dois Espertos	Agitação republicana em Portugal.
45.	3 de julho	Liquidação	Comerciantes ateam incêndios premeditados para receber o dinheiro do seguro.
46.	10 de julho	"Monna Vanna"	Peça italiana, com Eleonora Duse no papel-título.
47.	17 de julho	As Reticências	A peça "Sorte de..."; o palavrão no palco.
48.	25 de julho	Modos de Ver	O Crime de Vila Isabel.
49.	1 de agosto	Reforma Ortográfica	Reforma da ortografia portuguesa.
50.	7 de agosto	Foi Melhor Assim!	Subida de um balão na Praça da República, no Rio.
51.	15 de agosto	O Velásquez do Romualdo	Quadros de mestres que se revelam sem valor.
52.	21 de agosto	O Cometa	Procurando um cometa.
53.	29 de agosto	Economia de Genro	Sogra e genro.
54.	4 de setembro	Os Credores	Conferências públicas pronunciadas por escritores para pagar suas dívidas.
55.	11 de setembro	Os Fósforos	Padres recorrem à mascateação para sustentar uma família.
56.	18 de setembro	Um Ensaio	Discurso pronunciado depois do almoço em homenagem a ilustre visitante francês.
57.	25 de setembro	Opinião Prudente	Política estadual em Niterói: disputa entre dois candidatos à presidência, Backer e Nilo.
58.	2 de outubro	Objetos do Japão	Quinquilharias importadas do Japão.
59.	9 de outubro	De Volta da Conferência	Uma conferência de Guglielmo Ferrero no Rio.
60.	24 de outubro	Cinematógrafos	A novidade dos filmes de cinema no Rio.

61.	1 de novembro	Pobres Animais!	A nova Sociedade Protetora dos Animais no Rio.
62.	6 de novembro	Cinco Horas	A projetada visita de Dom Carlos, Rei de Portugal, ao Brasil.
63.	13 de novembro	Um Bravo	Ataque de surpresa peruano a Tabatinga.
64.	20 de novembro	Um Moço Bonito	"Mocinhos bonitos" que são ladrões ordinários.
65.	26 de novembro	Insubstituível!	O pedido de demissão de Heitor de Melo da comissão que estava preparando a Exposição Nacional de 1908.
66.	4 de dezembro	O Jurado	O caso do Crime da Rua da Carioca vai a júri.
67.	18 de dezembro	Cadeiras ao Mar!	(NB. Não saiu a coluna <i>Teatro a Vapor</i> na semana de 11 de dezembro.) Provocações de argentinos a companheiros de viagem brasileiros num navio inglês.
68.	25 de dezembro	Os Quinhentos	O sonho de ganhar o grande prêmio da loteria na extração do Natal.
1908			
69.	2 de janeiro	Como se Escreve a História	A volta triunfante de Rui Barbosa da Conferência de Paz de Haia.
70.	8 de janeiro	Cena Íntima	Escrevendo cartões de Boas Festas; gratificações de Natal.
71.	15 de janeiro	Que Perseguição!	Visita de uma frota norte-americana ao Rio durante o Carnaval.
72.	22 de janeiro	Um Homem que Fala Inglês	Idem; necessidade de intérpretes.
73.	29 de janeiro	Quem Pergunta Quer Saber	Centenário da abertura dos portos brasileiros aos navios estrangeiros.
74.	5 de fevereiro	Modos de Ver	Assassinio de Dom Carlos, Rei de Portugal, em Lisboa.
75.	12 de fevereiro	Silêncio!...	A alta sociedade vira as costas para os republicanos no Rio.

TEATRO A VAPOR

1. PAN-AMERICANO

Na venda. Manoel, o vendeiro, está ao balcão. O Chico Facada acaba de beber dois de parati.

Chico, limpando os beiços. — Ó seu Manoel?

Manoel. — Diga!

C. — Eu sou um cabra viajado: já fui até ao Acre, mas sou um *ignorante*. Você, que é todo metido a sebo,* me explique o que vem a ser isso de pan-americano.

M. — Sei lá! Pois se a coisa é americano, como quer você que eu saiba? Tenho os meus estudos, isso tenho, mas só entendo do que é nosso. Lá o *americano* sei o que é; o *pan* é que me dá volta ao miolo!

C. — Você ainda tem aquele livro que ensina tudo, e que o copeiro do dr. Furtado lhe vendeu para papel de embrulho?

M. — Ah! tenho! Lembra você muito bem! E é justamente o volume em que tem a letra *p*.

(Vai buscar numa prateleira o segundo volume do dicionário de Eduardo de Faria.)

Ora, vamos ver! Isto é um livro, *seu* Chico, comprado a peso, aqui no cão, por uma bagatela, mas que não dou por dinheiro nenhum! É obra rara!

(Depois de folhear o dicionário.) Cá está! *(Lendo.)* "Pan, deus grego..."

* "Metido a sebo", em vez de "metido a sábio", dito de quem banca o estudioso. (N. do O.)

- C. — (Interrompendo) Grego ou americano?
- M. — Aqui diz grego. Talvez seja erro de imprensa. (*Continuando a leitura.*) “Filho de Júpiter e de Calisto.”
- C. — Que diabo! então ele tem dois pais?
- M. — Naturalmente Júpiter é a mãe. O nome é de mulher. (*Lendo.*) “Presidia ao rebanho e aos pastos, e passava pelo inventor da charamela.”
- C. — Charamela? Que vem a ser isso?
- M. — Lá na terra chamamos nós charamela a uma espécie de flauta.
- C. — De flauta? Então já sei! Isso de pan-americano é uma flauteação!
- M. — (*Fechando o dicionário.*) Diz você muito bem, *seu Chico*: são uns flauteadores! Ora, que temos nós com os pastos e os rebanhos? (*Vai guardar o dicionário.*) Coisas que eles inventam para gastar dinheiro, como se o dinheiro andasse a rodo! (*Em tom confidencial.*) Olhe, aqui para nós, que ninguém nos ouve, o filho de Calisto deve ser o tal Rute, que andou por aí a fazer discursos e a encher o pandulho...
- C. — Por falar em *calisto*: deite mais um de parati, *seu Mánoel!*

2. A VERDADE

Gabinete de trabalho. O Juquinha chegou do colégio, entra para tomar a bênção ao pai, o Dr. Furtado, que está sentado numa poltrona, a ler jornais.

Juquinha. — Bênção, papai?

Dr. Furtado. — Ora viva! (*Depois de lhe dar a bênção.*) Venha cá, sente-se ao pé de mim. (*Juquinha senta-se.*) Saiba que estou muito zangado com o senhor.

J. — Comigo?

Dr. F. — O diretor do colégio deu-me uma bonita informação a seu respeito!

J. — Esta semana só tive notas boas.

Dr. F. — Não é dos seus estudos que se trata, mas do seu comportamento.

J. — Eu não fiz nada.

Dr. F. — O diretor disse-me que o senhor não abre a boca que não pregue uma mentira! Isso é muito feio, sr. Juquinha!

J. — Mas, papai, eu...

Dr. F. — O homem que mente é o animal mais desprezível da criação! Retire-se. (*Juquinha vai saindo penalizado. O pai adoça a voz.*) Olha, vem cá. (*Juquinha volta.*) Tu sabes quem foi Epaminondas?

J. — Lá no colégio tem um menino com esse nome.

Dr. F. — Não é esse. Ainda não sabes, mas hás de lá chegar, quando estudares a história da Grécia. O Epaminondas, de quem te falo, era um general tebano, vencedor dos lacedemônios, que ficou célebre não só pelos grandes feitos que cometeu, como também porque não mentia nem brincando.

J. — Então nem brincando a gente deve mentir?

Dr. F. — Nem brincando! A mentira é degradante. Degradante e inútil: o mentiroso é sempre apanhado. A sabedoria das nações lá diz que mais depressa é pegado um mentiroso a correr que um coxo a andar. O homem honrado — presta-me toda a atenção! — o homem honrado não mente em nenhuma circunstância da vida, ainda a mais insignificante! (*Batem palmas no corredor.*) Quem será? Algum importuno!

J. — Papai, quer que eu vá ver quem é?

Dr. F. — Vá, e se for alguém que me procure, dize-lhe que não estou em casa.

3. O HOMEM E O LEÃO

Num banco da Avenida, em frente ao convento da Ajuda. O Lopes está sentado, pensando na vida. Passa o Rodrigues, vê o amigo e vai sentar-se ao lado dele.

Rodrigues. — Ora viva, o meu caro Lopes!

Lopes. — Ora viva, o meu caro Rodrigues.

R. — Que faz você aqui?

L. — Tomo um pouco de fresco. E você?

R. — Idem, idem. (*Depois de uma pausa.*) Que me diz você do Lulu?

- L. — Que Lulu? O Lulu Gomes? Acho que aquilo é um sonho! A Europa com seis dias? Pois sim!
- R. — Não é do Lulu Gomes que falo.
- L. — Ah! já sei: fala do Lulu de Castro. Parece-me que Wagner...
- R. — Não falo do Lulu de Castro.
- L. — Pois não conheço outros Lulus.
- R. — Então você não ouviu falar do Lulu que meteu o braço na jaula do leão da Maison Moderne — do famoso leão que delicia com os seus maviosos rugidos os moradores do Rocio e ruas adjacentes?
- L. — Ah! sim, li o caso nos jornais e achei extraordinário que esse Lulu se lembrasse de...
- R. — Extraordinário? Engana-se, meu caro Lopes, não há nada mais natural!
- L. — Natural?
- R. — Natural, sim, porque é da natureza do homem provocar leões.
- L. — Acha?
- R. — Nós provocamo-los todos os dias, e ainda bem quando eles são generosos como o de Dom Quixote, ou mesmo como o da Maison Moderne, que se limitou a ferir, podendo ter comido uma mão.
- L. — Ainda hoje comi um, que estava delicioso.
- R. — Meu caro Lopes, eu estou filosofando, e, quando filósofo, falo sério.
- L. — Não sei o que você quer dizer com a sua filosofia. Seja claro, se quer que o entenda, meu caro Rodrigues.
- R. — Pois não é preciso ser muito atilado para entender-me. Quer você um exemplo? O Fausto Cardoso! Que fez ele em Sergipe, atirando contra a tropa? Provocou o leão! Coitado! foi mais infeliz que o Lulu, mas quem lho mandou?
- L. — Agora vejo que provocar o leão é uma imagem.
- R. — Dou-lhe parabéns pela esperteza, meu caro Lopes.
- L. — Obrigado, meu caro Rodrigues.
- R. — Olhe em torno de si... examine a sociedade... observe que a inclinação de todo homem é bulir com o mais forte.

- L. — Afrontar o perigo!
- R. — Ai, mau! Aí está você confundindo as coisas! Afrontar o perigo é para valentes. Há quem vença, afrontando-o, mas não há quem não seja vencido provocando o mais forte, a menos que tenha a proteção divina, como David, quando provocou o gigante. A morte é infalível!
- L. — Perdão, mas o Lulu não morreu...
- R. — Tanto pior para ele!
- L. — Essa agora! Por quê?
- R. — Seria uma bela morte morrer ferido por um leão. Quem sabe o que lhe está reservado? Talvez venha a morrer de uma dentada de macaco!
- L. — Você tem estado para aí a dizer uma série de asneiras, e eu a dar-lhe ouvidos! Ora viva!...
- R. — Reflita, meu caro Lopes, que a palavra *asneira* é derivada da palavra *asno*, e que eu não praticaria uma injustiça retaliando, isto é, dizendo que você é uma besta!
- L. — (*erguendo-se*). Insulta-me!
- R. — Como de nós dois o mais inteligente, quero dizer, o mais forte sou eu, você acaba de meter, não digo o braço, mas pelo menos o dedo na jaula do leão. (*Erguendo-se.*) Retire-o enquanto é tempo!
- L. — Não retiro nada!
- R. — Nesse caso, meu caro Lopes, vá ser burro para o diabo que o carregue, e não me aborreça! (*Afasta-se.*)

4. A LISTA

Em casa de Januário, carregador da Alfândega. Estão em cena de, Bibiana, sua mulher, e Saldanha, mulato metido a sebo, falando difícil; veio visitar o casal.

- Saldanha.* — A propósito: vocês já encheram a lista?
- Januário.* — Que lista?
- S.* — A lista domiciliar para o recenseamento do Distrito Federal.
- J.* — Ah! sim... já ouvi falar... mas não recebi nenhuma lista.

S. — Como não recebeu? É impossível! A distribuição foi geral e homogênea por todos os domicílios e lares domésticos do perímetro da capital!

J. — Esqueceram-se de mim.

S. — Não pode ser! E olhe que a circunstância reveste-se de uma gravidade um tanto climatérica. Quem não enche a lista paga multa.

Bibiana (com um salto). — Murta!

S. — Murta, não: multa. Não confunda uma faculdade financeira do fisco municipalício com um mimoso arbusto das nossas odorantes campinas. Multa!

B. — Este seu Sardanha fala que nem um doutô! (*Indo buscar a lista a uma gaveta.*) Aqui está a lista! Eu escondi ela porque seu Januário era capaz de querê enchê, e eu não queria! Diz que esse papé é pro recrutamento!

S. — Isso é uma idéia que só pode germinar na inconsciência de um cérebro!

J. — Homem, não sei se a Bibiana tem razão. O melhor é não encher a lista e pagar a multa.

S. — Encha a lista, seu Januário! É um dever cívico! O recenseamento é a base anfibológica da civilização pan-americana! (*Tomando a lista.*) Você não tem necessidade de declarar o seu nome. Olhe! (*Lendo.*) “A declaração do nome não é obrigatória.”

J. — Ah! Bem! se não é obrigatória... como a vacina. (*Olhando para a lista.*) E que diz essa “observação importante”? É realmente importante?

S. — Ouça. (*Lendo.*) “O presente recenseamento tem apenas por fim proporcionar à Municipalidade os dados de que ela carece...”

J. — (*interrompendo*). Os dados! Está vendo?...

S. — Que tem isso?

J. — Os dados! Para que a Municipalidade precisa de dados? Ela não joga o gamão!...

S. — Oh, criatura obtusa e circumcisfláutica! * Dados quer dizer... quer dizer...

* “Circumcisfláutico”, palavra burlesca, por “presumido”. (N. do O.)

J. — Quer dizer soldados. Tiraram-lhe o sol, para a coisa não ficar muito clara... O que eles querem são soldados! Nada! não encho a lista! Pago a multa mas não encho a lista!...

B. — Muito bem, seu Januário, muito bem!

S. — (*Volviendo os olhos para o céu.*) Meu Deus! triste apatnágio o da ignorância!

5. A CASA DA SUSANA

Amélia está no seu “boudoir”. Acaba de despir-se, ajudada pela mucama. Voltou do teatro com o marido, o comendador, que depois do chá se recolheu a dormir como um bem-aventurado. É uma hora da noite.

A Mucama. — Nanhã gostou do drama?

Amélia. — Não era um drama, era um vaudeville.

A M. — Engraçado?

A. — Não; não tem graça nenhuma, porque é muito imoral. Eu queria vir para casa no fim do primeiro ato, mas o comendador entendeu que devíamos ficar até o fim! Se aquilo é espetáculo a que um marido leve a sua esposa...

A M. — Ih!... Nanhã como está indignada!...

A. — Pudera! Uma senhora honesta não deve sancionar com sua presença a exibição de semelhantes peças: dá má idéia de si.

A M. — Como se chama o vaudeville, nanhã?

A. — *A Casa de Susana.* Só esse título!

A M. — Susana? É aquela francesa velha que de vez em quando faz benefício?

A. — Não; é outra de igual nome, mas muito pior. Não podes imaginar o que aquilo é! Eu estava a ver o momento em que mesmo em cena... Que Horror! Nunca senti tanto fogo nas faces!...

A M. — Por que nanhã não se retirou do teatro?

A. — Já te disse que me quis retirar, mas o comendador, que dá o cavaquinho pela pornografia, dizia-me: — Espere, senhora; deixe-me ver até onde vai esta pouca vergonha!

A M. — Pronto! — Nhanhã não precisa de mais nada?

A. — Não; podes te ir deitar, mas, antes disso, vê se o comendador já está dormindo. (*mucama sai e volta.*) Então?

A M. — Está ferrado no sono, roncando que é um louvar a Deus!

A. — Bem. Podes ir. Boa noite.

A M. — Boa noite, nhanhã.

(*mucama sai. Amélia diminui a força ao gás, e fica envolta numa doce meia-luz, em cuja sombra se destacam suavemente as rendas brancas da sua camisola. Depois, ela vai abrir, sem rumor, uma janela que dá para o jardim. Ouve-se um assobio.*)

A. — (*A meia voz, para o jardim.*) Podes vir... (*Pausa. Henrique aparece no jardim, apóia as mãos no peitoril da janela, dá um salto e entra no "boudoir". Amélia fecha a janela.*)

A. — Meu Henrique!...

Henrique. — Minha Amélia!... (*Atiram-se nos braços um do outro e beijam-se longamente.*)

H. — Ele dorme?

A. — Profundamente. — Queres saber o que me fez hoje aquele bruto?

H. — Dize.

A. — Levou-me à Casa da Susana!

H. — (*com um sobressalto.*) Que Susana?

A. — É uma peça de teatro.

H. — (*Compreendendo.*) Ah!

A. — Uma peça do tal gênero livre.

H. — Que tem isso?

A. — Uma imoralidade que não deve ser vista nem ouvida por uma senhora honesta.

H. — Olha, sabes que mais, meu amor? Deixemo-nos de hipocrisias! O teatro é ficção, é fantasia, é mentira; e esta realidade... sim, o que nós estamos fazendo, o que nós vamos fazer, é muito mais imoral.

A. — Pois sim, mas ninguém vê... ninguém sabe... (*Com frenesi.*) Meu Henrique!

H. — Minha Amélia! (*Atiram-se de novo aos beijos, etc.*)

7. UM PEQUENO PRODÍGIO

Sala em casa do Guimarães. A família está reunida. A senhora e as senhoritas não dizem palavra. O Chiquinho adormeceu numa cadeira. O Doutor que está de visita acaba de dizer maravilhas do pequeno pianista Miécio Horszowski.

Guimarães. — Olhe, doutor, não é por falar mal... mas um dos nossos graves defeitos (nossos, isto é, de nós, brasileiros) é a facilidade com que exaltamos tudo quanto nos chega do estrangeiro e desprezamos o nosso!

Doutor. — Perdão, mas quando aparece um gênio que seja realmente um gênio...

G. — Que gênio, que nada! Afirmo-lhe que se o... Como se chama o tal menino?

D. — O primeiro nome é Miécio.

Toda a Família. — Miécio?!

D. — Miécio, sim!

G. — Miécio! ora vejam se isso é nome de pianista!

D. — O segundo é mais arrevesado: começa por *h* e acaba por *i*.

As Senhoras. — Hi!...

G. — Se ele se chamasse Francisco e houvesse nascido no Rio de Janeiro, ninguém lhe prestaria atenção!

D. — Não é tanto assim, todas as vezes que aparece entre nós uma vocação...

G. — Tratamos de esmagá-la, de aniquilá-la, de inutilizá-la! No Brasil, ter talento artístico é um crime! Se o Carlos Gomes não tivesse ido para a Itália, podia escrever quantos *Guaranis* quisesse, que ninguém lhe daria importância!

D. — Não diga isso! No Brasil não houve ainda nenhum menino prodígio como esse pianista de onze anos que aí está.

G. — Quem lhe disse? O doutor não pode adivinhar... a imprensa não diz nada... o brasileiro é naturalmente acaanhado e modesto...

D. — Conhece você algum menino brasileiro nessas condições?

G. — Não me fica bem dizê-lo, mas conheço.

D. — Quem é?

- G. — É meu filho, o Chiquinho, que tem a desgraça de não se chamar Miécio. (*Aponta para o Chiquinho, que dorme.*) Está com quatorze anos, mas aos onze já tocava piano admiravelmente e digo-lhe mais, sem ter aprendido música, tocava tudo de ouvido! Não conheço o tal russo, polaco ou lá o que seja, mas não o troco pelo meu Chiquinho!...
- D. — Desculpe, eu não sabia que você tivesse um gênio em casa!
- G. — Pois tenho, sim, senhor! E já agora não o deixo sair sem ouvir o Chiquinho tocar alguma coisa. (*Gritando.*) Ó Chiquinho!
- Chiquinho.* — (*Acordando sobressaltado.*) Senhor?
- G. — Vai tocar a valsa da *Bohemia*, para o doutor ouvir.
- Ch.* — (*bocejando*). Ora, papai!
- As Senhoras.* — Toca, Chiquinho!
- G. — É o que lhe digo, doutor, a modéstia é que nos mata! Aposto que, se fosse o Miécio, já estava sentado ao piano! (*Ao Chiquinho.*) Anda! Obedece!... (O Chiquinho ergue-se estremunhado, vai para o piano e toca a valsa da *Bohemia*.)
- D. — (*batendo palmas*). Muito bem! muito bem!...
- G. — E aquilo é de ouvido! Imagine se ele soubesse música!...

8. COHABITAR *

Sala na casa de pensão em que mora o Guedes. Este acaba de voltar de uma viagem à Bahia. Estão na sala o Pereira, dono da casa, e o Lemos, hóspede. Entra o Guedes.

Lemos. — Ó Guedes, você ainda não disse as impressões que trouxe da Bahia!

Guedes. — Muito boas! Aquilo é uma grande terra!

Pereira. — Dizem que há lá muita sociabilidade.

G. — (*que não percebeu*). Como?

* Manteve-se o *h* de *cohabitar*, eliminado pela reforma ortográfica hoje vigente, porque é exigido pelo próprio desenvolvimento da história (N. do O.)

- P. — Muita convivência.
- G. — Isso há, seu Pereira... as famílias visitam-se... os moços cohabitam com as moças...
- P. — Hein?
- L. — Como é lá isso?
- P. — Oh, seu Guedes! olhe que isso não pode ser!
- G. — Como não pode ser?
- P. — É impossível que na Bahia os moços cohabitam com as moças...
- G. — Ora essa! então eu não vi?
- L. — Que entende você por *cohabitar*?
- G. — É... é...
- L. — É uma indecência... uma inconveniência... uma coisa que não se diz!...
- G. — (*inflamando-se*). Está muito enganado! *Cohabitar* é... (*Voltando-se para o Pereira.*) Você tem aí um dicionário?
- P. — Pois não! (*Sai.*)
- G. — Vamos ao tira-teimas!
- L. — Você vai ficar com uma cara deste tamanho!
- G. — É o que havemos de ver!
- P. — (*voltando com o dicionário*). Cá está o Aulete!
- L. — Vamos lá, Guedes! Procure *cohabitar*.
- G. — (*depois de levar muito tempo a folhear o dicionário*). Não dá! Não dá!
- L. — Vejam!
- L. — Perdão, você está procurando com u, deve ser com o.
- G. — Tem razão. Onde estava eu com a cabeça? (*Depois de folhear de novo o dicionário.*) Não dá! Também não dá com o! Veja: de *coa* para para *coacção*! Não dá com u nem com o!
- L. — Valha-o Deus, Guedes, valha-o Deus! Você está procurando sem *h*.
- G. — Sem *h*? Que *h*?
- L. — *Cohabitar* tem um *h*.
- G. — Isso é conforme!

- L. — Que conforme, que nada! Dê cá o dicionário! (*Depois de procurar a palavra.*) Olhe, leia, seu teimoso, leia e aprenda! (*Lendo.*) “Cohabitar, habitar, viver conjuntamente.”
- G. — Mas isso...
- L. — Agora veja o que o Aulete acrescenta entre parênteses. (*Lendo.*) “Diz-se particularmente de duas pessoas de diferente sexo.”
- G. — (*furioso*). Perdão! eu não disse particularmente, mas alto e bom som, e só não me ouviu quem não me quis ouvir! (*Batendo com a mão espalmada sobre a mesa.*) Eu não sou homem que diga as coisas particularmente! (*Sai zangadíssimo.*)
- P. — Admira que ainda o não tenham feito senador da República!

9. UM COMO HÁ TANTOS!

Na sala de jantar do Borba, às 10 horas da noite, depois do chá. Toda a família está sentada em volta à mesa. O Borba lê um jornal; D. Mimi, sua esposa, palita os dentes; Miloca e Gigi, suas filhas, conversam.

- D. Mimi. — São horas de recolher. Meninas, arrumem a mesa; porque o copeiro não está em casa; pediu para dormir fora.
- Borba. — (*arremessando para longe o jornal que estava lendo.*) É uma vergonha esta nossa polícia!
- Miloca. — Por que, papai?
- B. — Vocês leram a notícia do assassinato da rua da Carioca?
- Gigi. — Lemos, sim senhor.
- B. — Pois aquele menino a bater desesperadamente à porta depois de uma hora da noite, e não haver um guarda-noturno a quem o fato causasse espécie! Se a polícia acudisse, os ladrões estavam presos e o pequeno não seria assassinado!
- D. M. — Mas a polícia não tinha grandes motivos para acudir; não podia adivinhar que houvesse ladrões dentro daquela casa...

- B. — E a loja apagada? Uma loja de ourives que ficava acesa toda a noite? Qual! vocês convençam-se de que nós não temos polícia!
- D. M. — Não é tanto assim.
- B. — O que lhes afianço é que, se eu fosse chefe de polícia, todos aqueles ladrões e assassinos já estavam filados, e eu farto de saber que fim tinha levado o Cartucci! *
- G. — Que pena papai não ser chefe de polícia!
- M. — Se o Afonso Pena soubesse...
- B. — Olhem, meninas, eu não sou uma autoridade policial, sou um simples cidadão, mas se por acaso passasse pela rua da Carioca e visse o Paulino a bater aquela forma, e a loja apagada, chamava a patrulha, mandava arrombar a porta e era o primeiro a entrar!
- D. M. — (*com um sorriso incrédulo*). Você?
- B. — Eu, sim! Quando trago comigo este companheiro inseparável, não tenho medo de homem! (*Tira do bolso e mostra um revólver.*)
- M. — Guarde isto, papai! Com armas de fogo não se brinca! A Cozinheira (*entrando assustada*). — Patrão! Patrão!
- Todos. — Que é?
- Cozinheira. — Tem gente ao galinheiro!
- Todos. — Hein?
- C. — Parece que são gatunos!
- B. — (*tremendo*). Gatunos?!
- C. — As galinhas estão fazendo muita bulha!
- B. — Que diabo! O copeiro não está aí?
- D. M. — Foi dormir fora.
- B. — Então não há um homem em casa?
- D. M. — Há você!
- B. — Sim, mas acham que eu deva expor a vida por causa de umas miseráveis galinhas? (*À cozinheira.*) A porta do quintal e as janelas estão bem fechadas?
- C. — Estão, sim senhor.

* “O Cartucci”: parece erro de imprensa por “o Carluccio”.

B. — Então eles que roubem as galinhas à vontade! Amanhã renova-se o galinheiro! O que isso pode custar? Uns cinqüenta ou sessenta mil réis!

D. M. — Mas você poderia passar o braço pela janela da cozinha e dar um tiro ao menos para assustar os ladrões...

B. — Nada! Se eu abrir a janela, eles podem saltar cá para dentro! Não é por mim, é por vocês!

Miloca e Gigi. — Ora! dê o tiro, papai!

B. — Não, minhas filhas, não vale a pena! Se fossem jóias, sim, mas galinhas... Deixá-los roubar à vontade!

10. UM DESESPERADO

Na sala. D. Leopoldina e suas filhas, quatro gentis senhoritas, discutem o crime da rua da Carioca. O Dr. Chiquinho aparece no limiar da porta.

Dr. Chiquinho. — Dão licença, minhas senhoras?

Todas. — (*Levantando-se em alvoroço.*) Olhem quem ele é! O Doutor Chiquinho! Entre, Doutor Chiquinho! Como tem passado? Há quanto tempo não aparecia! Dê cá o chapéu! Dê cá a bengala! Sente-se. (*Sentam-se todos.*)

D. Leopoldina. — Que bons ventos o trouxeram a esta casa? Vou mandar repicar os sinos!...

Dr. Chiquinho. — Eu lhe digo, minha senhora. Há dias que estou desesperado!

Todas. — Desesperado?!

Dr. Ch. — Desesperado é o termo! Em casa, ao almoço, no consultório, no juízo; na rua do Ouvidor, na avenida, no meu alfaiate, no meu barbeiro, no Castelões, no bonde, ao jantar, em toda a parte, enfim, não ouço falar senão no crime da rua da Carioca!

D. L. — Que coisa horrorosa, hein, Dr. Chiquinho?

Dr. Ch. — Lembrei-me então de vossas excelências... Ali, disse eu aos meus botões, com certeza não ouvirei falar de Carletto e Rocca... Aquelas senhoras só gostam de conversar sobre modas, bailes, teatros, passeios, etc. Lá estarei livre desse maldito assunto, que é o meu desespero!

1.^a Senhorita. — O senhor sabe se o Carletto já foi preso?

Dr. Ch. — Não, minha senhora, não sei! Não sei nem quero saber! Vossas excelências estiveram no festival do Parque?

2.^a Senhorita. — Há de ser difícil pegar o Carletto! Dizem que é muito esperto e disfarça-se com habilidade...

3.^a Senhorita. — Ora! o Rocca era também muito esperto e lá está!

4.^a Senhorita. — O Rocca foi imprudente... devia ter fugido como o Carletto; não acha, Dr. Chiquinho?

Dr. Ch. — (*resignado.*) Acho.

Uma voz (*passando na rua.*) — Quando o Carletto tomou o trem em Cascadura... (*Perde-se a voz.*)

D. L. — O Rocca diz que não fugiu logo para despedir-se da família.

3.^a S. — Como se aquilo pudesse ter amor à família!

2.^a S. — Por que não, sinhá? A alma humana é um mistério.

1.^a S. — Eu acho que a mulher e os filhos do Rocca são dignos de piedade; não acha, Dr. Chiquinho?

Dr. Ch. — Acho. (*Aparte.*) Onde me vim meter!...

Um moleque (*entrando a correr e dirigindo-se a D. Leopoldina.*) — Nanhã! nanhã! tavum dizendo ali na venda que o resto das jóia já foi encontrado em São Paulo!

Todas. — Já?!

O m. — Foi um home que entrou na venda que disse.

1.^a S. (*ao moleque.*) — Vai ver se a Notícia deu segunda edição.

O m. — Que dê tostão?

1.^a S. — Toma. (*O moleque sai correndo.*)

3.^a S. — Se foi encontrado o resto das jóias, ainda bem para o tio do Carlucci.

2.^a S. — Ora! ele também não era grande coisa: comprava contrabandos.

1.^a S. — Assim fazem todos.

Dr. Ch. — Mas... se falássemos do Miécio ou do concerto do Arthur Napoleão... ou do cavalo que dança o maxixe no São Pedro!... Vossas excelências já viram o cavalo que dança o maxixe?...

D. L. — Que coisa horrível matar para roubar!

1.^a S. — Felizmente os brasileiros não dão para isso.
 2.^a S. — Olha o Saturnino!
 3.^a S. — Olha o Salgado!
 4.^a S. — Olha o Pires! Nenhum deles matou.
 D. L. — Mas o tal Rocca e o tal Carletto... que monstros!...
 Dr. Ch. — Vossas excelências já foram ver a luta romana?
 1.^a S. — Também se o povo os apanha!
 2.^a S. — Faz justiça por suas próprias mãos!
 3.^a S. — E faz muito bem; não acha, Dr. Chiquinho?
 Dr. Ch. — (*erguendo-se*). Minhas senhoras, a conversa está muito agradável, mas eu peço licença para retirar-me!
 Todas. — Já! Ora, fique mais um instantinho! Não se demorou nada! Então, Dr. Chiquinho?
 D. L. — Meu marido não tarda aí.
 Dr. Ch. — Não posso, minhas senhoras: lembrei-me agora de de que preciso ir a outra parte... Minhas senhoras...
 (*Vai saindo e encontra-se com o dono da casa, que entra.*)
 O Dono da Casa. — Olé! estava aí, Dr. Chiquinho;...
 Dr. Ch. — Estava, mas retiro-me.
 O D. — Com a minha chegada?
 Dr. Ch. — Ora essa! (*Vai saindo.*)
 O D. — Olhe! Espere!... sabe que do Carletto nem novas nem mandados?
 Dr. Ch. — Livra! (*Foge.*)

11. UM DOS CARLETTOS

No gabinete do Pereira.

Pereira. — (*falando pela janela*). Psiu! ó Sôr Zé? ... o homem já lá está? ...
 A Voz do Chacareiro. — Não senhor, ainda não apareceu; é cedo ainda; mas deixe-me dizer, patrão: pelos sinais que me deram não parece que seja o Carletto...
 P. — Não parece? Mais uma razão para ser ele! Disfarçou-se!
 — Bom; vá, e logo que ele entrar, venha dizer-me.
 A voz do ch. — Sim senhor.

D. Laura. — (*que tem entrado sem ser pressentida*). Que conciliábulos são esses com o chacareiro?
 P. — Ouviste?
 D. L. — Não; não ouvi nada.
 P. — Teriho vontade de te dizer tudo, mas segredo em boca de mulher é manteiga em focinho de cão.
 D. L. — Trata-se então de um segredo?
 P. — (*baixando a voz*). Creio que deitei a mão ao Carletto!
 D. L. — Você?!
 P. — Há três noites que um indivíduo penetra furtivamente na chácara e mete-se na cocheira abandonada. O chacareiro foi prevenido disso hoje à tarde. Não pode ser outro senão o Carletto!
 D. L. — Por quê?
 P. — Porque sim! Uma voz interior me diz que é ele! Se prendo o bandido, imagina que glória para mim! Que glória e que gratificação! Sim, porque estou certo de que serei bem gratificado!
 D. L. — Há apenas um pequeno obstáculo.
 P. — Qual?
 D. L. — É que o Carletto já foi preso.
 P. — Que me dizes?
 D. L. — Como hoje é domingo e você não saiu de casa, de nada soube. Mas, olhe, cá está o boletim da *Gazeta*!
 P. — (*depois de passar os olhos no boletim*). Estou roubado! ... — Entretanto, vou dar um giro até à cocheira, a ver se apanho o meliante!
 D. L. — Ora! algum vagabundo... (*Pereira sai. D. Laura faz um sinal para o interior da casa, senta-se à mesa e escreve apressadamente.*) “Meu querido: bem te dizia eu que essa história da cocheira era uma imprudência. Já disseram ao Pereira que há três noites entra lá um homem, e ele supôs que fosse o Carletto. Não voltes lá se não queres ser apanhado. Da tua — L.” (*A um moleque que entra.*) Vai levar esta carta depressa, correndo, à pessoa que já sabes... cuidado!... (*O molecote mete a carta no bolso e sai correndo.*)

12. DEPOIS DO ESPETÁCULO

Numa casa de iscas, com ou sem elas, depois da meia-noite. O Antônio está ceando; entra o José.*

José. — Ó Antônio, estás a fazer bem à barriga?

Antônio. — Vim às iscas; se és servido, senta-te e come pra aí!

J. — Também vim a elas, mas olha lá: não quero que pagues!

A. — Pois senta-te rapaz; no fim fazemos contas. Mas, como estás suado!

J. — Se te parece! Fui ver os *Estranguladores!* Tenho a camisa que se pode torcer! E logo hoje me esqueci de trazer lenço! (*Ao criado.*) Vê se me arranjas um guardanapo!

A. — E que tal? É obra, hein?

J. — Ora, não me fales! Trocaram tudo!

A. — Como trocaram tudo?

J. — Pois então! Tinham-me dito que a coisa era c'o Rocca mal'ó Carletto, e que eles matavam o Caruxo e mal'o** Polino c'o pano em riba. E olha que era mesmo assim; mas diz que a polícia num quis, que era pro mode nam assanhar o povo.

A. — Mas mudaram os nomes, ou cumo foi?

J. — Mudaram tudo!

A. — Mudaram como?

J. — Mudaram pra francês, e ficou uma embrulhada que nem o diabo entende! (*Limpando-se com um guardanapo já servido, que o criado trouxe.*) Olha como estou alagado!

A. — Bem fiz eu em não lá ir!

J. — Basta que te eu diga que lá o Caruxo é uma condessa, e tudo assim por diante. Mas o raio da peça tem o que se lhe diga, isso tem! O Rocca mal'ó Carletto estão c'os nomes trocados, mas a gente logo vê que sam alles.

A. — E a autoridade não aparece?

J. — Aparece, mas é um Quetano Júnior lá de Paris. Pois se te estou dizendo que mudaram tudo pra francês.

* "Isclas, com ou sem elas": fritas com ou sem batatas. Prato português de tiras de fígado. (N. do O.)

** "Mal-o", por "mai-lo", da língua popular portuguesa, no sentido de "além de". (N. do O.)

A. — Nanja que eu lá ponho os pés!

J. — Guarda-te para os *Ladrões do mar*, que já estão anunciados. Diz qu'o Dias Braga faz o Pegato. Mas hás de ver que trocam tudo outra vez. Nam, que eles nem querem assanhar o povo, e vamos lá, Antônio, vamos lá que não deixam de ter razão. Passa-me as iscas.

13. TU PRA LÁ TU PRA CÁ

Lousada, sujeito de meia-idade; Carolina, mulata gorda.

Lousada. — Ó Carolina, puseste ao sol a cartola e a sobreca-saca?

Carolina. — Sim, senhô.

L. — Vai buscá-las.

C. — (*trazendo os objetos perdidos*). O senhô vai fazê alguma visita de importância?

L. — Vou à central receber o Pena.

C. — Que Pena?

L. — O futuro presidente da República.

C. — O Senhô conhece ele?

L. — Se o conheço! Ora essa! Tratamo-nos por tu!

C. — Saia daí, seu Lousada! deixe de prosa! . . .

L. — De prosa como?

C. — Faz quatro ano que o senhô foi à centrá recebê o Rodrigue Arve, e também nessa ocasião me disse que tratava ele por tu. . .

L. — E então?

C. — Ora! naquele dia em que a gente foi nas regata de Botafogo, o Rodrigue Arve passou juntinho de nós. O senhô fez uma grande barretada, e ele nem como coisa, e foi passando. Quá! não acredito que o senhô trate ele por tu!

L. — Estás enganada. O Chico não me viu. Nessas festas não vê ninguém. Além de ser míope, é muito encalistrado. Então quando ouve tocar o hino é uma desgraça! E no momento em que ele passou para entrar no pavilhão, estavam tocando o hino.

C. — E o senhô por que cumprimentou ele com tanta cerimônia?

- L. — Não cumprimentei o homem: cumprimentei o presidente da República!
- C. — Ele viu perfeitamente o senhô, e não fez caso.
- L. — Já te disse que o hino; mas... quando não fosse? Esses homens, quando grimpam às altas posições, esquecem-se naturalmente dos amigos pobres. Vê, por exemplo, o... o... Quem há de ser? O Cardoso da botica. Ele e eu tratamo-nos por tu, não é? Pois bem: faze o Cardoso presidente da República, e verás! Se queres conhecer o vilão...
- C. — Sim o Cardoso da botica o senhô trata por tu, mas o Rodrigue Arve não.
- L. — Ó mulher! O Chico e eu no tempo da monarquia, éramos tu para lá tu pra cá!
- C. — Então o Chico é muito ruim, porque o senhô ainda não tem um bom emprego, e não é por não pedir.
- L. — Olha, talvez ele não me servisse justamente por sermos íntimos. Os amigos do chefe do Estado estão sempre de mau partido, porque com os amigos não há cerimônias, e são eles os sacrificados. Se eu não tivesse tanta familiaridade com o presidente da República, a estas horas estaria bem colocado!
- C. — Nesse caso o senhô não arranja nada também com o Pena.
- L. — Por quê?
- C. — Pois não trata ele por tu?
- L. — É certo; mas não há regra sem exceção. Deixa estar que logo, quando ele saltar do trem, hei de achar meio de lhe segredar ao ouvido: "Afonso, meu velho, não te esqueças de mim..."
- C. — Deixe de gabolice! Tratar por tu custa muito. Olhe, eu que estou metida com o senhô há tantos anos, ainda não me acostumei a lhe tratar por tu!

14. UM CANCRO

(No quarto de Magalhães, que se veste, ajudado pela senhora.)

Magalhães. — Até que afinal temos um chefe de polícia!

A S. — Por quê?

- M. — Porque está disposto a acabar com o tal jogo dos bichos!
- A S. — Pois olha, Magalhães, é pena!
- M. — Não digas isso, mulher! Pois não vês que o jogo dos bichos é um cancro da sociedade?
- A S. — Sim, não duvido, tem-no dito muitas vezes; mas como tenho sido feliz...
- M. — Tu?! pois tu jogas nos bichos?!...
- A S. — Sim, confesso-te, mesmo porque não quero por mais tempo guardar esse segredo... Sim, eu sei que tu és contra o jogo, mas já duas vezes acertaste na centena... Nos grupos tenho sido de uma felicidade inaudita... ainda ontem ganhei cento e vinte mil réis!
- M. — Que me estás dizendo, mulher?!
- A S. — Nada te dizia para te não contrariar; mas com que dinheiro reformei a mobília da sala de jantar?... com que dinheiro comprei na Casa Colombo aquele terno que te ofereci no dia dos teus anos, e de que tu tanto gostas?... Tudo dinheiro dos bichos!...
- M. — Supus que fossem as balas.
- A S. — Qual! as balas não dão assim tanto lucro. Olha, tu estás sofrendo do fígado e o médico recomendou-te uma estação em Cambuquira...
- M. — Estação que não posso fazer...
- A S. — Podes, sim. Em março iremos a Cambuquira... Já tenho para isso oitocentos mil réis guardados, e se consentes que eu continue a jogar, affianço-te que reunirei dois contos de réis, porque sou muito feliz. Agora, se não consentes, é outra coisa... Sou uma esposa obediente... Só faço o que meu marido quiser que eu faça...
- M. — Mulher, que te hei de dizer? Joga... vai jogando...
- A S. — Mas não dizes que o jogo é um cancro da sociedade?
- M. — É um cancro para quem perde.
- A S. — Hoje tenho um palpito enorme no gato.
- M. — Pois joga no gato!
- A S. — O diabo é o chefe de polícia...
- M. — Deixa lá, que o chefe de polícia não fará maiores milagres que os outros! Era só o que faltava, que por

causa do chefe de polícia eu não fosse em março a Cambuquira tratar do meu fígado!

15. AS OPINIÕES

(CENA DE REVISTA)

Na Avenida Beira-Mar

A Comadre. — Que mais desejas?

O Compadre. — Desejava saber exatamente o juízo que este povo forma do Dr. Pereira Passos. Tenho observado que uns dizem dele cobras e lagartos, e outros o põem nos cornos da lua!

A C. — Olha, ali vêm dez opiniões; interroga-as.

O C. — Opiniões aquilo?

A C. — Bem vê; não há duas que se pareçam.

(Entrada ruidosa das opiniões, que cantam uma valsa.)

O C. — Façam favor de me dizer o que é o Dr. Pereira Passos.

1.^a *opinião.* — É um grande homem! Transformou o Rio de Janeiro!

2.^a *opinião.* — Ora viva! com aqueles processos de fazer dinheiro, não há quem não seja grande homem! Assim poder-se-ia transformar todo o Brasil!

3.^a *opinião.* — Não olho senão para o resultado; não discuto os meios. O resultado é o que estamos vendo. Só a Avenida Beira-Mar bastava para imortalizar o Passos!

4.^a *opinião.* — Mas esse homem esbulhou o direito de muita gente; não respeitou a propriedade alheia; causou muito desespero e muitas lágrimas!

5.^a *opinião.* — Por outro lado causou também muitas alegrias e deu muito dinheiro a ganhar! Há muita gente que o adora!

6.^a *opinião.* — Há também muita gente que o odeia, e o ódio contra os potentados é terrível!

7.^a *opinião.* — Já se pode andar na cidade: já temos grandes extensões de ruas bem calçadas, e só aos sapateiros não agradam tais benefícios.

8.^a *opinião.* — Faltava ao Passos o sentimento estético. Deixou construir muita casa feia. Pôs aquele mostrador de em-

padas no centro da praça da Carioca! Pôs um mitório no meio de uma praça pública, em frente a uma secretaria de Estado!

9.^a *opinião.* — De mitórios foi ele pródigo. É o prefeito mais diurético que temos tido!

10.^a *opinião.* — Nenhum brasileiro mostrou ainda tanta energia e tanta atividade aos setenta anos! É um exemplo aos moços!

(As Opiniões retiram-se cantando como ao entrar.)

A C. — Então?

O C. — Pesando todas estas Opiniões, chego ao seguinte resultado: o Dr. Pereira Passos não é um homem perfeito porque não há ninguém perfeito, nesta vida, mas é um homem excepcional, um brasileiro benemérito, e pois que ele hoje parte para a Europa, faço votos para que volte breve, e continue a servir o seu país, até morrer... de velhice.

16. PROJETOS

Na sala de jantar do Antunes, à noite. A família está reunida. O dono da casa cochila na cadeira de balanço. D. Rosália, sua mulher, conserta meias. Das senhoritas, que são três, uma cose e duas fazem crochê. Cazuza, menino de doze anos, vê as figuras do "Tico-Tico".

D. Rosália. — Meninas, vocês viram o projeto do Alcindo Guanabara?

As Meninas. — Que projeto?

D. R. — *(Arremedando-as.)* Que projeto? *(Em tom natural.)* Vocês só sabem de modas!... O projeto unificando os vencimentos dos funcionários públicos.

1.^a *Senhorita.* — Papai lucra com isso alguma coisa?

D. R. — Decerto! Vosso pai, que atualmente ganha... Quanto é mesmo, Antunes?

Antunes. — *(de olhos fechados e voz arrastada.)* Sete contos e duzentos.

D. R. — Ficaré ganhando doze contos!

- A. — Fora os descontos.
- 1.^a S. — Doze contos! Quem bom! Só assim terei um colete novo!
- 2.^a S. — E eu poderei comprar aquele chapéu que vi nas Fazendas Pretas!
- 3.^a S. — E eu realizar o meu sonho, que é possuir um relógio com *chatelaine art nouveau*!
- Cazuza. — (*Sem tirar os olhos do "Tico-Tico".*) Eu só quero uma bicicleta! Quando vem esse cobre?
- D. R. — Calem-se! O projeto ainda não passou!
- A. — Nem se sabe se passará...
- D. R. — Quando houver mais algum dinheiro nesta casa, a primeira despesa a fazer é reformar a mobília da sala de visitas, que está toda bichada.
- 1.^a S. — Ora, mamãe! a mobília pode esperar, e eu preciso muito de um colete novo!
- 2.^a S. — O meu chapéu está indecente!
- 3.^a S. — Um relógio e uma *chatelaine* não custam os olhos da cara!
- C. — (*Atirando de mau modo o "Tico-Tico".*) Não há menino pobre que não tenha bicicleta!
- Dr. R. — Isso é lá com vosso pai!
- A. — (*abrindo os olhos.*) Se vier o aumento (o que duvido, porque quando a esmola é muita o pobre desconfia), em primeiro lugar farei o possível para ficar livre de dois agiotas que me tiram couro e cabelo, e tratarei de pagar aos outros credores. Depois veremos. (*Olhando tristemente para os pés.*) Também eu preciso de umas botinas, que estas, compradas há três anos, estão rasgadas e já levaram duas meias solas e dois remontes!...

17. O MEALHEIRO

Na sala de jantar do Sr. Barradas. Estão em cena ele e sua mulher, d. Quitéria.

Barradas. — Ó Quitéria, foi você quem tirou um níquel de quatrocentos réis que estava no bolso do meu colete?

Quitéria. — Não. Você bem sabe que não tenho o costume de revistar-lhe as algibeiras.

B. — Que diabo! Aqui andam gatunos! Ultimamente tenho dado por falta dos trocos miúdos. Você tem confiança na cozinheira?

Q. — Toda, e, demais, ela não entra no nosso quarto. Só se foram as meninas!

B. — Isso é fácil de averiguar. (*Chamando.*) Zizinha! Bicota! *As Vozes das Senhoritas.* — Senhor?

Barradas. — Venham cá. (*À Quitéria.*) Vou abrir um inquérito. Vais ver como tenho jeito para autoridade policial! (*As senhoritas entram.*) Meninas, de tempos a esta parte têm-me desaparecido níqueis do bolso do colete. (*As senhoritas entreolham-se.*) Digam-me com toda a franqueza se são vocês que... (*As senhoritas baixam os olhos.*) São vocês, confessem!...

Zizinha. — Confessamos.

Bicota. — Somos nós.

Barradas (*a Quitéria*). — Vês que perspicácia? E não se aproveita um homem como eu! Ah! se o Alfredo Pinto me conhecesse!...

Q. — Mas para que vocês furtaram os níqueis de seu pai?

Z. — Não eram só os de papai...

Bi. — Eram também os de mamãe...

Z. — Eram quantos níqueis apanhávamos à mão.

Bi. — Todas as vezes que pilhávamos um níquel descuidado, nhape!

Z. — Não nos escapava nenhum vintém vagabundo!

Ba. — Até os vinténs! Mas para quê?

Bi. — Para meter no mealheiro.

Ba. — Que mealheiro?

Zi. — Um mealheiro que temos lá no nosso quarto, e há três meses que estamos a encher.

Bi. — Quer ver, papai? (*Corre ao quarto e volta trazendo o mealheiro.*) Aqui dentro há dinheiro do papai, da mamãe e nosso. O mealheiro só se abrirá quando tiver quinze mil réis.

Ba. — Quanto já tem?

- Zi. — Não sabemos... perdemos a conta...
- Ba. — (*pesando o mealheiro nas mãos*). Aqui há mais de quinze mil réis. Ora espera! (*Vai buscar um ferro e abre o mealheiro, apesar dos protestos das senhoritas. As moedas espalham-se sobre a mesa.*) Contemos! (*Conta-se o dinheiro.*) Que lhes dizia eu? Dezesseis mil e duzentos!
- As senhoritas (*contentes*). — Que bom! que bom! Já temos os quinze mil réis!...
- Ba. — Mas para que estão vocês a juntar este dinheiro há três meses?
- Bi. — Papai não se zanga?
- Ba. — Não.
- Zi. — Mamãe não ralha conosco?
- D. Quitéria. — Não.
- Bi. — É para darmos todos quatro um passeio em automóvel!

18. UM GREVISTA

A cena passa-se em Paris, durante uma greve de carroceiros, em casa de um grevista casado e pai de filhos.

- O Grevista. — Não te apresses, mulherzinha: podes dar-me hoje o café um pouco mais tarde. Não saio de casa!
- A Mulher. — Estás sonhando? Olha que não é domingo!
- O Grevista. — Bem sei; mas estou em greve!
- A M. — Estás em greve, Manel? Isso é o diabo!
- O G. — É o diabo, é, mas que remédio?! Olha que por meu gosto eu ia trabalhar, que é ali, nos queixos do burro, que ganho o necessário para te dar de comer e aos pequenos; mas, como os outros não trabalham, também eu não posso trabalhar... É o que lá os entendidos (má raios os partam!) chamam... Espera... espera, que a coisa é arrevezada... Ah! agora me lembra: solidariedade da classe.
- A M. — Tudo isso é muito bom quando a gente aveza para os feijões.
- O G. — Não julgues tu que me diverte estar sem fazer nada. Sou homem de trabalho. Um estupor me dê, se não pre-

firo trabalhar, mesmo de graça, a ficar em casa feito um estafermo!

- A M. — Ainda se isso valesse alguma coisa! Nada ganhas, e daqui a dias voltas para o serviço ganhando o mesmo que ganhava antes da greve!
- O G. — Lá por isso não, mulher, que o patrão é boa pessoa, e, como não é por meu gosto que estou em greve, hei de pedir-lhe que me pague os dias que deixei de trabalhar.
- A M. — Duvido que te ele pague.
- O G. — Se me não pagar, aí então é que me declaro em greve — a greve de um só. Ora, a minha vida! Queres saber quem lucra com isto? Os burros, que descansam, coitadinhos... Má raios os partam!...

19. FESTAS

Sala. O sr. Arruda vem do trabalho. Entra de mau humor. A senhora e as meninas, que o esperavam, recebem-no alegremente.

- As Meninas. — As minhas festas, papai, as minhas festas!...
- Arruda. — Irra! Leva de rumor! Que festas?
- A Senhora. — É natural o pedido, Arruda! São tuas filhas, e hoje é véspera de Natal!...
- As M. — As minhas festas! As minhas festas!
- A. — (*gritando*). Não há! Irra! E deixem-me, que hoje estou com os meus azeites! Para dar festas é preciso dinheiro, e eu não o tenho! Sabe Deus os prodígios que faço para vocês não morrerem à fome! Não! vão lá para dentro! Deixem-me! (*As meninas saem cabisbaixas.*)
- A S. — Pois, Arruda, não dês festas à família, ficará para outra vez; mas é preciso dá-las à cozinha, embora com sacrifício. Devemos fazer tudo por conservá-la. Olha que pelo preço não arranjamos outra que nos agrade tanto!
- A. — Mas se não tenho dinheiro, como quer a senhora que eu dê festas à cozinha? E se as der à cozinha, tenho que dá-las também ao copeiro! O copeiro também as merece!
- A S. — Não digo o contrário.

- A. — E a ama-seca, a Eulália?
 A S. — Essa não!
 A. — Por que não? Ela é muito cuidadosa com o nosso Fifi...
 Digo-lhe mais: merece mais que os outros!
 A. S. — Por quê?... Só se for por ser bonitinha, mas eu não
 vivo de bonitezas!
 A. — Não, senhora, é uma mulatinha carinhosa... bem com-
 portada... limpa...
 A S. — Ora! é muito sapeca, gosta muito da rua, é tão boa
 como as outras! É uma das mais desmazeladas que te-
 mos tido, e não é tão carinhosa com a criança como tu
 pensas!
 A. — Mas nem ela, nem a cozinheira, nem o copeiro me
 apanham vintém! Que época terrível a do fim do ano!
 Naturalmente não tardam por aí os meus inúmeros afi-
 lhados, para me pedirem as festas, sob o pretexto de me
 pedirem a bênção! O carteiro do correio já m'as pediu,
 por sinal que em verso! O lixeiro também! Olhe! (*Tira*
do bolso um cartão e lê):

O lixeiro pede as festas,
 Não lhe devem ser negadas;
 Serve o freguês todo dia,
 Já tem as pernas cansadas.
 As festas do carroceiro
 São as mais bem empregadas.

- A S. — Isso pediu ele a algum poeta que lho fizesse.
 A. — O barbeiro não me pediu nada, mas lá está na loja uma
 caixa de música e uma salva com dinheiro! Que diabo!
 não tenho vintém! não tenho vintém!... Irra!...
 A S. — Retiro-me! não gosto de te ver assim zangado! (*Sai.*
O Arruda fica só. Daí a pouco entra a ama-seca, mula-
tinha jeitosa, com o Fifi no colo. O Arruda fica logo com
outra cara.)
 Eulália. — As minhas festas?
 A. — Aqui estão, benzinho; seu velho não podia esquecer-se
 de você. (*Dá-lhe um pequeno embrulho.*) É um par de
 bixas de ouro.
 E. — Vou dizer à patroa que foi meu padrinho que me mandou.

Nos intermúndios do infinito, entre nuvens, 1906 agoniza;
1907 vai passando e pára:

- 1907: — Quem sois vós, pobre velhinho,
 Que abandonado morreis,
 Tão gemebundo e mesquinho?
 1906: — Eu sou o mal-aventurado
 Mil novecentos e seis
 Que estou pr'aqui atirado,
 Esperando pela morte
 Que está custando a chegar!
 Se tu estás penalizado,
 Se te dói a minha sorte
 Acaba de me matar!
 1907: — Matar-vos! Julgais acaso
 Que eu seja algum assassino?
 1906: — Tens razão... não faças caso...
 Sou velho e enfermo, reflete.
 Pareces-me um bom menino...
 Como te chamas, amor?
 1907: — Mil novecentos e sete.
 1906: — Que ouço! és o meu sucessor?
 Pois lastimo-te, criança!
 És agora uma esperança;
 Mais tarde o que eu sou serás.
 Por toda a gente insultado,
 Trôpego, tonto, alquebrado,
 Como eu saí, sairás!
 Ano de luz e progresso,
 Fui o ano do Congresso!
 1907: — De que Congresso?...
 1906: — Do Pan
 Americano! — Que queres?
 A perda do "Aquidaban"
 Ninguém, ninguém me perdoa
 Velhos, meninos, mulheres!
 Tive eu a culpa? Essa é boa!
 Ninguém se lembra de que eu
 Não tive febre amarela;

Se muita gente morreu,
Quem a matou não foi ela!
Fui um ano de banquetes,
Luminarias e foguetes,
Alegria universal!

1907: — Há de vingar-vos a História!

1906: — Para minha eterna glória,
Bastava-me o cardeal!
Mas, mesmo, eu desconfio,
Que são capazes até
De atribuir-me o insucesso
Da peça do João do Rio!

(Desesperado.) Dá-me um trompazio, eu te peço.
Esmaga-me com o teu pé!

1907: — Sossega!...

1906: — ... Pobre rapaz!
Onde cheguei chegarás!
Vejo-te alegre, chibante,
Leve, guapo, saltitante
Mas ouve — fala o Evangelho:
Um dia chegas também,
Que neste mundo o ser velho
Não se perdoa a ninguém...

(Dá meia-noite, 1906 estrebucha e morre. Ouvem-se ao longe
rumores de festa. É a recepção de 1907.)

21. SENHORITA

Diálogo entre Dodoca e Joaquina.

Dodoca. — Ó Joaquina! estava morta por encontrar você!...

Joaquina. — Por que Dodoca?

D. — Porque, como você é muito instruída, eu queria saber a
sua opinião sobre o grande assunto que atualmente se
debate na imprensa!

J. — Qual?

D. — O tratamento que nós devemos ter.

J. — Nós quem?

D. — Nós, moças solteiras. Devemos ser meninas, mademoiselles, doninhas, senhorazinhas, senhorinhas ou senhoritas? Qual é a sua opinião?

J. — Eu lhe digo. Não gosto de menina. Houve lá em casa uma criada portuguesa que só me chamava a menina Joana, e esse tratamento me soava muito mal ao ouvido.

D. — Naturalmente! Ora, a menina Joana!... Até parece que é outra pessoa, que não é você!

J. — Todas as vezes que algum dos nossos elegantes me dirige um "mademoiselle", acho-o supinamente ridículo.

D. — Você está comigo!

J. — E num dia em que certo jornal me chamou "demoiselle", fiquei deveras ofendida.

D. — Naturalmente.

J. — Quando me dizem "dona", sinto-me envelhecer.

D. — Realmente, o "dona" só nos assenta depois que nos casamos, e por isso mesmo, deixe lá. Joaquina (com um suspiro), é o tratamento que, no fundo, mais nos agrada!

J. — Antes de casadas, poderíamos ser "doninhas", diminutivo de "donas", mas se se fôssemos "doninhas", os rapazes queriam ser sapos.

D. — Para nos fascinaremos...

J. — Assim pois, como "senhorinha" e "senhorazinha" são desagraciosos, o melhor é "senhorita". É delicado e sonoro.

D. — Mas dizem que não é português...

J. — Se não é, fica sendo. E não é português por quê? Se "senhorita" não é português, também o não são "mosquito", "palito" e outros diminutivos em ito, como, por exemplo...

D. — Periquito.

J. — Não, Dodoca, "periquito" não é diminutivo.

D. — Perdão, Joaquina; você está enganada; "periquito" é diminutivo de "papagaio".

22. "FÉ EM DEUS OU OS ESTRANGULADORES DO RIO"

(epílogo)

O teatro representa a mesma taverna em que termina a peça *Cena única. Bianca, Luigi e o Taverneiro.*

Bianca. — Estou bem arranjada! Agora que Bertuccio, meu noivo, foi estrangulado... que Paolo, meu futuro cunhado, também o foi... que Roque, meu protetor, foi preso... que Barletto, que me amava, também o foi... — que será de mim?

Luigi. — Pois não estou eu aqui?

O *Taverneiro.* — E eu?

B. — (*A Luigi.*) Tu, pobre criança, que poderás fazer pela tua Bianca? E que destino te espera, também a ti, no Rio de Janeiro? Com certeza vais ser engraxate ou vendedor de jornais!

L. — (*sombrio.*) É verdade.

O *T.* — A menina, se quiser, pode ficar cá em casa, servindo aos fregueses. Dou-lhe um pequeno ordenado, casa, cama, comida, roupa lavada e o resto.

B. — Agradecida. A sua casa não me inspira confiança.

O *T.* — Nesse caso, ponha um anúncio pedindo a proteção oculta de um cavalheiro...

B. — Senhor, eu sou uma rapariga honesta! Respeite o meu infortúnio!...

O *T.* — Respeito, sim, senhora, mas receio que, com essa falta de iniciativa, a menina acabe na rua Senador Dantas.

L. — Bianca, uma idéia. Vai ter com o Sr. Fuoco, dono da joalheria da rua da Carioca. Ele foi quase teu tio; é quase da família. Talvez te acolha!

B. — Não, não quero ser pesada a ninguém!

O *T.* — Nesse caso, vá ao consulado italiano.

B. — (*chorando.*) Não sei, não sei o que faça, meu Deus! (*Erguendo as mãos num gesto desesperado.*) Oh! Dr. Ataliba! Dr. Ataliba!

O *T.* — Quem é o Dr. Ataliba?

B. — O autor da peça. A esse homem é que competia dar-me um destino qualquer, quando mesmo outro não fosse senão este! (*Tira um punhal e mata-se.*)

L. e o T. — Oh! céus! que horror!...

23. O CASO DO DR. URBINO

Numa rua qualquer. O Dr. Mata encontra-se com o Dr. Eça.

Dr. Mata. — Ó colega! como vai isso?

Dr. Eça. — Deixe-me! Estou contrariadíssimo! Acaba de me morrer nas mãos um doente que eu não julgava perdido! Nunca passei um atestado com tanto desgosto!...

Dr. M. — Coração à larga, colega! Se nós nos devêssemos incomodar por causa dos doentes que nos morrem nas mãos, estávamos bem aviados! Olhe, ainda ontem me aconteceu o mesmo, e com uma agravante: o genro da defunta disse-me nas bochechas que o tratamento foi errado [e] lhe matei a sogra!

Dr. E. — Que desaforo!

Dr. M. — Eu tinha motivo para estar mais aborrecido que o colega.

Dr. E. — Cada qual tem o seu temperamento.

Dr. M. — Mudando de conversa, que me diz do *habeas-corpus* do Urbino?

Dr. E. — Ora, que hei de dizer? Digo que este país está perdido!

Dr. M. — Não direi tanto, que diabo! Não expulsarem do país um homem que fez pouco da autoridade constituída!

Dr. E. — Não, isso não era caso de expulsão.

Dr. M. — Um criminoso de mortes, banido da pátria!...

Dr. E. — Também só por isso eu não o expulsaria. Ele é criminoso lá, não aqui. Matou, dizem que matou, é verdade; mas, francamente, colega, aqui onde ninguém nos ouve: se expulsassem do Rio de Janeiro todos os médicos que têm mortes na consciência...

Dr. M. — O Rio de Janeiro ficaria com meia dúzia de médicos.

Dr. E. — Entre essa meia dúzia estaria o colega.

Dr. M. — E o colega.

Ambos, ao mesmo tempo. — Muito obrigado, não há de quê.

Dr. E. — Mas, afinal, se acha o colega que o Urbino não devia ser expulso por ter desacatado a autoridade, nem por ter sido condenado pelos tribunais do seu país, porque acha então que o deveriam expulsar?

Dr. M. — Pela concorrência que nos vem fazer!

Dr. E. — Parece-lhe?

Dr. M. — Se me parece? Ora, Eça! Uma concorrência espantosa!... Então agora, com o reclame que lhe fizeram! Verá como ele vai ter o consultório mais cheio que o do Abel Parente!

24. QUERO SER FREIRA!

O Sr. Nogueira tem entrado da rua, e conversa com d. Agueda, sua mulher.

D. Agueda. — Sabes de uma grande novidade, Nogueira? Nossa filha quer entrar para o convento de Santa Teresa!

Nogueira. — Dize-lhe que faz mal; que entre antes para o da Ajuda.

D. A. — Por quê?

N. — Porque está na avenida Central. Deve ser mais divertida. Pode ver o presidente quando for ao palácio Monroe.

D. A. — Não graces. Diz ela que está resolvida a tomar o véu. Já lhe pedi que se esquecesse disso, mas não há meio de lhe tirar semelhante idéia da cabeça!

N. — Para o que lhe havia de dar!

D. A. — Depois que leu nos jornais a notícia da tomada de véu da filha do Dr. Lourenço da Cunha, anda toda mística, tem êxtases, e creio até que lhe aparece Jesus Cristo quando ela está sozinha.

N. — Olha, não vá ver algum malandro!

D. A. — Por esse lado, descansa.

N. — Dize-lhe que para o convento só entram as mulheres que nada mais esperam do mundo. Tu, por exemplo, que de

vez em quando embirras comigo e dizes: Maldita a hora em que me casei! — tu farias bem se para lá fosses e me deixasses em paz. Eu pagaria com muito prazer o dote e o *lunch* aos convidados e representantes da imprensa.

D. A. — Oh, Nogueira! pois tens ânimo de me dizer isso a mim, a tua esposa?

N. — Subirias muitos furos: serias esposa de Cristo.

D. A. — Prefiro ser mulher do Nogueira. Mas não se trata de mim, trata-se de nossa filha. Ela teve um grande desgosto quando te opuseste ao seu casamento com o Vieirinha.

N. — Então como não tomou estado, toma o véu! Ela que tome juízo!

D. A. — Fala-lhe.

N. — Fala-lhe tu, que és mãe.

D. A. — Fala-lhe tu, que és pai. Olha, ela aí vem. (*Entra Luísa, de penteador branco, soltos os cabelos, os olhos baixos.*)

N. — Então, menina, que é isso? Preferes “soror” a “senhorita”? Tua mãe disse-me que queres ir para o convento. (*Pausa.*) É exato? (*Luísa não responde e ergue os olhos ao céu.*) Então? Responde!...

Luísa, com voz arrastada à Sarah Bernhardt. — Quero ser freira!

N. — A tua vontade será feita, mas não imaginas como isso me contraria, e então agora que, melhor informado sobre as qualidades do Vieirinha...

L., vivamente. — Hein?

N. — Disse-lhe hoje que ele seria teu marido...

L. — Papai consente?

N. — Consentiria, se não quisesse ser freira.

L. — Que freira que nada! Eu só seria freira se me não casasse com ele!

N. — Pois bem! Serás esposa do Vieirinha!

D. A. — E antes do Vieirinha que de Cristo!

N. — Apoiado! — mesmo porque o Cristo, tendo que aturar tantas esposas, um dia acaba por perder a paciência!

25. A DOMICÍLIO

Na sala de jantar. D. Mariana e Quinota, sua filha, cosem. Entra Faustina, a copeira.

Faustina. — Patroa, está aí um *home* que quier falar com a senhora.

D. Mariana. — Comigo? Eu não tenho negócios!

F. — Diz que é coisa de muita *empontância*.

D. M. — Não gosto de receber visitas do sexo masculino quando meu marido não está em casa.

Quinota. — Receba, mamãe; quem sabe se não é *seu* Gustavo que vem me pedir?

F. — Não, *seu* Gustavo não é, que eu conheço ele. É um *home* já maduro.

D. M. — Talvez o pai do rapaz... Enfim... Diz-lhe que entre. (*Faustina sai.*)

Q. — Oh, mamãe, aqui para a sala de jantar!

D. M. — Que tem isso?

Q. — Um homem que a senhora não sabe quem é!...

D. M. — Por isso mesmo. Querias tu que eu me metesse na sala de visitas com um desconhecido, e, de mais a mais, não estando teu pai em casa?

Oliveira, aparecendo à porta do corredor. — Dá licença, minha senhora?

D. M. — Faça o favor de sentar-se e dizer o que pretende.

O. — O motivo que me traz é muito reservado, minha senhora.

D. M. — Não tenho segredos para minha filha. (*À copeira.*) Vai lá para dentro, Faustina! (*Faustina sai e fica espreitando à porta.*)

O., em tom confidencial. — Minha senhora, eu sou banqueiro de bichos. A polícia persegue-me, de modo que não posso fazer jogo no meu estabelecimento. Mas resolvi servir à freguesia a domicílio, e como sei que o bicho é muito apreciado em vossa casa...

D. M. — Ora em minha casa!... Em todas as casas!...

O., tirando uma carteirinha e um lápis. — Venho receber as ordens de v. ex.

D. M. — Não sei se devo...

Q. — Jogue, mamãe! (*A Oliveira.*) Tome nota de dois mil réis no gato por mim.

O., escrevendo. — “Casa n. 42. Menina, gato, dois mil réis.” (*A D. Mariana.*) E v. ex.?

D. M. — Dois mil réis no macaco e dez tostões no coelho.

O., escrevendo. — “Idem, senhora, macaco, dois mil réis, coelho mil réis.” Muito bem! (*guardando cinco mil réis que lhe dão as senhoras.*) Virei em pessoa trazer o dinheiro, caso vv. exs. acertem. Às vossas ordens, minhas senhoras. (*Vai saindo.*)

F., aparecendo. — Olhe, *seu home*, bote-me estes duzentos réis no cavalo. (*Dá-lhe um níquel.*)

O., escrevendo. — “Idem, criada, cavalo, duzentos réis.” Até logo. (*Sai.*)

Q. — Que bom! podemos jogar todos os dias!...

26. SONHO DE MOÇA

No quarto de dormir. A senhorita acaba de deitar-se.

A Mucama. — O carnaval este bom, Nhanhã?

A Senhorita. — Muito bom!

M. — Que sociedade foi a melhor?

S. — Os Tenentes.

M. — Levava muitas mulheres bonitas?

S. — Muitas, sim; bonitas, não. Uma delas trazia os seios quase de fora... uns seios deste tamanho... Parecia uma ama de leite! Acredita que eu faria melhor figura naquele carro alegórico!

M. — Nhanhã!... Que idéia!

S. — Que idéia por quê? Eu sou mais bonita do que aquela mulher, as minhas formas são mais graciosas, o meu corpo mais belo... Por que ela há de ser levada em triunfo, como uma deusa, e eu hei de ficar no canto de uma janela, escrava da família e do preconceito?

M. — Não fale assim, Nhanhã!...

S. — Falo, sim! Deixa-me falar! A vida é aquilo... é o prazer, o luxo, a ostentação, a loucura! Aquelas mulheres gozam, e eu, qual será a minha sorte? Casar-me, encher-me de filhos, nem ao menos sair à rua, a perder a minha mocidade e a minha beleza! Esta noite com certeza vou sonhar que estou no alto de um carro alegórico, dentro de uma concha de ouro, atirando beijos à população, que me aplaude em delírio! Mas amanhã... que triste despertar! Lá está a máquina de costura que me espera! Oh! que vida insípida, meu Deus! que vida insípida, e como tenho ímpetos de abrir as asas e voar!

M. — Está bem, Nhanhã, durma, que é melhor. A senhora está muito agitada...

S., *adormecendo*. — Oh! o Carnaval!... o triunfo... a loucura... (*Adormece*.)

27. A ESCOLHA DE UM ESPETÁCULO

(DIÁLOGO ENTRE MARIDO E MULHER)

Mulher. — Fazes-me um favor?

Marido. — Dize.

Mu. — Leva-nos hoje ao teatro.

Ma. — Que idéia a tua! Há muito tempo que não vamos a espetáculos! A última peça que vimos foi o *Conde de Monte Cristo*. Já lá vão dois anos.

Mu. — Não é por mim; é pelas meninas; prometi-lhes que se elas me dessem aquele vestido pronto sexta-feira, eu te pediria que nos levasse domingo ao teatro. Domingo é hoje.

Ma. — Enfim... Mas a que teatro querem vocês ir?

Mu. — A qualquer. Escolhe tu.

Ma. — Cá está o *Jornal*. Vejamos. (*Lendo os anúncios do teatro na quarta página*.) Procuremos em primeiro lugar o S. Pedro, que é o teatro mais próprio para famílias... Bonito! não há espetáculo no S. Pedro... Vejamos o Lírico... Também não há espetáculo no Lírico.

Mu. — Vê o Apolo.

Ma. — Também não há espetáculo no Apolo.

Mu. — Vê o S. José.

Ma. — Também não há espetáculo no S. José.

Mu. — Vê o Lucinda.

Ma. — Só há matinê.

Mu. — Não gosto de matinês.

Ma. — Representa-se o *Macaco*.

Mu. — Também não gosto de macacos.

Ma. — Só nos resta o Recreio — sim, porque naturalmente não irei levá-la ao Palace-Theatre, nem ao Moulin-Rouge, nem à Maison Moderne...

Mu. — Que há no Recreio?

Ma. — Dois espetáculos, em matinê e à noite.

Mu. — Já disse que não quero matinê.

Ma. — Nem eu as levaria a uma peça que se intitula o *Homem das tetas*.

Mu. — E qual é a peça da noite?

Ma. — Adivinha.

Mu. — Dize.

Ma. — O *Conde de Monte Cristo*!

Mu. — Ora sebo! a mesma que vimos há dois anos!

Ma. — É o único espetáculo! O melhor é adiarmos a festança... A que estado chegou o teatro no Rio de Janeiro!

Mu. — Pudera! se há tanta gente que faz como nós!...

28. ASSEMBLÉIA DOS BICHOS

(CENA FANTÁSTICA)

Um galo num grupo de galinhas. — Sabem, meninas? Acabam de fundar uma sociedade Protetora dos Animais.

Uma Galinha. — Pois sim, mas qualquer dia torcem-me o pescoço e preparam-me de cabidela.

Um Peru. — Estou aqui, estou assado!

O Galo. — Desse susto não bebo água!

Uma Franga. — Pudera! Se não fossem vocês, galos, não havia ovos nos galinheiros.

Um Capão. — E eu, que podia ser galo e sou capão? Já se viu maior maldade! Ah! que se eu pilhasse um homem a jeito, para alguma coisa havia de servir o meu bico!...

Um Cão. — A graça é que dizem por aí que o cão é o animal mais protegido pelo homem. Esquecem-se da carrocinha da Prefeitura...

O Galo. — Pois sim, mas a carrocinha é para os cães vagabundos...

O Cão. — Isso quer dizer que a carrocinha é para os desprotegidos.

O Papagaio. — Nós, papagaios, só temos uma razão de queixa é ensinar-nos a falar. É tão desagradável para um bicho parecer-se com o homem!

O Macaco. — Cala-te daí! Se nós, os macacos, não nos parecêssemos com os homens, não escaparíamos à caçarola!

Um Pássaro. — E nós, os pássaros? Ou matam-nos a tiros, ou metem-nos em gaiolas, onde, sem ter feito mal a ninguém, ficamos presos por toda a vida!

O Galo. — Quando algum gato não nos põe as unhas...

Um Gato. — Se julgas que os gatos são felizes... Não há cozinheiro de casa de pasto que não nos persiga.

Um Porco. — E eu, que tenho a desgraça de ser gostoso?

Um Sapo. — Os sapos não são gostosos; matam-nos pelo prazer de matar.

Um Boi. — De todos os animais da criação o mais digno de lástima é o boi. Antes de ser boi é farpeado na praça de touros, e quando deixa de ser touro, ou vai para a lavoura ou para o matadouro! Até falei em verso!...

Uma Vaca. — E a pobre vaca? Leva a fornecer leite à humanidade, e quando se lhe secam as tetas, comem-na!

O Burro. — A mim não me convém, pelo menos aqui, mas trabalho que nem... Que asneira! ia a dizer que nem um burro!... trabalho muito, e quando não posso mais trabalhar, abandonam-me, e morro de fome!

O Cavalo. — O mesmo me acontece, e dizem que sou o mais nobre dos animais! Tive um colega que fez brilhante figura no 15 de novembro e, depois de puxar um tilburí de praça, morreu faminto entre os varais de uma carroça!

O Galo. — Isto de proteção dos animais é uma história! E as pulgas? os percevejos?...

Um Mosquito. — E os mosquitos? Pois se até inventaram os mata-mosquitos!

Um Rato. — Mas nenhum de vocês tem, como eu, a cabeça a prêmio! Pagam duzentos réis por cada rato que levem à Saúde Pública!

O Galo. — Não há animal que não seja vítima do homem, e isso de proteção é uma hipocrisia.

O Burro. — Sim, não seria nenhum de nós que se lembrasse de fundar uma sociedade protetora dos homens...

29. SEM DOTE

(em seguimento à comédia *O Dote*)

(*Gabinete modestamente mobiliado. Henriqueta, vestida com muita simplicidade, escreve. Ângelo fuma.*)

Ângelo. — Que estás a escrever?

Henriqueta. — A nota das nossas despesas deste mês. Estamos a 31. — Sabes? Alcancei uma diminuição sobre a do mês passado, porque vi que era tolice gastarmos açúcar de primeira, quando o de segunda é tão bom.

A. — Não é por aí que vai o gato aos filhos.

H. — Para o mês que vem a redução será maior. Achei um armazém que vende a lata de banha por 3 000. Até agora têmola comprado por 3 400. Um despropósito!

A. — Como estás poupada! Quem te viu e quem te vê!

H. — Ah! meu amigo, a lição foi tremenda! Quando me lembro que por causa dos meus desperdícios estivemos quase um mês separados!

A. — Não falemos mais nisso. Não te vais vestir?

H. — Para quê?

A. — Pois não vais à modista?

H. — Não, resolvi só mandar fazer o meu vestido quando receberes uma boa bolada.

- Â. — Mas, minha filha, vê lá! Não vás agora cair no defeito contrário! Não te dei aquela fazenda para ficar guardada! Olha que pode sair da moda!
- H. — Pois saía! Que me importam as modas? Hoje, para mim não há sacrifício maior que o sair de casa. Só vivo para ti e para nosso filho, o nosso Rodriguinho.
- Â. — Onde está ele?
- H. — No jardim, em companhia de pai João, brincando com o carrinho que lhe mandou o padrinho.
- Â. — Rodrigo não se esquece do afilhado.
- H. — *(Que continua a fazer as suas contas.)* Tu não achas que podemos dispensar a salada todos os dias? Olha que isto nos obriga a gastar uma garrafa de azeite por semana!
- Â. — Isso lá é contigo, mas olha que eu gosto muito de salada.
- H. — Também eu, mas é tão caro o azeite! Uma idéia: Experimentemos o azeite português, que é mais barato.
- Â. — Prefiro o francês.
- H. — Nesse caso, o melhor é comermos salada um dia sim e outro não.
- Â. — Como queiras. *(Consigo.)* Henriqueta vai-se tornando ridícula com a sua economia exagerada... Estou quase com saudades do outro tempo!
- H. — Como éramos lesados quando eu não fazia a conta das despesas! O cozinheiro roubava-nos trinta por cento nas compras! *(Vindo ao marido e afagando-o.)* Que doí-dinha eu era!
- Um Automóvel (passando na rua).* — Fon-fon.
- H. — *(pensativa).* Fon-fon! Quando me lembro que te pedi um automóvel.

30. CONFRATERNIZAÇÃO

- O Jornalista X, em casa, rodeado por suas filhas.*
- Primeira Filha.* — Que pena ter-se ido embora o Roca! Acabaram-se as festas!...
- Segunda Filha.* — Papai foi muito bonzinho, pois nos levou a todas elas!

O Jornalista. — Menos ao baile das Relações Exteriores, porque seria preciso gastar uma fortuna só em *toilettes*, mas não creiam, meninas, que eu as levasse às festas só por divertimento.

Terceira Filha. — Então por que foi, papai?

O Jornalista. — Levei-as às festas por ser bom brasileiro e querer que o meu país viva em boa harmonia com as nações limítrofes.

Quarta Filha. — Limítrofes, gosto.

O J. — A confraternização sul-americana é a pedra angular do edifício da nossa civilização.

1.ª Filha. — Papai já disse isso mesmo pelo jornal.

2.ª Filha. — Eu achava muita graça quando nas festas papai gritava com toda a força dos seus pulmões: "Viva a República Argentina."

O J. — Gritava e gritarei todas as vezes que puder! Os meus pulmões estão ao serviço da minha pátria!...

3.ª Filha. — Mas deixe lá, papai! Agora que o Roca já cá não está, confesse que o senhor não simpatiza lá essas coisas com os argentinos!...

O J. — Não simpatizo como particular, mas como jornalista simpatizo, isto é, como reconheço que a confraternização americana etc. finjo que simpatizo. E vocês, meninas, devem antipatizar com eles, mas pelo meu sistema, quero dizer, de modo que eles não saibam nem desconfiem. Cá em família digo deles cobras e lagartos, mas no jornal trato-os nas palminhas.

As Filhas. — Viva a confraternização sul-americana!

31. O RAID *

Numa venda. O vendeiro, seu Zé, está cercado de malandros.

Zé. — Agora, meus amiguinhos, toca a safar, que são horas! Quero fechar a porta!

* O texto impresso leva o título "O Raio", erro de imprensa evidente. (N. do O.)

1.º Malandro. — Ó seu Zé, você que sabe tudo, me diga o que é *Raid*?

Zé, bocejando. — É pr'aí uma coisa.

2.º Malandro, mulato prosa, violão debaixo do braço. — Que coisa, que nada! Em primeiro lugar deve-se dizer *reide*, porque a palavra é hipoteticamente inglesa, como *funding loan*, * *high-life* e *taxômetro*.

1.º M. — Mas o que eu quero saber é o que é *reide*!

Zé, ao 2.º Malandro. — Vamos! você que é o João das Regras cá da esquina, explique-se!

2.º M. — Aquilo é hipoteticamente um concurso hípico.

Z. — Hípico vá ele! Épico! Épico é que é!

2.º M. — Quem disse hípico foi seu tenente Secundino! Você quer saber mais do que ele? É um concurso a cavalo.

Zé. — Então não é hípico nem épico: é equestre.

2.º Malandro. — É pra se ver qual é o animal mais incongruente... isto é... que agüente uma boa estafa.

Zé. — Ora, tire o cavalo da chuva! Pois se o concurso é dos cavalos, como é que são premiados os cavaleiros?

3.º Malandro, encachaçado, abrindo os olhos e metendo-se na conversa. — Seu Zé, você é uma besta! Para que os cavalos precisavam de prêmios?

1.º M. — Já sei; aquilo é assim a modo de uma coisa como quem diz pra se saber quais são os oficiais do Exército que não caem de cavalo magro.

Zé. — É mais uma história que eles inventaram para gastar dinheiro!

2.º M. — Pois você não vê que a tropa deve estar montada! É uma questão de hermenêutica para quando houver guerra!

Zé. — Quando houver guerra, é pôr uma farda às costas dos badios, ** como vocês, e deixar em paz os cavalos! — Vamos, rua, que são horas de fechar a porta.

3.º M. — Seu Zé, você é uma besta!

* "Funding loan." O texto impresso traz "funding loom", o que não tem sentido. (N. do O.)

** "Badio": variante popular da palavra *radio*, com o mesmo sentido. (N. do O.)

Na rua. Encontram-se o Marcondes e o Sousa.

Marcondes. — Então, Sousa? Não dizias que a tua eleição era certa, certíssima?

Sousa. — E era! Eu teria sido eleito...

M. — ... se não fosses derrotado — boa dúvida!

S. — Não é isso: eu teria sido eleito, se não houvesse fraude. Foi roubado, escandalosamente roubado!...

M. — Dize antes a verdade: a tua candidatura não tinha a menor probabilidade de êxito; eras um candidato de bobagem. Quais foram os teus elementos?

S. — Os meus bons desejos, a minha seriedade, a minha honradez, o meu passado...

M. — Ora o teu passado! O passado, passado! Isso não vale nada quando não se tem por si um partido, um grupo ou mesmo um homem!

S. — Por que não uma senhora!

M. — Uma senhora, dizes bem... ou antes, uma mulher. Mas querer subir neste país sem outros degraus que não sejam os do próprio merecimento, é o mesmo que pretender trepar no céu por uma escada de corda!

S. — Pois deixa que te diga: fiquei surpreso da pequena votação que tive. Confesso que esperava mais. Quando apresentei a minha candidatura, havia um ponto negro no horizonte...

M. — O Monteiro Lopes?

S. — Não! O Coisa, uma das figuras mais influentes do distrito, que estava mal comigo; mas eu procurei-o, fizemos as pazes, e ele prometeu que faria tudo por mim.

M. — És um ingênuo! pois ainda te fias em promessas dessa gente? Se queres ser eleito, chega-te a boa árvore. Não é alusão ao Pinheiro.

S. — Agora é tarde.

M. — Como tarde? Nunca é tarde para ser eleito! Tu tens sempre alguma votação...

S. — Sim, mas estou em vigésimo lugar.

M. — Queiram eles, e passarás para o primeiro. A coisa é tecer os pauzinhos.

S. — Mas... o povo...

M. — Ora, vai-te catar! O povo! És um simplório, e nunca serás coisa nenhuma nesta vida!

33. SULFITOS

Em casa do Dr. Gambrino, que está sentado numa cadeira, melancólico e triste. José, o seu criado, vem ter com ele.

José. — Quê é isso, patrão? que tem? por que está triste?...

Gambrino. — Pois não sabes da grande desgraça?

J. — Que desgraça?!

G. — No Laboratório Municipal de Análises descobriram que a minha querida cerveja é um veneno!

J. — Deveras?

G. — Cada litro tem 100 miligramas de ácido sulfuroso anidro. José, tu sabes o que é ácido sulfuroso anidro?

J. — Não, senhor.

G. — Nem eu, mas deve ser um veneno terrível!

J. — Não haverá engano?

G. — Não há engano possível. A reação de Boedeker... José, tu sabes o que é a reação de Boedeker?

J. — Não, senhor.

G. — Nem eu, mas diz que é a reação característica dos sulfitos.

J. — Ah! bom! agora já sei; não há nada como explicar as coisas.

G. — Pois bem, a reação de Boedeker não admite dúvidas. Já não se trata da reação do hidrogênio nascente. É a reação definitiva. A minha pobre cerveja está completamente desmoralizada.

J. — E nesse caso a venda vai ser proibida?

G. — Naturalmente! Pois não de consentir que vendam uma cerveja que tem sulfitos? Eu já não a quero nem de graça!...

J. — Pois é pena, porque ainda aí estão umas três dúzias de garrafas!

G. — Três dúzias? Que me dizes? Vai buscar uma garrafa, José!

J. — Pois o patrão quer envenenar-se?

G. — Quero despedir-me da minha pobre cerveja. Demais, até hoje os sulfitos nunca me fizeram mal, e não há de ser agora que... Anda, José! vai buscar uma garrafa! É a última!

J. — (à parte). A última! Pois sim! Quem não te conhecer...

34. POLÍTICA BAIANA

Sala da jantar — O dr. está sentado numa cadeira de balanço, meditabundo — Sua esposa, D. Carlota, e sua filha Iaiá cosem ao pé uma da outra e afastadas dele.

Iaiá. — Mamãe, por que é que papai está tão calado e pensativo?

D. Carlota. — Sei lá, minha filha, sei lá! Aquilo deve ser coisa da política baiana.

I. — Por quê?

D. C. — Porque teu pai só fica assim quando há barulho na Bahia.

I. — Mas que tem ele com isso? Papai não vive da política!

D. C. — Mas é baiano.

I. — Talvez seja outra coisa. Pergunte-lhe, mamãe.

D. C. — Deus me livre! Bem sabes que teu pai, quando tem estas crises, fica furioso se lhe falam!

I. — Experimente. Quem sabe se não lhe sucedeu contrariedade séria? Estou com pena dele!

D. C. — Queres ver se não é o que te digo? (Levantando-se e aproximando-se do marido, com meiguice.) Eleutério! (Ele não responde.) Eleutério! (Nada; ela insiste.) Eleutério!

O Dr. — (erguendo a cabeça com mau modo). Deixa-me! Não me aborreça mais do que estou!

D. C. — Que tens tu?

O Dr. — Que tenho eu? Pois tu ignoras o que eu tenho? É assim que te interessas por mim?

D. C. — Meu Deus! Aconteceu-te alguma coisa?

O Dr. — Não! não me aconteceu nada! vai-te embora!

D. C. — Mas não vês que eu fico aflita?

O Dr. — Que aflita, que nada! Se eu te disser o motivo que me contraria, pões-te a rir!

D. C. — Eleutério, ainda não me viste rir de ti!

O Dr. — Tu és frívola, não entendes nada de política.

D. C. — Nem quero entender!

O Dr. — Aí tens! E eu que me esbofo para alcançar uma posição, para deixar um nome aos meus filhos! Anda! some-te daqui!

D. C. — Mas ao menos dize-me...

O Dr. — Ó mulher, pois tu não sabes da terrível notícia? No Brasil inteiro não se fala noutra coisa!

D. C. — Mas que foi?

O Dr. — Que foi? Pergunta ao copeiro, à cozinheira, ao homem do lixo! Todos sabem! Só tu ignoras!

D. C. — Mas que foi Eleutério? Aguças-me a curiosidade!

O Dr. — O Severino cortou relações com o José Marcelino, ora aí tens!

D. C. — E depois?

O Dr. — E depois?... Ó mulher, pois tu querias ainda mais?

D. C. — É só isso? *(Com uma gargalhada.)* Ah! Ah! Ah!...

O Dr. — Então? Eu não disse que te rias?...

D. C. — Querias que eu chorasse?

O Dr. — Antes isso!

D. C. — Sabes que mais? Não sejas tolo! Que graça! Por causa do Severino e do José Marcelino assustar a família!...

O Dr. — *(erguendo-se furioso.)* Tu és estúpida, mulher! Pois não compreendes que o Bloco...

D. C. — Estúpido és tu com o teu Bloco!

I. — *(erguendo-se e intervindo.)* Então, que é isso? Papai! Mamãe! Agora, por que brigaram o Severino e o José Marcelino, não vão brigar também!

Quarto de dormir. Apesar de serem já três horas da madrugada, o Ventura chega à casa entre as 10 e as 11: está que não se pode lambear. A senhora, que dormia, desperta, porque ele pisa alto, bate com as portas e esbarra nos móveis.

A Senhora. — De onde vens tu neste belo estado?

Ventura. — Não tenho que dar explicações! Venho de onde venho! Bebi muita cerveja, ora aí está! E agora? *(Começa a despir-se.)*

A S. — Pois não juraste nunca mais beber cerveja?

V. — Sim, porque só bebia Brahma, e a Brahma tinha sido condenada... Mas hoje compareceu a novo júri e foi absolvida!

A S. — Que história de júri é essa? não dizes coisa com coisa!

V. — Descobriu-se que o la... la... labora...

A S. — *(ajudando-o.)* Laboratório.

V. — ... Municipal de Análises não tinha razão... fez grossa patifaria... *(Vai puxar uma perna da calça, dá com o braço num jarro que está sobre o lavatório, fã-lo cair com grande estrépido e quebrar-se.)*

A S. — Valha-me Deus!...

V. — Está reconhecido que a Brahma é inofensiva... A notícia desta vitória foi festejada com uma bebedeira monumental! *(Atira-se na cama.)*

A S. — Vai dormir noutra parte! Não podes ficar aqui!

V. — Por quê?

A S. — Porque não estás em estado de dormir comigo!

V. — Não sejas tola!

A S. — Sais ou não sais?

V. — Não!

A S. — Nesse caso, saio eu! *(Quer levantar-se; o marido segura-a por um braço.)*

V. — Fica, diabo!

A S. — Não! não fico!...

V. — Ah não ficas? Então, toma! *(Esbordoa-a.)*

A S. — *(depois de apanhar muita pancada.)* Meu Deus! e dizem que a Brahma é inofensiva!...

Na sala de jantar do Sousa, no momento em que este vai sentar-se à mesa com sua esposa, D. Candinha. O Madureira aparece à porta do jardim. É um sujeito escanifrado e lívido. Dir-se-ia um defunto ambulante.

Sousa. — Ó Madureira, bons ventos te tragam! Há quanto tempo não nos aparecias! Olha, chegaste em boa ocasião: vamos agora mesmo para a mesa! Candinha, manda pôr mais um prato e um talher para o nosso Madureira! Ora o Madureira! Senta-te, Madureira! Um guardanapo, Candinha! *(Sentam-se todos à mesa.)*

Madureira. — Confesso que vim papar-te o jantar. No Rio de Janeiro não há o que se coma senão em casa dos amigos. Não tenho confiança nos hotéis. Estou com uma fome de três dias! *(Recusando um prato de sopa que d. Candinha lhe oferece.)* Sopa? Deus me livre! Pois vocês ainda são do tempo em que se tomava sopa?

S. — Um jantar sem sopa não é jantar.

M. — Nada! O Chapot Prevost disse-me que a sopa só serve para dilatar o estômago! Dispensó-a. *(Sousa e d. Candinha tomam a sopa. O copeiro traz outro prato.)*

S. — Olha, esta fritada de ostras está com boa cara.

M. — Ostras?! Mas vocês enlouqueceram? Não comam ostras!...

S. — Por quê?

M. — Podem estar envenenadas!

S. — Deixa-te disso, e come.

M. — Nem coberta de ouro.

D. Candinha. — A fritada está deliciosa!

M. — Não duvido, mas não como ostras! Nada, que meu pai não faz outro!

S. — Então espera pelos bifés. Temos hoje bifés de panela!

M. — Também não como carne de vaca. Foi uma recomendação especial do defunto Benício.

D. C. — Deste modo o senhor não janta!

M. — Paciência! *(O copeiro traz os bifés.)*

S. — Ao menos come as batatas.

M. — Um farináceo? Boas! Olhe o que diz dos farináceos o Rocha Faria!

D. C. — Ah! agora o senhor não tem comido nada, nem mesmo pão!

M. — O pão é coisa que dilata o estômago. O Crisciuna disse-me que não comesse pão senão bem tostado.

S. — Nesse caso, atira-te a estas lingüiças!

M. — *(dando um pulo na cadeira).* Lingüiças! Livra! *(O Sousa e d. Candinha assustam-se.)* Pois vocês não viram que a Prefeitura consentiu que um fabricante de lingüiças abatesse o gado rejeitado pela diretoria de higiene? Pois vocês querem comer carne de animais tuberculosos? Com efeito! a isto é que se chama vontade de morrer!

S. — Ao menos bebe! Prova deste vinho.

M. — O Miguel Couto proibiu-me o uso do álcool.

D. C. — Prefere cerveja?

M. — Cerveja? Depois do que tem havido?!

S. — Mas que diabo! O Laboratório...

M. — Pelo sim, pelo não, o melhor é não beber cerveja, mesmo porque essa é a opinião do Barbosa Romeu.

S. — Pois, meu velho, nada mais tenho que te ofereça.

D. C. — Só temos carne assada.

M. — Comam, não se importem comigo, já estou habituado a não comer.

(O Sousa e d. Candinha comem em silêncio as lingüiças e depois o assado.)

S. — Bem! agora à sobremesa! Temos aqui geléia inglesa.

M. — Também não como disso. Sei lá como são feitos esses doces! Não meto no estômago nada dessas coisas que vêm do estrangeiro em latas.

D. C. — Aceita uma laranja?

M. — Laranjas neste tempo? Boas! Deviam ser proibidas!

S. — *(Depois da sobremesa.)* Ao menos tome uma xícara de café.

M. — Foi moído em casa?

D. C. — Não.

M. — Então não vai... não tenho confiança... andam agora a misturá-lo com milho... Depois, o Daniel de Almeida é contra o café... (*Cai desmaiado no chão.*)

D. C. — Meu Deus!

S. — Não te assustes, não é nada, é fome.

D. C. — Mas este homem com semelhante dieta é capaz de morrer!

S. — Deixá-lo! Ao menos morre de perfeita saúde.

37. A VINDA DE D. CARLOS

Diálogo entre o Sr. Manoel e o Sr. Joaquim num banco da Avenida Central.

Manoel. — Ó Joaquim, então sempre é certo que D. Carlos vem ao Rio de Janeiro?

Joaquim. — Parece; pelo menos foi convidado e aceitou o convite.

M. — Pois olha, eu nunca pensei que isto sucedesse.

J. — Por quê?

M. — Por causa da República.

J. — Que tem Judas com as almas dos pobres? Pois não viste que o D. Carlos foi à França, que é também República?

M. — Pois sim, mas a República brasileira baniu D. Pedro II, que era tio dele!

J. — E a francesa expulsou o conde de Paris, pai de D. Amélia e, portanto, sogro de D. Carlos. Isso não quer dizer nada.

M. — Não entendo assim. Se eu fosse D. Carlos só viria ao Brasil com uma condição.

J. — Vejamos o que vai sair desse bestunto! Vamos lá! qual era a condição?

M. — Trazer comigo os restos mortais do Imperador.

J. — Nessa não cai ele!

M. — Por quê?

J. — Porque todas as atenções se voltariam para o defunto, que continua vivo no coração de muita gente. Ninguém se importaria com o rei.

M. — Isso é verdade.

J. — Depois, a recepção do rei deve ser alegre e a do imperador fúnebre. Como se conciliariam as duas recepções? De um lado a marcha de Chopin e do outro o Hino da Carta!

M. — Isso não, porque o rei poderia desembarcar num dia e o imperador ser desembarcado no outro.

J. — Ora aí está! Desse modo tudo se resolveria!

M. — Também quando chegou a família real, a rainha D. Maria I não veio para a terra no mesmo dia em que desembarcou o príncipe regente.

J. — Mas D. Maria I não estava morta.

M. — Pior do que isso: estava doida. — Ora! verás que entusiástica será a entrada de D. Carlos no Rio de Janeiro.

J. — Quanto mais se fosse...

M. — Onde?

J. — Em Barcelona!

38. UM LUÍS

Casa pobre. Estão em cena D. Maria e sua filha Mariquinhas.

Mariquinhas. — Com efeito! papai, ao que parece, ficou a bordo do *Amazona*.

D. Maria. — Naturalmente o príncipe convidou-o para jantar.

M. — Ó Mamãe! não diga isso! então papai, que não é nada, havia de jantar com o príncipe?

D. M. — Então teu pai não é nada? Teu pai é um poeta!

M. — Antes fosse outra coisa! Por isso falta tudo nesta casa!

D. M. — Falta porque teu pai não é republicano! Quisesse ele!...

M. — Pois ganhou muito com ser monarquista! De que servem tantas poesias que fez ao imperador, à imperatriz e à princesa?

D. M. — Suas majestades davam-lhe sempre alguma coisa todas as vezes que ele os cantava. O único da família imperial que nunca lhe deu nada foi o conde d'Eu. Hoje teu pai levou ao príncipe uns versos que fez ontem à noite.

M. — Ora graças! Aí vem papai! (*Entra o poeta e atira-se numa cadeira.*)

D. M. — Como estás pálido! Querem ver que não almoçaste? (*Sinal negativo do poeta.*) Não?

O Poeta. — Não!

D. M. — Então sua alteza não deu de almoçar aos monarquistas?

O P. — Quando o paquete entrou passava de meio-dia. Já não eram horas de almoçar. D. Luís não ofereceu nada. Não quis, talvez, que dissessem que ele vinha com idéias de restaurar...

D. M. — Então nada? Nem um biscoito?

O P. — Nada!

D. M. — E a tua poesia?

O P. — Guardou-a sem a ler.

D. M. — Não te deu nada?

O P. — Nada! Tal qual o conde d'Eu! Pedi-lhe vinte francos.

D. M. — Oh! que fizeste?

O P. — Pois querias que eu lhe pedisse dez mil réis? Ele com certeza não tinha moeda brasileira!

D. M. — Não é por isso, é pela vergonha...

O P. — Eu amenizei a coisa. Disse-lhe: — Vossa alteza tem a bondade de me dar uma moeda de vinte francos? — Ele perguntou: Para quê? — Respondi-lhe: — Vossa alteza não desembarca, mas eu quero ter a satisfação de levar um Luís para a terra!

D. M. — E trouxeste-o?

O P. — Qual! sua alteza disse-me que não tinha dinheiro. — Estou tão quebrado, acrescentou ele, que em Dakar me atirei n'água para ganhar cinco francos! — Tal qual o conde d'Eu...

39. O CASO DAS XIFÓPAGAS

Em casa do Maia, que lê tranqüilamente os jornais em companhia de sua mulher, D. Belmira.

D. Belmira. — (*dando um salto*). Então? Eu bem dizia!

O Maia. — Que é?

D. Belmira. — Morreram as xifópagas!

O Maia. — Xifópagas!

D. B. — Morreram ambas! Quero crer que estas horas o Chapot Prévost esteja preso!

O M. — Preso por quê?

D. B. — Por ter matado as pobres meninas!

O M. — Não digas isso! O Chapot Prévost cumpriu o seu dever! Quis reparar um erro da natureza! Quis transformar um monstro em duas criaturas humanas! Foi infeliz? Paciência!

D. B. — Ele matou ou não matou as xifópagas?

O M. — Xifópagas.

D. B. — Matou-as ou não?

D. M. — Não as matou: operou-as. Elas morreram da operação.

D. B. — A operação foi tolice: cada um deve ser como Deus o fez.

O M. — Então por que foi que mandaste extirpar aquele lobinho* que tinhas na face? Por que usas dentes e cabelos postiços? Por que não te conservas como Deus te fez?

D. B. — Você mete os meus dentes em tudo!

O M. — Ainda bem que são os teus! Imagina que martírio deve ser o do xifópago! Não poder estar um momento sozinho, não ter segredos, viver eternamente com uma sentinela à vista! Faze de conta que nós éramos xifópagos!

D. B. — Deus me livre!

O M. — E a mim! Tu roncas tanto!

D. B. — E você faz coisa pior.

O M. — Não poderias queixar-te de mim aos vizinhos, como é teu costume!

D. B. — Você não poderia fazer as suas bilontragens!

O Maia. — Mas que asneira! Se fôssemos xifópagos, não poderíamos ser casados, porque seríamos irmãos.

D. B. — Eu poderia casar-me com outro homem!

* "Lobinho." O texto impresso diz "lobinho", evidente erro de imprensa. (N. do O.)

- O M. — Boas! Não me faltava mais nada senão consentir que na minha presença...
- D. B. — Você é um homem indecente! Leva tudo para o mal! Meu marido só se chegaria a mim quando você estivesse dormindo.
- O M. — E quando estivesse longe, podia ter a certeza de que o não enganavas, porque estavas sob a minha guarda.
- D. B. — Bom! — mudemos de conversa.
- O M. — Mesmo porque nada o temos que invejar aos xifópagos.
- D. B. — Por quê?
- O M. — Pois não somos tão agarradinhos um ao outro?
- D. B. — Pois sim! já se foi o tempo!
- O Maia. — (*Consigo.*) O diabo é não haver um Chapot Pré vost para esta espécie de xifopagia...

40. AS PÍLULAS DE HÉRCULES

QUADRO I

Em casa do Simplicio, que acabou de almoçar e está pronto para sair; já tem o chapéu na cabeça e guarda-chuva na mão. D. Angélica, sua mulher, aproxima-se dele.

- D. Angélica. — Simplicio, tenho que te pedir um favor...
- Simplicio. — Vai dizendo.
- D. Angélica. — Vamos hoje ao Palace-Theatre.
- Simplicio. — Que vem a ser isso?
- D. A. — É o antigo Cassino Nacional da rua do Passeio.
- S. — Nunca lá fomos!
- D. A. — Razão de mais para lá irmos.
- S. — Mas que idéia foi essa agora?
- D. A. — Eu te digo: está lá uma companhia italiana que representa as *Pílulas de Hércules*.
- A. — As *Pílulas de Hércules*? Mas nós já vimos essa comédia em português. Por sinal que é uma grande bandalheira!
- D. A. — Não é pela peça que desejo lá ir contigo.
- S. — Então por que é?

- D. A. — O anúncio diz que cada espectador receberá à entrada uma caixinha com as verdadeiras pílulas de Hércules.
- S., *arregalando os olhos.* — Hein?
- D. A. — Pode ser que essas pílulas te fizessem bem...
- S. — Deve ser pilhéria.
- D. A. — Não creio. Não se faz pilhéria em anúncios de teatro.
- S. — Se fosse exato...
- D. A. — Então? decide-te!...
- S. — Pois está dito! vamos ao tal... Como é mesmo?
- D. A. — Palace-Theatre.
- S. — Se as pílulas fossem realmente das tais... mas duvido: E vai ver que são falsificadas!
- D. A. — Quem sabe? não custa experimentar...
- S. — Vou comprar duas cadeiras para o espetáculo. Até logo! (*Dá um beijo em D. Angélica e sai.*)

QUADRO II

No dia seguinte pela manhã.

- Simplicio. — Que te dizia eu? Foram dez mil réis deitados fora!
- D. Angélica, *limpando uma lágrima.* — Eu estava tão esperançada!...
- S. — Hoje em dia não se pode ter confiança em drogas: falsificam tudo!

41. ENTRE PROPRIETÁRIOS

O Santos e o Mello encontram-se numa rua qualquer.

- Santos. — Como vai essa católica, * seu Mello?
- Mello. — Vamos indo, seu Santos; vamos indo conforme Deus é servido.
- S. — Como se comportam os inquilinos?
- M. — Menos mal; já estamos em junho e este ano tive que fazer apenas cinco despejos.

* "Como vai essa católica?" Parece gíria por pança. (N. do O.)

- S. — Isso que é para quem tem sessenta prédios?
- M. — Antes não os tivesse!
- S. — Ora essa! por quê?
- M. — Antes houvesse empregado o meu rico dinheiro em apólices! Aquilo rende pouco, mas ao menos um homem está com o espírito sossegado.
- S. — Não diga isso! O prédio é ainda e será sempre o melhor emprego do capital. Olhe, eu cá não me queixo.
- M. — Pois gabo-lhe a pachorra. Depois que se meteu em cabeça a esses malucos embelezarem o Rio de Janeiro (como se o Rio de Janeiro não fosse uma tetéia!) não ganho para os sustos!
- S. — Deixe lá! Não é tanto assim! Eles incomodam os proprietários, mas valorizam a propriedade.
- M. — Pois sim, mas olhe agora o projeto do tal Nery Pinheiro que quer acabar com as casas térreas!
- S. — Pois isso o prejudica?
- M. — Se me prejudica? Nada, uma brincadeira! Pois se eu não tenho senão casas térreas.
- S. — Passando a lei, só terá sobrados!
- M. — Seria uma bela coisa, e eu não me queixaria, se os sobrados fossem levantados à custa dos cofres municipais.
- S. — Ora essa! era o que faltava!
- M. — Que diabo! se eles querem embelezar a cidade, embelezem-na com o seu dinheiro e não com o meu!
- S. — O mais que a municipalidade poderá fazer, se o proprietário não quisesse ou não pudesse levantar o sobrado, era levantá-lo ela e ficar com ele para si; o proprietário seria dono apenas do pavimento térreo.
- M. — E o terreno, seu Santos?
- S. — Que terreno? Em cima não há terreno. O terreno ficava com o proprietário.
- M. — E o proprietário com o terreno que já era seu. Ora boa noite! Que ganhava ele com isso?
- S. — Ele nada ganhava, mas ganhava a cidade. E o proprietário tinha, pelo menos, duas compensações: podia vender as telhas à municipalidade, que precisava delas para cobrir

o sobrado, e ficava com a certeza de que não lhe havia de chover em casa.

- M. — Parece que você quer zombar de mim! Pois vá para o diabo e mais o tal Nery Pinheiro!
- S. — Podia ser pior, seu Mello!
- M. — Como assim?
- S. — Imagine que esse ilustre intendente, em vez de propor que as casas térreas se transformassem em sobrados, propunha que os sobrados se transformassem em casas térreas!
- M. — Nesse caso era você quem dava o cavaco...
- S. — Sim, porque só tenho sobrados.
- M. — Por isso!

42. UM APAIXONADO

Em casa do Teles, que, sentado à mesa de jantar, faz contas a lápis num pedaço de papel. D. Gabriela, sua esposa, trata dos arranjos da casa.

- Teles. — Ó Gabriela?
- D. Gabriela. — Que é?
- T. — Quanto nos resta naquela caderneta da Caixa Econômica?
- D. G. — Muito pouco; não chega a cem mil réis.
- T. — Serve. Vai buscar a caderneta. (D. Gabriela obedece. Teles examina a caderneta.) Tem oitenta mil réis, fora os juros. Serve.
- D. G. — Vais tirar todo o dinheiro da Caixa?
- T. — (sem responder). Quanto deram aquelas tuas bichas no prego?
- D. G. — Oitenta mil réis.
- T. — Só?
- D. G. — E o Monte de Socorro não dava mais de sessenta.
- T. — Tudo serve. Passa para cá as bichas.
- D. G. — (trazendo as bichas, com lágrimas na voz). Vais tornar a empenhar as minhas bichas?
- T. — As tuas bichas e também o meu relógio, que dá cinquenta mil réis. Aí temos já uns duzentos mil réis. Serve.
- D. G. — Mas que é isto?... um aperto?...

- T. — Um grande aperto. Dize-me cá: aquele teu anel de brilhantes dá quanto?
- D. G. — Também o meu anel?
- T. — Vamos! responde!...
- D. G. — Dá cem mil réis.
- T. — Serve. Vai buscá-lo. (*Fazendo as suas contas.*) Bom, já temos trezentos mil réis; com cem que o Banco dos Funcionários vai-me emprestar, serão quatrocentos. Não preciso mais de 384.
- D. G. — Mas que aperto é esse? Fomos penhorados?
- T. — Não.
- D. G. — Que foi então? dize-me!
- T. — Oh, filha! pois não adivinhas?
- D. G. — Não.
- T. — Tu sabes que a minha paixão é o teatro, mas o bom teatro, o teatro com artistas de primeira ordem...
- D. G. — E então?
- T. — Pois ignoras que está a chegar a Duse?
- D. G. — Sim, já ouvi dizer.
- T. — Os empresários anunciam preços de arrancar couro e cabelo! Cada assinatura de cadeira para doze récitas custa 192\$000!
- D. G. — Credo! Virgem Santíssima!
- T. — E como eu não vou ao teatro sem te levar, preciso tomar duas assinaturas, isto é, tenho que escarrar ali, na casa Davi, 384\$000!
- D. G. — Mas não achas que não vale a pena pôr jóias no prego e pedir dinheiro emprestado para ver artistas, mesmo de primeira ordem?
- T. — Filha, a arte dramática antes de tudo! Eu seria capaz até de roubar, contanto que visse a Duse!... (*Metendo as jóias e a caderneta no bolso.*) Me ne vado al * prego! (*Sai e D. Gabriela chora.*)

* "Me ne vado al." Italiano por "Vou-me embora ao". (N. do O.)

43. MEU EMBARAÇO

(MONÓLOGO)

Queridos leitores d'O *Século*, hoje sou eu mesmo, em carne e osso (menos osso que carne), * o protagonista do meu *Teatro*. Isto é um monólogo, um simples monólogo, que recito diante de vós, esperando que me desculpeis ocupar a vossa atenção com a minha insignificante pessoa. Mas... que hei de fazer? Há muitos dias não leio jornais, por falta absoluta de tempo: não sei o que se passa no mundo, nem no meu querido Rio de Janeiro. Foi demolido o convento da Ajuda? Proclamou-se a república em Portugal? Ignoro! — Estou no hotel do Parque Balneário, em Santos — um sítio delicioso, que me dá a impressão da nossa Copacabana. Se sentei à mesa, escrevendo estas linhas, foi porque a chuva não me deixou sair de casa. A estas horas tinha eu que estar na garage do Clube Internacional de Regatas, do outro lado da baía. Não chego para as encomendas. A amabilidade dos santistas não conhece limites. Ando aqui levado de carinho em carinho, que nem um oficial da "Pátria", e não dispondo de um instante para escrever aos amigos, em cujo número incluo os meus leitores habituais. Já em São Paulo não era senhor de mim, aqui não sei aonde me vire, e há de me ser difícil encontrar expressões que traduzam palidamente o meu reconhecimento por tantos favores.

Ontem visitei a Santa Casa de Misericórdia, fundada por Braz Cubas, o fundador da cidade, no século XVI. Visitei igualmente o belo edifício manuelino do Real Centro Português e os clubes *Eden* e *Quinze*. Em toda a parte fui recebido com uma consideração que estou longe de merecer. Hoje tenho um almoço no City Club oferecido pelo Grémio Dramático Arthur Azevedo, e à noite, no teatro Guarany, a representação do *Dote* pelos distintos amadores daquele Grémio. (*Batem à porta.*) Quem é?... (*Depois de ouvir o moço do hotel.*) É uma visita... Decididamente não há meio de escrever! Paro aqui. Vou mandar estas tiras ao patrão, Dr. Brício Filho, e juízo terá ele se as atirar na cesta dos papéis inúteis.

* "Menos osso que carne": Artur Azevedo era muito gordo.

44. DOIS ESPERTOS

Diálogo entre dois portugueses com muitos anos do Brasil.

- 1.º Português. — Ó Antônio, parece que as coisas lá pela nossa terra estão feias!
- 2.º Português. — Qual, homem! hás de tu ver que são mais as nozes do que as vozes!
- 1.º — Não! Desta vez o negócio é sério. Olha que o D. Carlos já foi para bordo do "D. Amélia"!
- 2.º — Ora! o Lampreia já explicou tudo: o D. Carlos anda a estudar oceanografia.
- 1.º — Mas ele não estudará o oceano para pôr-se ao largo?
- 2.º — Qual! não creias na revolução.
- 1.º — Isso creio.
- 2.º — Os republicanos têm deitado as manguinhas de fora, não há dúvida, mas aquele povo é muito monarquista. Não creias que proclamem a República em Portugal!
- 1.º — Estou contigo. O povo português não quer a república.
- 2.º — E então?
- 1.º — Mas desconfia que o D. Carlos a quer, e daí é que vem todo o barulho.
- 2.º — Que estás tu aí a dizer, ó Manoel?
- 1.º — Pois então não viste que o D. Carlos ultimamente tem se chegado aos republicanos? Há pouco tempo esteve em França, e foi visitado pelo Loubet; para o ano vem ao Brasil... O povo pensou lá com os seus botões que Portugal está aí está republicano, e revolucionou-se. Ele não quer um presidente de república: o que ele quer é outro rei que sustente o trono.
- 2.º — Homem, não deixas de pensar bem...
- 1.º — Olha, a mim ninguém me tira da cabeça que a coisa está combinada com o Clemenceau e o Rio Branco.
- 2.º — Ó Manoel, tu és um alho! *

* "Tu és um alho": gíria portuguesa da época, por "homem esperto". (N. do O.)

2.º — Vai com o que te digo, Antônio: em Portugal só há um republicano...

AMBOS. — É o D. Carlos.

45. LIQUIDAÇÃO

Numa casa de negócio. Silva e Sousa, os sócios da firma, conversam, aproveitando a ausência da freguesia.

- Silva. — V. leu os jornais? Houve ontem mais um incêndio!
- Sousa. — É uma verdadeira epidemia!
- Silva. — E não há meio de acabar com isso!
- Sousa. — Ora aí tem v.! Se nós não fôssemos honrados...
- Silva. — Que tem?
- Sousa. — Deitaríamos fogo ao negócio. O seguro é de 50 contos e atualmente não temos em casa nem dez em fazenda...
- Silva. — Sim, mas isso é se não fôssemos honrados. Felizmente o somos.
- Sousa. — Ninguém diz o contrário, nem ninguém o diria depois que houvéssimos metido o dinheiro no bolso.
- Silva. — O momento não podia ser mais favorável: a família que mora no sobrado está toda em Caxambu e o nosso primeiro caixeiro despediu-se há dois dias.
- Sousa. — Pois sim, mas temos ainda o Agapito, que dorme na loja.
- Silva. — Despedi-lo-íamos.
- Sousa. — Seria um indício contra nós. A coisa era deitar fogo na casa e continuarmos a ser honrados... silêncio! Aí vem o Agapito.
- Agapito, vindo do fundo do armazém. — Eu queria pedir um grande obséquio aos senhores dois.
- Silva. — Diga!
- Sousa. — Fale!
- Agapito. — Queria que me dessem licença para recolher-me hoje depois da meia-noite. Minha irmã casa-se em Niterói e eu...
- Silva. — Vá. Vá ao casamento de sua irmã, mas não fique lá toda a noite. Não nos convém a loja sozinha. Não temos grande confiança na guarda noturna.

O Agapito. — Esteja descansado. Muito agradecido. (*Afasta-se.*)

Sousa. — Parece que tudo concorre para tentar-nos.

Si. — Sabe que mais? Diabos levem escrúpulos! Nós podemos levar toda a vida a trabalhar, que jamais ganharemos quarenta contos!

So. — Mas é tão perigoso...

Si. — Qual perigoso! qual nada! Deixe tudo por minha conta. Há de ser hoje mesmo. Vá v. para a chácara.

So. — Mas para deitar fogo a casa é preciso petróleo! onde iri v. buscá-lo sem despertar suspeitas?

Si. — Há muito tempo estou prevenido. Aquela caixa fechada, que tenho no escritório, e todos aqui supõem que é uma caixa de vinho, está cheia de garrafas de querosene!

So. — Mas se descobrem...

Si. — Qual descobrem, qual nada! Hoje às onze horas da noite não existirão senão as quatro paredes, e nós continuaremos a ser honrados.

46. MONNA VANNA

Alcova de casados. D. Isaura dorme. O Cardoso entra pé ante pé e deita-se ao lado dela. O enxergão geme. D. Isaura desperta

D. Isaura. — Bonitas horas, Cardoso!

Cardoso. — Demorei-me a cear. O espetáculo abriu-me o apetite.

D. I. — Sabe Deus onde estiveste!

C. — No teatro, filha! Pois onde havia de estar?

D. I. — A que teatro foste?

C. — Ao Lírico. Fui ver a Duse. Bem sabes que só vou a teatros onde se representem peças decentes.

D. I. — E que peça viu você?

C. — A Monna Vanna.

D. I. — Monna?

Cardoso. — Vanna. É um nome italiano.

D. I. — Conta-me o enredo.

Cardoso. — É muito simples. O primeiro ato passa-se numa cidade sitiada, cuja população está a morrer de fome: há falta

de tudo. O general dos sitiantes manda dizer ao general dos sitiados que levantará o cerco, e nada faltará ao povo, se ele, general sitiado, lhe mandar a ele, general sitiante, sua própria mulher, porém nua.

D. I. — Nua?!

C. — Nua, sim!

D. I. — A isso é que chamas peça decente?

C. — O marido enfurece-se ouvindo essa proposta, mas o pai dele, que é filósofo, aconselha-o a sacrificar-se em benefício do povo.

D. I. — E ele sacrifica-se?

C. — Que remédio, coitado! Pois se são todos, inclusive a própria mulher, a pedir-lhe que ceda!

D. I. — E ela vai?

C. — Vai, e nuazinha, mas envolvida num manto. Também era o que faltava: a Duse nua! Creio que seria caso de fugir!

D. I. — E depois?

C. — A moral é salva: o general sitiante tem escrúpulos, e Monna Vanna volta para o marido tão pura como dantes.

D. I. — Pura? Essa é que eu não engulo!

C. — Nem o marido enguliu, e fez um turumbamba de todos os diabos!

D. I. — E como acaba a peça?

C. — Não sei, não pude perceber, mas creio que morrem todos!

D. I. — Tudo isso é muito extravagante. Você era capaz de me mandar nua à alguma parte?

C. — Conforme. Se eu fosse um general, um político, e a felicidade do povo dependesse disso...

D. I. — Quê! pois você deixava que sua mulher?...

C. — Que remédio!

D. I. — Não tinha pena de mim?

C. — Por força havia de ter! Só o lembrar-me que outro homem...

D. I. — Não, não é por isso... é porque se eu sáísse nua apanharia uma tremenda constipação.

47. AS RETICÊNCIAS

Na sala de jantar da família Melo. A senhorita Dadá lê, num jornal, os anúncios dos teatros; mamãe cose; papai não chegou ainda da repartição.

A Senhorita. — Mamãe?

Mamãe. — Que é minha filha?

A S. — A senhora já viu o título da peça que se representa no Lucinda?

M. — Não; qual é?

A S. — “Sorte de...”

M. — Como?

A S. — “Sorte de...” reticências.

M. — Que título esquisito!

A S. — Estas reticências estão aqui em lugar de uma palavra. Que palavra será?

M. — Como queres tu que eu saiba, se não conheço a peça?

A S. — Aí está uma coisa que me aguça a curiosidade! Não dormirei hoje sem saber o que querem dizer estas malditas reticências!

M. — Olha, aí vem papai. Pergunta-lho.

Papai. — (*entrando*). Ora muito boa tarde. (*Beija a mulher e a filha.*)

M. — Oh Melo, a Dadá estava à tua espera para lhe explicar o que quer dizer “Sorte de...”

P. — “Sorte de...”?!

M. — Sim, “Sorte de...” três pontinhos; é o título de uma peça que se representa no Lucinda.

P. — Ah! já sei... “Sorte de...” (*Aparte.*) Que entalção! (*Alto.*) Isso quer dizer... isso não quer dizer nada... É para não gastar papel que puseram ali aqueles três pontinhos... “Sorte de...” sorte de nada... sorte de coisa nenhuma... sorte de cacaracá!... isto é, nenhuma sorte; percebes?

A S. — Não senhor.

M. — Nem eu.

P. — Pois bem, minha filha, ali há realmente uma palavra oculta, mas uma palavra feia... uma palavra que tu

não podes saber... foi por isso que a substituíram por três pontinhos...

A S. — Mas papai...

P. — Não insistas! (*A mamãe.*) Imagina que a tal palavra quer dizer... (*Diz uma palavra ao ouvido da mamãe.*)

M. — Que horror!

P. — Vejam a que estado chegou o teatro no Rio de Janeiro! Já nem mesmo os títulos das peças podem ser explicados às senhoritas, quanto mais as próprias peças!

M. — Não sei, realmente, onde vamos nós parar com tanta liberdade! (*À senhorita.*) Papai tem razão, Dadá... Tu só poderás saber o que encobrem aquelas reticências depois que tiveres marido.

A S. — Pois sim! Quem me há de dizer é o primo Zeca...

48. MODOS DE VER

No fundo da venda do Seu Zé. — Nha Chica prepara o almoço — Seu Zé extrai uma conta do borrador.

Chica. — Seu Zé?

Zé. — Que temos?

C. — Vancê leu no “Jorná do Brasi” aquela história do home da Vila Isabé que amiga dele deu tiro de revolve nele?

Zé. — Li. É uma doida.

C. — Doida, não, seu Zé; o home deve sê de uma muié só!

Zé. — Pois você não viu que ela era mais velha que ele?

C. — Isso não qué dizê nada. Quando um home e uma muié vive junto, não há mais moço nem mais véio; todos dois é da mesma idade.

Zé. — Isso diz você porque é mais velha do que eu. Se fosse mais nova, talvez já cá não estivesse.

C. — Eu não sei de nada; só sei que cando vancê fizé como o home da Vila Isabé, eu faço como a tá Sofia; dou um tiro em vancê.

Zé. — E depois dá outro em si?

C. — Não! isso é que eu não faço porque não sou tola.

Zé. — Mas nesse caso você passará o resto da vida na cadeia.

C. — Júri me absorve.

Zé. — Qual absolve, qual nada! Você já viu júri absolver preto? e quando o júri a absolvesse, você ficaria atirada pra aí, na miséria.

C. — Isso é verdade.

Zé. — Por isso o melhor que você tem a fazer é acabar com isto antes que sinta necessidade de me dar cabo do castro...

C. — Como acabá com isto, seu Zé? Olhe que eu sou preta mas tomara muitas brancas tê a minha procedência!...

Zé. — Não digo o contrário; mas você já um dia me deu a entender que tinha vontade de ir viver na roça com sua irmã. Pois bem; eu dou-lhe uma mala cheia de roupa, um conto de réis em dinheiro, pago-lhe a passagem, e você vai para a roça.

C. — Vancê me dá tudo isso?

Zé. — Dou e mais alguma coisa!

Chica. — Antão eu vou! Mas praquê vancê qué se separá de mim?

Zé. — Porque tenho medo de morrer... estou ameaçado... e não respondo por mim...

C. — Pois está dito! Vou pra roça! Aí está como se evita uma desgraça! Se o home da Vila Isabé tivesse feito como vancê, não levava o tiro!

49. REFORMA ORTOGRÁFICA

Numa barbearia do bairro da Saúde — O barbeiro mais sabichão que o céu cobre faz a barba a um freguês.

O Freguês. — Ó seu Isidro, que vem a ser isso de ortografia da Academia de Letras?

O Barbeiro. — Pois não sabe? A Academia, que é uma sociedade de literatos com um t só, e dos melhores, quer simplificar a escrita. Por exemplo: philosophia tem dois hh; para quê? Você chama-se Affonso...

F. — Alto lá! eu me chamo Joaquim.

B. — É uma hipótese sem agás. Você chama-se Affonso com dois ff. Pois não lhe basta um? Que vem a fazer aquele outro?

F. — Então não é melhor que as palavras se escrevam com todos os ff e rr? Qual é o resultado prático dessa reforma?

B. — Trata-se de uma grande economia de tempo, tinta e papel.

F. — Ouvi também dizer que a tal Academia quer que se escreva kiosque com q u i qui...

B. — Sim senhor! Kiosque e todas as palavras que eram escritas com k. Essa letra já não existe no alfabeto sem h: a Academia suprimiu-a com um p só.

F. — Mas com os diabos! isso não é simplificar, porque kiosque com q tem oito letras e com k tem apenas sete!

B. — É para uniformizar com z. Uma vez que nós possuímos o q, que necessidade temos do k?

F. — Nada, seu Isidro, eu sou franco: kiosque com q u i qui para mim não é kiosque nem aqui nem na casa do diabo!

B. — É uma questão de hábito. Desde que você se habitue... Eu cá estou entusiasmado sem h pela ortografia sem ff!

F. — (*erguendo-se*). Bom; não lhe pago a barba porque só tenho aqui níkeis com k; aparecerei quando tiver com que... (*sai*).

B. — Querem ver que este sujeito com j aproveita a reforma ortográfica para ferrar-me um calo com um l só e pregar-me uma pessa com dois ss?

50. FOI MELHOR ASSIM!

Em casa do Silva, que está preparado para sair e vai à sala de jantar convidar a senhora para sair com ele.

O Silva. — Ó Mariquinhas, queres vir dar um passeio? Há muito tempo não temos um domingo tão bonito! Se queres, vai-te arranjar, eu espero.

D. Mariquinhas. — Não não tenho vontade de sair, saia você só. Preciso acabar esta blusa.

O S. — Não sei onde vá. Talvez me atire até o Engenho de Dentro no perigo amarelo. Ainda não vi a tal ponte.

D. M. — Se eu fosse você, ia ver subir o balão na praça da República.

O S. — Não tenho ânimo!

D. M. — Não tem ânimo de quê? De ver subir ou de subir?...

O S. — De ver subir um homem pelo espaço fora dentro de uma cesta! Não sei, mas parece-me que se eu visse cair um aereonauta * de uma altura de cem metros, desmaiava! Sou tão nervoso!

D. M. — Ora deixe-se disso! Deve ser tão interessante ver subir um balão levando uma pessoa! A gente cá de baixo a ver aquela massa ir diminuindo, diminuindo, até tornar-se um ponto pequenino lá longe, muito longe! Não há nada mais curioso!

O S. — Curioso é, não há dúvida: mas se o homem cai?

D. M. — Você deve ir, mesmo para perder o medo.

O S. — Achas?

D. M. — Acho, sim!

O S. — Pois então vou! Quanto se paga?

D. M. — Dois mil réis apenas.

O S. — Vou, está dito! Queres vir?

D. M. — Não, vá você só. Reservo-me para outra vez.

O S. — Então até logo. (*Dá-lhe um beijo e sai.*)

QUADRO II

A mesma cena

O S., *entrando contentíssimo*. — Lá fui! Não calculas a impressão que produz a vista de um aerostato cheio de gás!

D. M. — Vejo que tudo se passou muito bem. Onde o balão foi cair?

O S., *rindo-se*. — Não caiu!

D. M. — Como assim?

O S. — Não caiu porque não subiu: o gás não teve força!

D. M. — E você ficou sem os dois mil réis?

* "Aereonauta." Parece erro de imprensa por "aeronauta". (N. do O.)

O S. — Fiquei, mas não me lastimo! Criei alma nova quando o homem declarou que não subia! Foi melhor assim!

51. O VELASQUEZ DO ROMUALDO

No gabinete do Romualdo, que passeia agitado de um lado para o outro.

A Senhora, entrando. — Chamaste-me?

Romualdo. — Sim, chamei-te porque o momento é solene!

A Senhora. — Assustas-me!

Romualdo. — Não é caso para isso. Estás vendo aquela carta? (*Apona para uma carta que está sobre a secretária.*)

A S. — Sim!

R. — Está ainda fechada.

A S. — Sim, vejo que está fechada. Por quê?

R. — Entregou-ma o carteiro não há cinco minutos, e como reconheci no sobrescrito a letra do Sepúlveda, não quis abri-la sem estares presente. Receio uma síncope. *La joie fait peur.* *

A S. — Mas que esperas tu achar nessa carta?

R. — Pois não te lembras que mandei ao Sepúlveda, que está em Paris, a fotografia do nosso Velasquez, a fim de que ele, consultando os peritos, se certificasse de que o quadro é realmente do grande pintor espanhol.

A S. — Ora! pensei que fosse outra coisa. Tira a idéia daí! Pode lá ser de Velasquez um quadro comprado por 15\$000, na rua Senhor dos Passos!

R. — Isso não quer dizer nada. É no lodo que se encontram as pérolas! Naquela mesma rua do Senhor dos Passos já foi, há muitos anos, encontrado um Ticiano! Outro Ticiano foi há meses descoberto no Pará! E o Rembrandt da galeria Rembrandt? E o Tintoreto e o Franz Hals que lá estão?

A S. — Posso lá crer na existência de um Velasquez aqui, na rua Frei Caneca!

Romualdo. — Tudo é possível, minha mulher! (*olhando para um velho quadro que está pendurado na parede*). Vê que

* "La joie fait peur." Francês por "A alegria dá medo". (N. do O.)

expressão tem aquela cabeça! Oh! o Guimarães tem bom olho... o Guimarães não se engana... o Guimarães sustenta que está ali um Velasquez... (Pegando na carta.) Que estará aqui dentro? Vê como tenho as mãos trêmulas!

A S. — Que tolíce a tua!

R. — Esta carta vai decidir a nossa sorte! Vem cá dentro, talvez, a casinha com que sonhamos em Botafogo, no centro de um jardim... o dote da Mimi... a nossa viagem à Europa... (Rasgando o envelope com resolução.) Ora adeus! ânimo!...

A S. — Conta com um desengano. (Romualdo lê a carta e cai abatido numa cadeira.) Eu não te dizia? (Tomando a carta e lendo.) “Meu caro Romualdo. — Recebi a fotografia do teu quadro e fui logo consultar um dos peritos mais famosos de Paris, que não se negou a dar-me o seu parecer antes que eu lhe pagasse * 200 francos. Paguei-lhos. Deves-me essa quantia. Logo que ele se apanhou com os cobres, disse-me que aquilo era uma péssima cópia de um mau retrato espanhol, sem um traço que autorizasse ninguém a atribuí-lo a Velasquez. Acrescentou que o teu quadro poderá ser vendido em Paris por cinco ou dez francos quando muito.” — Eu não te dizia?

R. — Agora só me resta um recurso...

A S. — Qual?

R. — Vendê-lo à Escola de Belas Artes!...

52. O COMETA

Madrugada escura. Céu soturno. Telhados e águas-furtadas. Abre-se uma janela, ou antes, um postigo e aparece a cabeça de D. Catarina, envolvida numa colcha. A boa senhora olha para cima como se estivesse a procurar alguma coisa no céu.

D. Catarina. — Nada! não vejo absolutamente nada de extraordinário!

(Abre-se o postigo da outra água-furtada, e aparece a cabeça de D. Rosália coberta com um largo lenço de seda.)

* “Antes que eu lhe pagasse”: o sentido requer “depois que eu lhe pagasse”. (N. do O.)

D. Rosália. — (depois de examinar o firmamento). Qual cometa nem qual carapuça!

D. C. — Boa-noite vizinha!

D. R. — Ah! é a senhora? Boa-noite! Querem ver que também está à procura do cometa?

D. C. — É verdade. Li nos jornais que ele é visível às três e meia da madrugada, mas nada vejo.

D. R. — Nem eu!

D. Catarina. — Meu marido está furioso!

D. R. — Por quê?

D. C. — Diz que isto é uma loucura, que me arrisco a apanhar uma doença; mas que quer? nós, mulheres, somos tão curiosas!

D. R. — Não, não é por curiosidade que cá estou, mas por amor da ciência. Gosto muito de me instruir. Quando estiver numa roda e se falar em cometa, quero também meter a minha colher, dizendo: “Já vi um!”

D. C. — Eu confesso que aqui não vim senão por curiosidade, e um pouco por simpatia...

D. R. — Por simpatia? Como assim?...

D. C. — Eu lhe digo: o cometa chama-se Daniel, e Daniel era o nome do meu marido. Coitado! É morto há vinte anos!

D. R. — Ainda o chora!

D. C. — Pudera! Aquilo é que era um homem!

D. R. — Mas o segundo é também muito boa pessoa.

D. C. — Sim, mas que diferença! Um homem frio, apático, indiferente a tudo! A senhora não vê? Prefere estar dormindo a vir ver o cometa! Diz que trabalha muito e precisa descansar! Como se um fenômeno da natureza não merecesse o sacrifício de uma hora de sono!

D. R. — Mas no fundo ele não deixa de ter razão, mesmo porque se viesse ver o cometa, não veria nada! Mas onde se meteu esse vagabundo?

D. C. — Quem? meu marido?

D. R. — Falo do cometa.

D. C. — Sei lá!

- D. R. — Eu li uma notícia dizendo que ele aparece por baixo da constelação do touro. A vizinha sabe que constelação é essa?
- D. C. — Não senhora, mas talvez meu marido... (*Gritando para dentro.*) Ó seu Eduardo? (*silêncio*). Seu Eduardo?
- D. R. — Deixe-o: está dormindo.
- D. C. — Se está dormindo, acorde! (*Gritando.*) Seu Eduardo! *A voz do marido, ao longe.* — Que é lá?
- D. C. — Você sabe onde é a constelação do touro?
- A voz.* — Vá para o diabo! não me aborreça!
- D. C. — Disse que não sabe. (*Espirrando.*) Atchim! Bonito! lá me constipei por causa do Daniel!
- D. R. — (*espirrando*). Atchim! Também eu! Não valia a pena! Vamos dormir!
- D. C. — Vamos, mas olhe, vizinha, amanhã... atchim... sustentemos ambas que vimos o cometa!
- D. R. — Essa era a minha intenção... Atchim!
- D. C. — Boa-noite... Atchim!
- D. R. — Atchim! Boa-noite!
- Ambas.* — Atchim! (*Desaparecem as cabeças. Fecham-se os postigos.*)

53. ECONOMIA DE GENRO

Em casa do Silva — Na sala de jantar — O Silva tem acabado de tomar café, e está sentado numa cadeira de balanço a fumar o seu cigarro e a ler o seu jornal — Entra D. Ana, sua mulher.

- D. Ana, depois de alguma pausa. — Com efeito!... você é de muita força!...
- Silva. — Por quê?
- D. A. — Não me pergunta por mamãe! Viu que ela ontem se recolheu tão doente, e nem ao menos indaga como passou a noite!
- S. — Desculpa... eu estava a ler uma coisa muito interessante... e justamente a lembrar-me dela.
- D. A. — Pois devia interessar-se: é minha mãe!

- S. — É tua mãe, mas é minha sogra; se fosse minha mãe eu me interessava um pouco mais; se fosse tua sogra quem não se interessava eras tu.
- D. A. — Não sei que mal fez a pobre velha para você a tratar assim!
- S. — Assim?! Assim como? Como é que eu a trato?...
- D. A. — Não pergunta por ela quando está doente.
- S. — Não perguntei, mas ia perguntar.
- D. A. — Qual perguntar! qual nada!...
- S. — Francamente: uma vez que me obrigas a falar, dir-te-ei, minha filha, que tua mãe não tem nenhuma razão de queixa contra mim. Não tenho obrigação nenhuma de aturá-la e, no entanto, suporto resignado todas as suas impertinências, porque, não há dúvida, ela é uma sogra clássica! outro qualquer, sofrendo o que tenho sofrido, há muito tempo se teria livrado dela! Eu, pelo contrário, mostro-me cada vez mais solícito. Sou eu que lhe dou casa, sou eu que lhe dou de comer e beber, sou eu que a visto, sou eu...
- D. A. — Grande coisa! não é a pobre velha que aumenta as despesas! A casa é grande e mais um talher à mesa não custa nada.
- S. — E a roupa?
- D. A. — Você só lhe dá roupa quando a pode comprar baratinho nalguma liquidação.
- S. — Censuras-me ser econômico.
- D. A. — Não!
- S. — Pois se posso comprar aqui por três, porque hei de comprar ali por quatro? Ainda agora, lendo o jornal, estava pensando numa dessas economias. Tua mãe está doente, não está?
- D. A. — Está muito doente; está mais doente do que você imagina!
- S. — Tanto melhor!
- D. A. — Como tanto melhor?
- S. — Tanto melhor para a economia que me lembrou fazer. Há na Alfândega um objeto abandonado que naturalmente vai ser vendido por uma bagatela, e com certeza ninguém

quer senão eu, se não houver por aí outro genro que me passe a perna.

D. A. — Que objeto é esse?

S. — Um caixão de defunto. Agora diz que não me lembro de minha sogra...

54. OS CREDORES

Em casa do X, literato e jornalista — (Ele está sentado a escrever um artigo; Entra a senhora de mansinho.)

A Senhora. — Está aí o homem da venda. Podes dar-lhe algum dinheiro?

X, largando a pena. — Onde queres que o vá buscar?

A S. — Mas que lhe devo dizer?

X. — Não lhe digas nada; manda-o entrar; dar-lhe-ei uma desculpa. (*A senhora abre a porta que dá para o corredor, e fez entrar o homem da venda.*) Meu caro sr. Ribeiro, ainda hoje não lhe posso pagar... O jornal ainda não me pagou o ordenado! Não tenho vintém em casa!

O Homem da Venda. — Nam vim pedir dinheiro a vosseoria; bem sei que vosseoria o não tem; vim dar-lhe um conselho!

X. — Um conselho!

O H. da V. — É como lhe digo!

X. — Qual é o conselho?

O H. da V. — Faça uma conferencia no tal Anstituto de Musica.

X. — Uma conferencia? Eu?...

O H. da V. — Pois antão! Outros menos pintados têm feito conferencias e têm ganho muito dinheiro! Olhe, eu tenho um culega estabelecido na rua do Senador Osebio que tinha um freguês litratos como vosseoria, que lhe não podia pagar, e vai o moço faz uma conferencia no Anstituto, e no mesmo dia pagou a conta!

X. — Mas, meu caro sr. Ribeiro, o senhor sabe o que é uma conferencia?

O H. da V. — Nam sei: só sei que é uma coisa que dá dinheiro a ganhar aos litratos.

X. — Mas eu nunca fiz conferencias!

O H. da V. — Bem sei, e por isso vosseoria não me pagou ainda!

A S. — O sr. Ribeiro tem razão. Por que não há de tu fazer uma conferencia?

O H. da V. — Eu cá nam faço porque nam sei.

X. — Ora adeus! Tem razão, Sr. Ribeiro! Vou fazer uma conferencia! Mas qual há de ser o assunto?

O H. da V. — Os impostos, que são de levar couro e cabelo!

X. — Isso não se presta a uma conferencia literária! (*com uma idéia*). Ah! já tenho um assunto: "Os credores."

O H. da V. — Bravo! só assim eu iria ao tal Anstituto!

X. — Para me ouvir falar?

O H. da V. — Nam senhor; para receber a conta.

55. OS FÓSFOROS

Sala modesta. Nha Tereza, gorda mulata, dá de mamar ao filho. Três crianças brincam, sentadas no chão. Ouvem-se passos no corredor.

As crianças. — Lá vem papai! Lá vem papai... (*Erguem-se e vão receber à porta o padre Thomaz, que entra.*) Bença! Bença!...

O Padre. — Deus vos abençoe! (*Aproxima-se de nha Tereza e dá-lhe um beijo.*) O Zeca e o Quincas já foram para o colégio?

Tereza. — Há que tempos!

O P. — (*sentando-se*). Venho hoje fulo!

Tereza. — Por quê?

O P. — (*tirando da algibeira uma nota de dez mil réis*). Olhe!...

T. — Que tem?

O P. — Veja se isto é dinheiro que pague uma missa de defunto rico! Dez mil réis! Eu contava com vinte e cinco pelo menos!

T. — Pois você está muito precisado de dinheiro... Estes meninos estão todos sem calçado...

- O P. — Já lá se vai o tempo em que ser padre era uma boa coisa; hoje é uma miséria, principalmente para quem tem mulher e filhos, como eu.
- T. — Ainda você não é dos que têm mais razão de queixa, porque eu “lhe” ajudo. As balas sempre rendem alguma coisa...
- O P. — Dantes não era preciso que a mulher ajudasse, porque eu ganhava muito dinheiro; mas o que quer você? a concorrência é grande, a cidade está cheia de padres vindos de toda a parte! E alguns deles só servem para desmoralizar a classe, como o tal Pelegrineti!
- T. — Que padre é esse?
- O P. — Um italiano, que anda pela rua a vender fósforos baratos, com as vestes sacerdotais! (*sacudindo as saias*). Nha Tereza! isto é sagrado! isto é sacratíssimo!...
- Tereza. — Não sacuda assim a batina que pode rasgar ela, e depois o trabalho é meu! Ainda o outro dia o que me custou ela! Estava cheia de nódoas!
- O P. — Grandíssimo patife! Vender fósforos de batina!... Um ungido do Senhor!...
- T. — Ora, deixe-se disso! Você tem feito coisas piores de batina!
- O P. — Eu?
- T. — Você, sim! Então eu não sei! (*Repetindo com malícia*) Eu não sei?
- O P. — Pois sim... talvez... mas não “coram populo”. *
- T. — É; você pensa que o latinório salva tudo...
- O P. — Quero dizer que nunca fiz em público coisas que um ministro de Deus não deve fazer... Vender fósforos!... Lembre-se, Tereza, que Jesus Cristo expulsou os vendilhões do templo!...
- T. — Eles vendiam fósforos?
- O P. — Não, porque os fósforos ainda não tinham sido inventados.
- T. — Nem as balas, que você vende, ou manda vender, porque as missas não chegam. E se você não tivesse remédio

* “Coram populo”: frase latina por “em público”. (N. do O.)

senão vender fósforos na rua, de batina, para dar de comer a estas crianças, você vendia mesmo! Ora aí está! Vamos almoçar!

56. UM ENSAIO

Em casa do Sampaio, que se apronta para um banquete. Só lhe falta pôr a capa e o chapéu. Sua filha, a senhorita Bibi, ata-lhe o laço da gravata. Sua esposa, d. Júlia, sentada numa cadeira, contempla-o com admiração e orgulho.

- Bibi. — Pronto, papai! Ficou um bonito laço!
- Sampaio. — Uma ponta não está maior do que outra?
- B. — Não, senhor! Veja ao espelho!
- S. — Não é preciso. Vai buscar a capa, o chapéu e a bengala. (*Bibi sai.*)
- D. Júlia, radiante. — Como você fica bem de casaca, Sampaio!
- S. — Achas?
- D. Júlia. — Por meu gosto você não andava senão assim!
- S. — O que me está dando cuidado é o brinde!
- D. J. — Ora! você já tem falado tantas vezes!... você é orador!
- S. — Que orador, que nada! E demais, o brinde é em francês!
- D. J. — Em francês, por quê?
- S. — Pois você queria que se oferecesse um banquete a um hóspede ilustre francês e se falasse em português?
- D. J. — Se ele é ilustre devia saber português.
- S. — Que tolice!
- D. J. — Devia saber tudo!
- B. — (*voltando com a capa, o chapéu e a bengala*). Papai tem o seu improvisado bem na ponta da língua?
- S. — (*vestindo a capa, pondo o chapéu e tomando a bengala*). Devo ter. Mas, adeus que são horas!
- D. J. — Venha cá; por que não faz um pequeno ensaio?
- S. — Você não lembra mal. Bibi, senta-te ali ao pé de tua mãe. (*Bibi obedece.*) Ouçam lá! (*Declamando lentamente, como se estudasse as palavras*):
“Monsieur, permettez-moi que dans ce moment solennel je leve ma faible voix et mon verre pour saluer

dans votre honorable personnalité, au nom des amis que se trouvent assemblés au tour de cette table, le plus illustre des étrangers que nous ont visité depuis longtemps, et dont la présence est un grand sujet d'orgueil pour notre pays."*

- D. J. — Muito bem, Sampaio!
B. — Pronuncie pêi, papai! O sr. diz país, como se fosse em português!
S. — Eu devo dizer muitas asneiras... Bom! até logo! (Sai.)
D. J. — Como teu pai fica bem de casaca!
B. — Pois sim, mas a falar francês é uma lástima!
D. J. — Podia ser pior... Imagina que o brinde era em inglês!

57. OPINIÃO PRUDENTE

*Numa barca da Cantareira — Um dos passageiros aproxima-se do Dr.*** candidato a muita coisa.*

- O Passageiro. — Ó doutor, V. S. que é todo chegado à política fluminense, diga-me cá uma coisa: qual dos dois têm razão, o Backer ou o Nilo?
O Doutor. — Nenhum deles tem razão, ou por outra, ambos a têm.
O P. — Não! essa não engulo eu! É preciso que um dos dois tenha ou não tenha razão!
O D. — Trata-se de saber se o Backer deve fazer a trouxa no fim do ano, ou ficar mais três anos na presidência...
O P. — Até aí sei eu.
O D. — O Backer quer ficar; o Nilo quer que ele desempache o beco...
O P. — Adiante.
O D. — O Nilo tem razão porque o Backer veio completar o período presidencial.

* Monsieur, permettez-moi", etc. Francês por: "Senhor, dai-me licença de levantar, neste momento solene, minha fraca voz e meu copo para saudar na vossa nobre personalidade, em nome dos amigos que se acham reunidos ao redor desta mesa, o mais illustre dos estrangeiros que nos têm visitado desde há muito tempo, e cuja presença entre nós é grande motivo de orgulho para o nosso País." (N. do O.)

- O. P. — Bom, nesse caso é o Nilo que tem razão.
O D. — Mas o Backer também a tem, porque não era vice-presidente, e, não sendo vice-presidente, não tinha que completar mas que iniciar um período.
O P. — Então quem tem razão é o Backer.
O D. — Não; é o Nilo, porque, não havendo vice-presidente que assumisse a presidência, a eleição do Backer foi não presidencial mas vice-presidencial.
O P. — Bom: tem razão o Nilo, não falemos mais nisso.
O D. — Perdão; tem razão o Backer, porque a eleição foi revestida de todos os caracteres de uma eleição presidencial.
O P. — Tem razão o Backer. Acabou-se.
O D. — Ambos têm razão porque a questão presta-se à controvérsia.
O P. — O que me parece certo é que, se o Nilo e o Backer não houvessem brigado, o Backer seria presidente por mais três anos, tivesse ou não tivesse razão.
O D. — Neste ponto quem tem razão não é o Backer nem o Nilo: é o senhor.
O P. — Nesse caso, trata-se de uma deposição.
O D. — Trata-se... Sabe que mais? Já eu disse mais que devia dizer. No frigid dos ovos é que se vê a manteiga...
O P. — Já sei; o doutor está a ver de que lado sopra o vento...
O D. — Confesso-lhe que sim, e enquanto não souber como devo manobrar estou na minha: tanto o Backer como o Nilo têm razão, e nenhum deles a têm...

58. OBJETOS DO JAPÃO

A viúva Lopes está na sala de visitas, sentada no sofá. As quatro senhoritas Lopes estão debruçadas nas duas janelas de peitoril que deitam para a rua. É à tardinha.

- 1.^a Senhorita. — Lá vem seu Cardosinho!
2.^a Senhorita. — Traz um embrulho na mão!
3.^a Senhorita. — Ele nunca vem que não traga alguma coisa pra gente.
4.^a Senhorita. — Não é por nossos bonitos olhos: é por causa da Xandoca.

1.^a *Senhorita*. — Por mim gentes!...

4.^a *S.* — Morde aqui! Então nós não sabemos que ele é teu namorado?

A Viúva Lopes. — Meninas, olhem que eu estou aqui!

2.^a *S.* — Bem feito.

A V. L. — E participo-lhes que não me agradam muito as visitas desse tal sr. Cardosinho...

1.^a *S.* — Por que, mamãe?

A V. L. — É muito inconveniente. Tem umas conversas impróprias de casa de família. Que necessidade tinha ele de nos dizer outro dia que frequenta o High-Life?

As Quatro Senhoritas. — Boa tarde seu Cardosinho! Entre!

A V. L. — Vou tratá-lo muito secamente.

(*As senhoritas vão à porta da entrada receber o Cardosinho, a quem fazem muita festa.*)

Cardosinho. — Como está, d. Xandoca? Como tem passado, d. Biloca? Tem passado bem, d. Miloca? Ficou boa da sua tosse, d. Dodoca? (*Respondem todas ao mesmo tempo, fazendo muita algazarra.*)

A V. L. — Silêncio, meninas! Que gritaria!... Sentem-se.

Cardosinho (aproximando-se da viúva). — Apresento-lhe os meus respeitosos cumprimentos, sra. D. Engrácia.

A V. L. — Boa tarde.

Cardosinho (sentando-se). — Permite que distribua alguns objetos do Japão pelas senhoritas?

A V. L. — Não senhor, não quero que se incomode por causa delas.

C. — Oh, minha senhora! Isto não é incômodo: é prazer. (*Desamarrando o embrulho que traz e tirando os objetos que menciona.*) Estes guardanapos de papel de seda são para d. Biloca. (*Agradecimentos.*) Este balãozinho é para D. Dodoca. (*Idem.*) Esta xícara com o seu pires é para D. Miloca. (*Idem.*) Este par de vasos é para D. Xandoca.

1.^a *S.* — Que lindo!

4.^a *S.* — Não é o que eu digo? O objeto mais bonito foi para Xandoca.

C. — Para a sra. D. Engrácia trouxe este leque.

A V. L. — Obrigada; não tenho calor.

C. — Não tem agora, mas pode ter amanhã: queira aceitá-lo.

A V. L. — Eu não sou japonesa. Demais, desde que enviuei, só uso leques pretos.

C. — Nesse caso, D. Xandoca, é seu o leque.

1.^a *S.* — Muito agradecida. Mas onde o senhor comprou estas bonitas coisas, seu Cardosinho?

C. — Em casa do Pippaku.

A V. L. (erguendo-se furiosa). — De quê? Rua, seu cachorro, rua!...

C. — Minha senhora, eu...

A V. L. — (*crescendo para ele*). Rua, quando não... (*O Cardosinho foge.*) Bandalho! sem vergonha!... Isto é casa de família...

59. DE VOLTA DA CONFERÊNCIA

Em casa do Ribeiro, que está à janela, fumando. É noite.

Uma Voz. — Boa noite, vizinho!

O Ribeiro. — Boa noite.

A V. — Então está apreciando a fresca?

O R. — Não senhor, estou esperando minha mulher.

A V. — Ah! sua senhora saiu? Naturalmente foi ao teatro?

O R. — Não senhor; foi à conferência do Ferrero.

A V. — E o vizinho não quis ir?

O R. — Não foi por falta de vontade, mas de convite. Minha mulher foi com a família do primeiro andar. — Olha, aí vem ela.

A V. — Boa noite, vizinho.

O R. — Boa noite. (*Saindo da janela.*) Que sujeitinho bisbilhoiteiro! (*senta-se numa cadeira. Entra Violante.*)

Violante. — (*tirando o chapéu*). Tardei muito! Pudera! O homem levou a falar quase duas horas!

O R. — E que tal? Muita gente?

V. — Muita! A Ritinha Marques estava com aquele mesmo vestido com que foi à *Danação de Fausto*.

O R. — Que disse o Ferrero sobre Tibério?

- V. — Quem estava muito chique era a filha do Dr. Gayoso. É pena que tenha tão maus dentes!
- O R. — O Ferrero falou em francês ou em italiano?
- V. — Em francês italianizado. O Frias levou todo o tempo a namorar a mulher do Neves, e às barbas do marido! Um escândalo!
- O R. — Deixe lá os outros! Dize-me sob que ponto de vista o Ferrero encarou as relações de Augusto com Tibério.
- V. — Sob o ponto de vista filosófico. A Adélia dormia a sono solto! É preciso ser muito ignorante para dormir durante uma conferência histórica!
- O R. — O Ferrero pronunciou-se sobre o exílio de Júlia?
- V. — Pronunciou-se, isto é, creio que sim, que se pronunciou. Lembras-te daquele vestido que te mostrei o outro dia nas Fazendas Pretas? A Lulu Barreto estava com ele. É pena! um vestido tão bonito num estupor daqueles!
- O R. — O Ferrero defendeu ou acusou Júlia?
- V. — Acusou, depois defendeu. Desconfio que a Sinhá Bastos deitou as jóias no prego: já é a terceira vez que a vejo sem uma jóia! Pudera! Lírico todas as noites!
- O R. — O Ferrero não disse nada das más línguas de Roma?
- V. — (*sem compreender*). Em compensação a baronesa de Itapuca estava coberta de jóias! Parecia uma vitrine de ourives! Que falta de gosto! Eu sempre queria que me dissessem onde o barão vai buscar dinheiro para tantas jóias!
- O R. — Ó filha, não é isso o que me interessa; conta-me o que o Ferrero disse de Augusto, de Tibério e de Júlia.
- V. — Disse muita coisa, mas não prestei atenção. Que me importa a vida alheia?

60. CINEMATÓGRAFOS

Na sala do Baltazar, que entra da rua, e encontra sua mulher D. Inês sozinha em casa.

- Baltazar. — Oh! que silêncio nesta casa! Onde estão as meninas?
- D. Inês. — Foram ao cinematógrafo Pathé.
- B. — E o Juca?

- D. I. — Foi ao cinematógrafo Parisiense.
- B. — E o Cazuza!
- D. I. — Foi ao Paraíso do Rio.
- B. — Também é cinematógrafo?
- D. I. — Também.
- B. — E o Zeca?
- D. L. — Foi ao cinematógrafo falante do Lírico.
- B. — E a criada?
- D. I. — Foi ao Moulin Rouge; também há lá cinematógrafo.
- B. — E a copeira?
- D. I. — Pediu licença para ir a um cinematógrafo que há na rua larga de S. Joaquim.
- B. — Que sensaboria estar sozinho em casa sem as pequenas, sem os rapazes!
- D. I. — Pois vamos nós também ver o cinematógrafo do Passeio Público!
- B. — Eu? Não me faltava mais nada! Estou farto de cinematógrafos! Há quinze dias que não faço outra coisa senão ver cinematógrafos!
- D. I. — Você gostava tanto!
- B. — Gostava e gosto; mas tudo tem um termo! Nós não íamos ao teatro porque o teatro era caro. O cinematógrafo é barato, mas os cinematógrafos são tantos, que afinal se tornam caros... Sabe você quanto temos gasto em cinematógrafos?
- D. I. — (*Irônica.*) Uma fortuna!
- B. — Demais, o cinematógrafo é muito inconveniente para as pequenas...
- D. I. — Não diga isso! Ainda não há cinematógrafo gênero livre!
- B. — Não é por causa das fitas que são decentes e algumas até instrutivas; mas você bem sabe que a sala fica no escuro, e os pelintras aproveitam...
- D. I. — Deveras?
- B. — Uma noite destas, num deles, uma rapariga soltou um grito porque um rapaz a beliscou em certo lugar!
- D. I. — Um grande patife!

B. — O melhor é não mandar as pequenas sozinhas, a menos que inventem um meio de não ficar a sala no escuro.

D. I. — Isso é impossível! Estou arrependida de ter mandado as meninas. Ah! elas aí vêm! (*Entram quatro senhoritas muito alegres, que beijam e abraçam os pais e começam, todas ao mesmo tempo, a contar o que viram no cinematógrafo.*)

D. I. — Marchem todas para o quarto e dispam-se!

As Senhoritas. — Para quê?

D. I. — Por causa das pulgas. Há muitas pulgas no cinematógrafo! (*As senhoritas entram no quarto. A Baltazar.*) Você compreendeu? Mandei que se despissem, para eu verificar se há sinais de beliscões! (*Entra no quarto.*)

61. POBRES ANIMAIS!

Em casa do Silva — A mesa está posta — D. Ana espera o marido para jantar.

O Silva. — (*Entrando.*) Ora muito boa tarde. (*Dá um beijo na mulher, põe o chapéu e a bengala a um canto e senta-se à mesa.*) Demorei-me um pouco, hein?

D. Ana. — Quase nada. (*Senta-se à mesa e grita para dentro.*) Maximiana, traze a sopa!

O S. — Fui à sede da Sociedade Protetora dos Animais.

D. A. — Para quê?

O S. — Para alistar-me como sócio. Li alguns artigos da imprensa e fiquei entusiasmado! É preciso, realmente, haver um pouco mais de humanidade com os pobres irracionais!

D. A. — Não deixes esfriar a sopa.

O S. — Está magnífica. (*Dando pontapés por baixo da mesa.*) Sai! Sai! Este maldito cachorro que se vem meter entre as minhas pernas! Sai! (*O cachorro gane.*)

D. A. — Coitado! não lhe dês pontapés!...

O S. — É insuportável! — Vamos ao feijão, que está com muito boa cara. (*Depois de comer algumas garfadas.*) Cá está outra vez o maldito cachorro! (*Dando pontapés.*) Sai! Sai!... — Já uma vez mandei botar fora este diabo, mas ele tem faro: voltou. O melhor que tudo a fazer é afogá-lo! Que cacete!

D. A. — Não te entendo! Pois não acabas de me dizer que entraste para a Sociedade Protetora dos Animais?

O S. — Entrei, é verdade, mas não estou obrigado a proteger os animais que me incomodam.

D. A. — Aqui tens a carne assada.

O S. — Este pobre boi... ou esta pobre vaca, por exemplo... nunca me incomodou... Defende-la-ia se visse alguém maltratá-la... Mas a pobrezinha aparece-me pela primeira vez sob a forma de um *roast-beef*, e eu como-a sem remorsos. (*Comendo.*) Está muito gostosa!

(*Vêm a sobremesa e o café. O Silva e D. Ana erguem-se da mesa e vão debruçar-se a uma janela que dá para o quintal.*)

O S. — Oh, que bela ocasião! Lá está dormindo, em cima do galinheiro aquele gato vagabundo que não nos sai de casa! (*Vai ao quarto, volta com um revólver, aponta-o e faz fogo.*) Viste? Nem um movimento! Aquele não nos entra mais em casa!

62. CINCO HORAS

Na esquina de uma rua — Dois carregadores portugueses conversam.

1.º Carregador. — Viste o telegrama de Lisboa?

2.º Carregador. — Qual telegrama?

1.º C. — Parece que o s'or D. Carlos vem mesmo ao Rio de Janeiro!

2.º C. — Isso é velho

1.º C. — É velho, não, que um figurão da política de lá tinha dito que sua majestade não devia vir, por mais isto e mais aquilo, porque torna, porque vira e não sei que mais! O diabo que os entenda!

2.º C. — Mas que diz o tal telegrama?

1.º C. — Diz que o sr. D. Carlos vem ao Rio de Janeiro e que há de receber a todos os portugueses!

2.º C. — Todos?

1.º C. — Todos, embora leve cinco horas a recebê-los!

2.º C. — Ó Zé, quantos portugueses há no Rio de Janeiro?

1.º C. — Sei lá! isso só se pode saber no consulado.

- 2.º C. — Mas quantos calculas?
- 1.º C. — Calculo *prá* uns poucos de milhares...
- 2.º C. — Morreu o Neves! Olha que no Rio de Janeiro não há menos de duzentos mil portugueses!
- 1.º C. — Duzentos mil! Não será muito?
- 2.º C. — Muito? Olha que só lá na estalagem somos oitenta e quatro!
- 1.º C. — Pois bem, vá lá, duzentos mil...
- 2.º C. — Mas demos de barato que seja só metade: cem mil... Ora, cem mil, dividido por cinco horas, dá vinte mil por hora...
- 1.º C. — Isso dá.
- 2.º C. — E pensa o s'or D. Carlos que pode receber vinte mil homens por hora? Boas!
- 1.º C. — É difícil, é...
- 2.º C. — Mas demos de barato que sejam só cinqüenta mil... Aí temos dez mil homens por hora! Ó Zé, tu sabes o que são dez mil homens?
- 1.º C. — Mas, afinal, isto de receber não quer dizer que sua majestade vá dar trela a um por um: — Como vai você? e os pequenos? então tem-se dado bem por cá? Quando dá pulo à santa terrinha? — Não senhor, sua majestade não fará mais que um cumprimento de cabeça, e já não é pouco... Olha, que cem mil ou duzentos mil cumprimentos de cabeça! É para um homem ficar descabeçado!
- 2.º C. — Dê cabeça. Boas! Todos os bons portugueses quer-rão apertar e beijar a mão ao seu rei?...
- 1.º C. — Tens razão! Eu, pelo menos, se ele me estender a mão, hei de apertá-la com entusiasmo, assim! (*Aperta a mão do outro.*)
- 2.º C. — (*dando um grito*). Ai! que grande bruto! Se apertares assim a mão ao s'or D. Carlos, serás preso por crime de lesa-majestade!

63. UM BRAVO

Na sala de jantar, D. Carolina cose à máquina. O Maneco e o Lulu entram chorando. Fazem um berreiro de ensurdecer.

- Maneco e Lulu, chorando.* — Papai vai pra guerra!... papai vai pra guerra.
- D. Carolina. — Que é isso, meninos?
- Os Pequenos.* — Papai vai pra guerra!...
- D. C. — Calem-se! Não sejam tolos! Quem disse a vocês que papai ia pra guerra?
- Maneco.* — Foi ele mesmo! Ih! ih! ih!...
- Lulu.* — Ele está limpando a espada! Ih! ih! ih!...
- M. — E já tirou a farda da gaveta! Ih! ih! ih!...
- D. C. — Está bom! não chorem! Pois vocês não vêem que isso é brincadeira do papai? (*Elevando a voz.*) Barcelos, você não tem mais que fazer? Que gostinho provocar o choro das crianças! (*Barcelos aparece à porta do quarto limpando a espada.*) Que história de guerra é essa?...
- Barcelos.* — Pois não leste os jornais? Não viste que o território nacional foi invadido?... que o posto de Tabatinga foi tomado pelas forças peruanas?...
- D. C. — Que está você dizendo?
3. — (*erguendo a espada como um gesto heróico*). A nação inteira vai levantar-se como um só homem!...
- Os P.* — Ih! ih! ih!...
- D. C. — Não chorem, meninos!...
3. — Eu sou um simples alferes honorário, mas agora é que se vai ver quais são os oficiais honorários de bobagem e quais os que o não são! Deram-me uma farda... deram-me uma espada... Quero mostrar que sou digno delas! (*Outro tom.*) Passa um pouco de amônia na minha farda e põe-na ao sol. Está cheia de mofo.
- Os P.* — Ih ih! ih!...
- D. C. — Barcelos, por amor de Deus, acabe com essa brincadeira estúpida! você não vê como as crianças choram!
3. — Pois que chorem! O pranto inconsciente dos meus tenros filhinhos não fará com que eu não cumpra o meu dever! Sou pai, mas, antes de ser pai, sou brasileiro! É o caso agora de dizer como o grande Amazonas em Riachuelo: — "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!" Eu já estou cumprindo o meu: estou limpando a espada!...

- Os P. — Ih! ih! ih!...
- (*Abre-se violentamente a porta do corredor que dá para a rua e entra, esbarofido, o Alfredo, irmão de D. Carolina.*)
- O Alfredo. — (*caindo sentado numa cadeira.*) Ah!
- O B. e D. C., assustados. — Que é?...
- O A. (*depois de tomar respiração.*) — A coisa é séria! O forte de Tabatinga foi arrasado pela artilharia peruana! Quinhentos brasileiros mortos! Todo o norte levantado! Baixou o câmbio!...
- O B. — Deveras? (*Cai-lhe a espada da mão.*)
- O A. — O governo resolveu mobilizar hoje mesmo todos os oficiais honorários! (*a Barcelos.*) Não tarda aí a intimação para você se apresentar fardado no quartel-general!
- O B. — Oh! diabo! Digam que estou doente! vou meter-me na cama!... (*entra no quarto!*)
- O A. (*à d. C.*) — Tranqüiliza-te! Não há nada. Ouvi por trás da porta as fanfarronadas de teu marido e quis experimentá-lo!
- M. (*ainda com voz de choro.*) — Mamãe, papai não vai pra guerra?
- D. Carolina. — Não, meu filhinho; papai vai mas é pra cama...
- M. e L. — (*saltando de contentes.*) Papai não vai pra guerra! Papai não vai pra guerra!...

64. UM MOÇO BONITO

Sala. Ao erguer o pano, a cena está vazia. Ouve-se cair lá fora a chuva. De repente abre a porta que dá para o corredor, e entram D. Basília, a Senhorita Bebê, sua filha, e o moço bonito.

D. Basília. — Faça favor de entrar. Não o deixo ir sem tomar um cálice de conhaque. (*Gritando para dentro.*) José, traga conhaque! (*Ao moço bonito.*) O senhor foi uma providência: se não nos tivesse oferecido com tanta amabilidade o seu guarda-chuva... Onde está ele?

O Moço Bonito. — Deixei-o no corredor, a escorrer...

A Senhorita. — Olhe se fica sem ele! Há dias roubaram o de papai, nos Telégrafos, enquanto ele passava um telegrama!

O M. B. — Não há perigo; eu vou já. (*Entra um criado com o conhaque. O moço bonito serve-se.*) Muito obrigado.

D. B. — Sente-se um instantinho. (*O moço bonito e a senhorita sentam-se.*) Tenho pena que meu marido não esteja em casa, para ser-lhe apresentado. Ele estimaria muito conhecê-lo. (*Sentando-se também.*) Mas como está mudado este clima do Rio de Janeiro! A gente sai de casa com um dia de sol, dá uma volta, e dali a pouco desaba uma carga d'água!

A S. — Como o senhor se chama?

O M. B. — Cândido Soares, minha senhora, mas todos me conhecem pelo Dodoca.

D. B. — Pois, seu Dodoca, apareça, o senhor fica sendo nesta casa uma pessoa de estimação.

O M. B. — A senhora (perdoe-me que lhe diga) não faz bem oferecendo com tanta franqueza a sua casa a um rapaz que não conhece.

D. B. — Por quê?

O M. B. — Não tem visto o que a *Notícia* e outros jornais têm publicado a respeito dos "moços bonitos"? Hoje no Rio de Janeiro é preciso muito cuidado: não foi só o clima que mudou. A cidade está cheia de patifes com aparências de gente séria! Vê-se um rapaz bem trajado, de maneiras distintas, bem falante, e não passa afinal de um gatuno!

A S. — Oh! mas o senhor não!... basta olhar para o senhor para ver que é um moço de boa família.

O M. B. — Não se fiem nisso, minhas senhoras, há outros de melhor aparência que eu, que são perigosos! (*Ouvem-se passos no corredor.*)

D. B. — Aí está meu marido. Ainda bem que chegou!

A Voz do Marido no Corredor. — Olé! o meu guarda-chuva!... (*entrando e trazendo na mão um guarda-chuva molhado.*) Que é isto, Basília? Apareceu o meu guarda-chuva! (*Vendo o moço bonito.*) Quem é este senhor?

O M. B. — (*Levantando-se a tremer.*) Eu... sim... eu...

A S. — É um moço que nos trouxe até à casa, porque chovia!

O M. — É o patife que o outro dia, nos telégrafos, roubou o meu guarda-chuva! Guardei-o de memória, mas não tinha a certeza de que era ele. Ora, espera que daqui

não sais sem três cascudos! (*Cresce para o moço bonito que dá um pulo que nem um macaco e desaparece no corredor.*)

O M. — Olhem que vocês sempre hão de mostrar que são mulheres! Pois não têm visto o que a *Notícia* e outros jornais têm publicado a respeito dos moços bonitos? Hoje no Rio de Janeiro é preciso muito cuidado, etc.

65. INSUBSTITUÍVEL!

Na sala de jantar do Soares. É a hora do café matinal. Toda a família está sentada à mesa, empanzinando-se de café com leite e pão com manteiga. O Soares, enquanto come, lê um jornal para não perder tempo. De repente, solta uma exclamação, amarrata a folha e ergue-se. A família assusta-se.

Todos. — Que foi?

Soares. — Esta só pelo diabo!

T. — Mas que foi?

S. — E agora? Agora é pegar-lhe um trapo quente! (*Passa agitado, com as mãos nas costas.*)

A Senhora. — Mas diz o que foi, Soares.

Um dos Filhos. — Deixe papai, mamãe; aquilo é coisa de política!...

S. — (*Sentando-se de novo à mesa.*) Que falta de tato!... que ausência de critério!... (*Morde furiosamente o pão e sorve um gole de café com leite.*)

Outro Filho. — Como papai ficou zangado!

Soares. — (*Falando com a boca cheia.*) Bonita figura vamos fazer!

A S. — Quem?... Nós?...

S. — Nós, sim!

A S. — Nós, quem?

S. — Nós, o Brasil, a República, a Nação!... Que há de dizer o rei de Portugal?

A S. — Esse cá não vem: talvez se limite a mandar o filho.

S. — A estas horas tanta gente já se está preparando para visitar o Rio de Janeiro em junho de 1908.

A S. — E então?

S. — E então é que toda essa gente vai desfazer as malas! A exposição é transferida, ou por outra não há mais exposição!

Os Meninos. — Não há mais exposição?

S. — Não há, não pode haver! A exposição é impossível!...

Todos. — Por quê?

S. — Porque o Heitor de Melo se retirou! (*Entreolham-se todos espantados.*)

A S. — Só por isso?

S. — Achas pouco?

A S. — Decerto. Então o Heitor de Melo...

S. — É insubstituível! Como queres tu que haja exposição sem o Heitor de Melo? — Que fiasqueira!

Dá outra dentada no pão e sorve outro gole de café.)

66. O JURADO

Na sala de jantar do Timóteo, que não está em casa. A Senhora e a Senhorita cosem silenciosamente. A Senhora suspira.

A Senhorita. — Por quem suspira, mamãe?

A Senhora. — Ainda o perguntas!

A Senhorita. — Por papai?

S. — Por quem há de ser, menina? Por teu pai! Tanto tempo sem vê-lo!... Malditos Rocca e Carletto!

A Srta. — É uma fatalidade! Sempre que há um júri cacete, que entre pela noite, papai não escapa: é sorteado.

A S. — Coitado! e ele que não gosta de passar a noite fora de casa!... Imagino como terá sofrido!... Então agora que se tem queixado tanto do fígado!... (*Abre-se a porta. Aparece o Timóteo. Figura de tresnoitado. Grandes olheiras. As senhoras correm a abraçá-lo e beijá-lo.*)

Timóteo. — (*caindo numa cadeira.*) Estou em casa!... estou no seio da família!... parece-me um sonho!...

A S. — Aborreceste-te muito?

— Não me fales! Ainda se estivéssemos no inverno! Mas com esse calor! Diabo leve o dever cívico!...

A Srta. — Mas papai não tem o colarinho nem os punhos muito amarrotados!...

T. — Pois olha! deviam estar!

A S. — Então aqueles bandidos foram condenados?

T. — Só foram julgados o Rocca e a Leopoldina... Oh! se fossem todos, talvez eu não voltasse à casa antes do Natal!... Mas vocês não sabiam disso?

A S. — Como havíamos de saber se não lemos jornais? — Mas o Rocca? Apanhou os trinta anos?

T. — Apanhou.

A Srta. — Por unanimidade?

T. — Não: por onze votos.

A S. — Quem foi esse não sei que diga que votou a favor dele?

T. — Fui eu. (*Espanto das Senhoras.*) O homem defendeu-se bem... diz que é inocente... que aquela famosa confissão lhe foi arrancada à força... que o delegado Caetano fingiu que as jóias estavam no quintal dele... Desconfiei do tal Caetano... Na opinião do Seabra, o defensor, é pior que o Rocca! Enfim, se vocês estivessem lá, ficariam abalados, como eu fiquei!...

A S. — Mas foste o único...

A Srta. — O Rocca devia ter sido muito bem defendido: o Seabra tem muito talento. Antes de ser ministro...

T. — É outro Seabra; não é esse que tu pensas.

A S. — Eu, se pudesse, condenava à morte aquele facínora do Rocca!

T. — Pois eu o absolvi! Sei lá! Tem-se visto tanta coisa! Não quero ter remorsos! (*Erguendo-se.*) Mas deixem-me ir para o meu quarto... estou morto por dormir uma soneca. (*Entra para o quarto e fecha-se por dentro. Senta-se à mesa e escreve uma carta.*) "Meu bem — Pediste-me que, logo que chegasse à casa te escrevesse, para tranquilizar-te. Obedeço. Não houve novidade. Minha mulher engoliu a pílula: supõe que passei a noite no júri. Prometo-te que para o julgamento do Carletto serei outra vez sorteado. Mil beijos do teu saudoso Timóteo." (*Fecha a carta e vai à janela entregá-la a um carregador que esperava na rua.*)

67. CADEIRAS AO MAR!

*Na sala de visitas de Mme. *** em noite de recepção. Muita gente. Conversa-se animadamente. Entra o Dr. Melinho.*

A Dona da Casa. — Bravo! chegou o Dr. Melinho! É impossível que não traga uma novidade!...

Melinho. — Trago, sim, senhora, e uma grande novidade! (*Movimento de atenção. Silêncio geral.*) Fomos ainda uma vez insultados pelos argentinos.

Todos. — Como assim?

M. — A coisa passou-se a bordo do *Thames*, que entrou hoje. Vinham nesse paquete muitos brasileiros e argentinos. Um destes entendeu que devia implicar com os nossos patrícios, e fez-lhes todas as picuinhas imagináveis! Por fim, de que havia de se lembrar o gringo? Dou um doce a quem adivinhar!

Um Deputado. — Ninguém adivinha.

Todos. — Diga!

M. — Como é sabido, toda a gente que viaja em paquete leva uma cadeira para bordo — uns de vime, outros de lona, outros...

Uma senhora. — Sim, já se sabe... vamos adiante...

M. — Pois bem, o argentino agarrou em todas as cadeiras dos passageiros nossos patrícios, e atirou-as ao mar!...

Todos. — Oh!...

O Deputado. — Mas que desaforo!...

Um Funcionário Público. — Se eu estivesse lá, partia-lhe a cara!...

Um Juiz. — Que dirá o governo?

Um Militar. — E falam em desarmamento!... Venham navios, muitos navios e quanto antes; mas navios em que não haja cadeiras de vime nem de lona, mas canhões de bronze!

Muitas Vozes. — Apoiado!...

A D. da C. — Qual é a sua opinião, Conselheiro?

(O Conselheiro é um velho servidor do império, que se conserva calado e indiferente.)

O *Conselheiro*. — A minha opinião já nada mais vale, minha senhora; eu sou do tempo antigo... sou um fantasma do passado...

O *Deputado*. — ... Mas não lhe parece que este insulto?...

O *Conselheiro*. — Que insulto? Então o meu amigo supõe que o Brasil, este colosso, pode ser insultado por um bêbedo ou por um doido? No meu tempo ninguém imaginava que a pátria pudesse ser injuriada por qualquer *quidam*! Esse argentino, que atirava cadeiras ao mar, tanto poderia ser argentino, como francês, espanhol ou italiano! Não me parece justo nem sensato responsabilizar um país inteiro pelos desatinos que pratica um de seus filhos. Conheço muitos brasileiros que seriam capazes de fazer a mesma coisa, e que culpa teria disso o Brasil?

M. — Perdão, qual seria o brasileiro?...

O *Conselheiro*. — ... Capaz de atirar ao mar as cadeiras de bordo? Ora! tantos! E seriam capazes até de atirá-las com os argentinos em cima! Juízo, juízo, rapazes!...

68. OS QUINHENTOS

O *Saraiva* e D. *Florentina*, sua mulher, dormindo na mesma cama, ao lado um do outro. São seis horas da manhã.

O *Saraiva*. — (sonhando). Agora a coisa é outra! Acabou-se a pobreza!...

D. *Florentina*. — (acordando). Que é isto, Saraiva? Sossega!...

O *S.* — (acordando). Hein?

D. *F.* — Estás maluco?

O *S.* — Que magnífico sonho! Ah! se ele se realizasse!...

D. *F.* — Qual era o sonho?

O *S.* — Sonhei que tiramos os quinhentos contos!

D. *F.* — Não seria coisa do outro mundo, porque nós temos um bilhete inteiro.

O *S.* — Por sinal que comprado com muito sacrifício... Por causa desse bilhete durante um mês não se beberá vinho nesta casa!

D. *F.* — Mas também se vierem os quinhentos...

O *S.* — Daqui a pouco, em chegando o *País*, saberemos qual foi a nossa sorte. A roda correu ontem, mas eu gosto de esperar pelos jornais para consultar a lista.

O *F.* — Se apanharmos os quinhentos, a primeira coisa que devemos fazer é comprar uma chácara em Botafogo.

O *S.* — Em Botafogo? Estais doida! Eu não gosto de Botafogo.

O *F.* — Gosto eu!

O *S.* — Já tenho uma propriedade de olho em Santa Thereza.

O *F.* — Santa Thereza? Deus me livre!...

O *S.* — Mas disso só trataremos depois de nossa viagem à Europa.

O *F.* — Que Europa, que nada? Não temos nada que fazer na Europa!

O *S.* — Ora essa! então você julga que se apanharmos os quinhentos contos não levo os pequenos para serem educados na Alemanha?

O *F.* — Espere por isso! Não me separo dos meus filhos!...

O *S.* — Já vejo que não há meio de nos entendermos! Mas quem manda aqui sou eu!...

O *F.* — O melhor é dividirmos o dinheiro, e ir cada qual para seu lado!

O *S.* — (Sentando-se na cama). A sra. propõe-me uma separação?

O *F.* — Naturalmente. Uma vez que não nos entendemos. (Batem à porta.)

O *S.* — É a criada com o *País*. (Vai abrir a porta, toma o "*País*" das mãos da criada, e consulta a lista da loteria.) O nosso bilhete está branco!... Felizmente!... Se apanhássemos os quinhentos contos, seria a nossa desgraça!

69. COMO SE ESCREVE A HISTÓRIA

Os fundos de uma venda. Alguns fregueses estão sentados e bebem. Entra Zacarias, bamboleando o corpo, de calças bombachas, paletó branco, lenço ao pescoço, cigarro atrás da orelha,

chapelesque * de palha posto à banda e cobrindo-lhe parte apenas da vasta carapinha penteada.

Zacarias, quase afono. — Chefe, traga três de parati com ela e sifão! ** (Senta-se.)

1.º Freguês. — Ó Zacarias, você está rouco! Que foi isso?

2.º Freguês. — Ora, o que houvera de ser! Patuscada de massidras! *** Modinhas por cima do tempo! O pinho roncou toda a noite!

Z. — Te enganaste! estou rouco porque dei muitos vivas ao meu patrício, o Rui Barbosa!

Todos. — Ah!

Z. — Aposto que você não foi ao desembarque. Pois eu fui eu, que sou baiano, fique tudo sabendo, e o Rui Barbosa também é da Bahia. E além de ser baiano, baiano da gema, nascido na ladeira do Bom Gosto do Canela, sou brasileiro e sou patriota. — Sabem? Ora, muito que bem! — Olhe esse parati!

3.º Freguês. — Mas afinal que fez o tal Rui Barbosa para ter uma festa assim que içe tudo bandeirinha branca "Salve, Rui Barbosa! Salve, Rui Barbosa! Salve, Rui Barbosa" e carro e otomóveis que nunca mais acabava?

Z. — Que fez? Pois você, seu trouxa, é brasileiro e pergunta o que fez Rui Barbosa?

3.º F. — Pergunto porque não sei, e não sei porque não entendo da hermenêutica.

Z. — Pois fique sabendo que aquele baiano pequenino e de cabeça grande que aí está, foi representar o Brasil na conferência de Haia!

1.º F. — Haia?

O D. da V. — (que serviu o parati, a goma e o sifão). Sim. Haia; é a capital da Holanda, a terra de onde vêm aqueles queijos que ali tenho à porta e por sinal que estão vendidos.

* "Chapelesque de palha": Parece forma burlesca de *chapeleta*. (N. do O.)

** "Parati com ela e sifão": cachaça de Parati com goma e água carbonizada.

*** "Patuscada de massidras": gíria por "gabolics".

º F. — No tempo de dantes aia era só da princesa e da imperatriz... agora é a capital da Holanda. A República mudou tudo!

º F. — Mas o que era a tal conferência?... Eles conferia alguma coisa?...

— Oh, meu Deus! quanto custa lutar com a ignorância crassa! (Resignado.) Não, senhor... a conferência era a reunião de todas as grandes nações para dividir entre si as pequenas... O Brasil foi convidado por ser também grande nação... e o Rui Barbosa foi representar o Brasil... Mas quando o cabra chegou lá, disseram a ele que tinha havido engano, que o Brasil era nação pequena, porque não tinha soldados e encouraçados em penca... e portanto devia entrar também na divisão. Foi então que o baiano velho soltou o verbo, e pôs toda aquela gente de cara à banda! Foi mesmo água na fervura! Cada um foi para sua casa com o rabinho entre as pernas, e as nações pequenas não teve nada. — Está aí o nicolau, * chefe; dê cá o troco. (Guardando o troco.) Boa noite, pessoal. (Sai gingando.)

º F. — Este diabo é malandro, mas tem cabeça.

D. da V. — (limpando com uma toalha imunda a mesa em que se serviu Zacarias). Tem muita leitura, tem.

70. CENA ÍNTIMA

em casa do Pacheco — Ele está sentado a sobrescritar envelopes — D. Henriqueta, sua esposa, cose a um lado da sala.

Pacheco. — Irra! não posso mais!... Queres saber quantos envelopes já sobrescreitei hoje? Para mais de duzentos! Foi você que me meteu nesta massada!...

Henriqueta. — Assim é preciso, Pacheco; nós estamos esquecidos, as nossas relações diminuem em vez de aumentar. Lembra-te que Bonitinha já está em idade de casar, e nós, se fizermos vida de frades, não encontraremos jamais um genro que nos convenha! Olha o Barroso: não perde um piquenique americano, argentino nem chileno, e já está

* "O nicolau": gíria pelo níquel de 400 réis. (N. do O.)

preparando a família para as festas da recepção de D. Carlos...

P. — O Barroso tem outros recursos que eu não tenho.

D. H. — Pois sim, mas já casou quatro filhas!...

P. — Pudera! metendo-as à cara dos rapazes! (*Levando a mão ao estômago.*) Ai!

D. H. — Que é?

P. — Estou sentindo desde ontem uma pontada no estômago. Creio que é da goma.

D. H. — Que goma?

P. — A goma dos selos do Correio. Olha que passei a língua em mais de duzentos selos.

D. H. — Por que não te serves de uma esponja?

P. — Agora é tarde; já todos os envelopes estão selados.

D. H. — Não creio que fosse dos selos. Se fosse, a língua ficaria doente antes do estômago. — Mandaste um cartão ao coronel Sepúlveda?

P. — Mandei.

D. H. — Assim, ele não se esquecerá de nos convidar para a *soirée* no dia dos seus anos, a 5 de fevereiro.

P. — No ano passado não nos convidou...

D. B. — Mas este ano há de nos convidar, verás! E será conveniente: em casa dele reúne-se muito boa sociedade.

P. — (*fazendo uma careta*). Um pouco misturada.

D. H. — Sai-te daí! Misturada o quê!...

P. — Tu sabes em quanto já nos andam estes cartões, envelopes e selos?

D. H. — Já te disse que está suprimido o vinho à mesa durante uma semana. Fica uma coisa pela outra!

P. — E as tais festas? É um inferno! Toda a gente quer festas. — os criados, o homem do lixo, o guarda-noturno, o carteiro... O carteiro, que durante o ano só me trouxe duas cartas, uma com a notícia da morte de meu irmão e outra com uma descompostura do senhorio!... E quer festas ainda em cima!...

D. H. — Não as negues, Pacheco; suprimiremos a manteiga, se quiseres, mas não negues festas a essa gente! Olha que as aparências valem tudo! se dermos parte de fracos, estamos perdidos!...

— Pois sim, mas cada qual sabe das linhas com que se co... (*levando a mão ao estômago*). Ai! cá está ela, a tal pontada! Decididamente foi a goma dos selos, foi a falta de vinho ao jantar! O meu estômago está tão habituado ao vinho!... Malditas conveniências sociais, que me transformam a língua em esponja!...

71. QUE PERSEGUIÇÃO!

Anacleto bate à porta da casa em que reside a Catuta, sua sem-amada, a quem sustenta. Catuta leva muito tempo a abrir-lhe a porta. Abre-a finalmente.

Anacleto. — (*Entrando.*) Que diabo! por que estavas assim tão fechada? É contra o teu costume! (*Catuta vai a falar.*) Não digas!... já sei porque foi, e tens toda a razão! Neste momento, no Rio de Janeiro, para uma mulher como tu, que vive sozinha, é um perigo não estar com a porta fechada! Ainda ontem à noite invadiram as casas de todas as mulheres da rua do Regente! Foi preciso intervir a polícia! Eles são terríveis!

Catuta. — Mas... eles quem?

A. — Como "eles quem"? Pois não foi por causa deles que fechaste a porta?

— Ah! sim, foi por causa deles, foi...

A. — Refiro-me aos tais marinheiros americanos! Tu sabes que eu não gosto nem de americanos nem de marinheiros...

— Tu também não gostas de nada.

A. — Gosto de ti e é quanto basta. (*Continuando.*) Não gosto deles e encontro-os em toda a parte onde vou. Encontrei-os hoje em todas as ruas que percorri, em todas as casas onde entrei, na minha repartição, no barbeiro onde fiz a barba, no restaurante onde jantei, no botequim onde tomei café, na charutaria onde comprei cigarros, nos bondes que tomei, em toda a parte! Que perseguição! Dir-se-ia uma nuvem de gafanhotos — de gafanhotos brancos — que caiu sobre a cidade! Ah! mas hoje fecho-me aqui contigo até amanhã, para ver nem mais um marinheiro americano! Irra! que perseguição! (*Ouve-se um espirro. Catuta estremece.*) Que é isto?

- C. — Isto quê?
 O A. — Ouvi um espirro.
 C. — Engano teu! (*Ouve-se outro espirro.*)
 O A. — Outro! E partiu ali do guarda-roupa! Catuta, está um homem ali escondido! E um homem constipado!
 C. — Que idéia!
 O A. — Por isso é que levaste tanto tempo a abrir a porta! (*Vai ao guarda-roupa, abre-o e sai de dentro um marinheiro americano.*) Oh!
 O Marinheiro. — Good bye, sir!
 O A. — Que perseguição!...

72. UM HOMEM QUE FALA INGLÊS

Em casa do Tristão, que entra da rua e se atira num canapé.

Tristão. — (*Dirigindo-se a D. Clara, sua mulher.*) Ai, filha! estou derreado! Não posso mais!

D. Clara. — Naturalmente! Não estás habituado a essas patucadas!

T. — Mas que queres? convidam-me, e, em se tratando de festas oficiais, desde que um funcionário é convidado, não pode faltar!

D. C. — Mas, estou abismada! Até hoje não te haviam convidado nunca para a festa mais insignificante, e, de repente, és convidado para todas!

T. — Para todas não! Olha, para a recepção do Rui Barbosa ninguém me convidou... Vai chegar outro brasileiro... o Irineu Machado... Já distribuíram os convites: não apanhei nenhum!

D. C. — É pena; seria uma grande honra para ti, e mesmo para tua mulher e teus filhos, receberes um abraço ou um aperto de mão desse político!

T. — Só me convidam para as festas americanas, e já descobri a razão...

D. C. — Qual é?...

T. — É porque falo inglês!

D. C. — Mas o teu inglês é tão mau...

— Sim, não é precisamente o de Shakespeare... Aprendi-o quando fui caixeiro de *ship-chandler's*, na Prainha... mas por isso mesmo: é inglês de bordo...

C. — Perdão, mas os oficiais são educados...

— Não há dúvida, mas para os oficiais convidam pessoas que falem um inglês mais literário que o meu. Não imaginas, filha! Não há quem fale inglês e não tenha sido aproveitado! Os americanos hão de voltar daqui convencidos de que a língua de Pope nos é tão familiar como a nossa!

C. — Ainda se te pagassem alguma coisa...

— Não levam até esse ponto a amabilidade; entretanto, graças aos meus conhecimentos da língua inglesa, arranjei um biscate que rende pouco, mas rende...

C. — Sim?

— Estou encarregado de redigir em inglês os anúncios de um cinematógrafo! Infelizmente é uma ocupação muito passageira...

C. — Quem diria que o teu inglês te faria ganhar dinheiro?

— Essas prendas são sempre úteis, e o saber não ocupa lugar. Não calculas quantas vezes, por essas ruas, tenho servido de intérprete aos marinheiros americanos, e o ar admirativo com que as pessoas do povo me contemplam, parecendo dizer: — Ele sabe inglês!... ele sabe inglês!... (*Batem à porta. D. C. vai ver quem é, e volta com uma carta, que entrega ao marido.*) Quem (*abre a carta e lê*). Então?... quando te digo!...

C. — Que é?

— (*Lendo.*) “Como o amigo fala perfeitamente o inglês, peço-lhe que acompanhe, no bonde especial, a banda americana que vai tocar logo à tarde no campo de S. Cristóvão.” Estás vendo? Não chego para as encomendas! grande coisa é saber falar inglês!

73. QUEM PERGUNTA QUER SABER

no terraço. O Machado e sua esposa, repimpados em cadeiras de balanço, fazem o chilo de saboroso jantar.

la. — Ó Machado?

Ele. — Vai dizendo.

Ela. — Que coisa é esta de centenário da abertura dos portos?

Ele. — Quer dizer que há cem anos os portos foram abertos.

Ela. — Mas que portos?

Ele. — Os portos do Brasil.

Ela. — Então os portos do Brasil foram abertos?

Ele. — Foram.

Ela. — Dantes eram fechados?

Ele. — Certamente que sim; se não fossem fechados, não poderiam ser abertos.

Ela. — O nosso porto, o porto do Rio de Janeiro, por exemplo, era fechado?

Ele. — O nosso e os outros — o porto de Santos, o porto da Bahia, o porto do Pará...

Ela. — (*continuando*). O porto Alegre, o porto das Caixas, o porto novo do Cunha...

Ele. — (*interrompendo-a*). Cala-te! não digas asneiras! Falo dos grandes portos!

Ela. — Mas vem cá Machado... porque é que eles estavam fechados?

Ele. — Estavam fechados porque não estavam abertos.

Ela. — E não estavam abertos porque estavam fechados. Fiquei na mesma. O que eu quero saber é como eles estavam fechados! Sei como se fecha uma porta, mas não sei como se fecha um porto!

Ele. — É estilo figurado, minha tola! Não se diz que uma questão aberta?... não se diz que a discussão está fechada? não quer dizer que haja uma chave para abrir a questão ou a discussão... assim um porto pode estar fechado, percebeste?

Ela. — Não.

Ele. — Valha-te Deus! Não sei o que aprendeste nas Irmãs!

Ela. — Bom; não é preciso ficares de cara fechada!

Ele. — Ora aí tens! Cara fechada! Estilo figurado! Estou de cara fechada, mas não preciso de uma chave para abri-la! Que quer dizer cara fechada? Cara de alguém que se zanga! Há diversos modos de estar fechado! Uma discussão, uma cara ou um porto não podem estar fechados pelo mesmo processo ou pelo mesmo sistema que um

quarto e uma gaveta! Está visto que não se põe uma tranca nem um cadeado num porto!

Ela. — Bom, não insisto. (*Aparte.*) Ele sabe tanto como eu o que é um porto fechado.

O Doutor. — (*Entrando.*) Ora, muito boa tarde! Cheguei a tempo para o café?

Ela. — Chegou à deixa! Ele aí vem. (*Entra um criado com a bandeja do café, e serve.*)

O D. — Vim hoje um pouco mais tarde, porque fui ver um doente, e não me demoro porque o tempo está-se fechando!

Ela. — (*a ela*). Ouves? "o tempo está-se fechando"! Quêê a chave do tempo?

Ela. — (*de mau modo*). Basta!...

O D. — Que é isso? vocês estão a disputar?

Ela. — Não faça caso, meu sogro, ela...

Ela. — Deixe-o falar, papai; ele... O caso é este: como é hoje o centenário da abertura dos portos, eu perguntei-lhe o que são portos abertos; ele não mo soube explicar, começou a falar à toa, eu impacientei-me...

O D. — A explicação é fácil: portos abertos são aqueles em que é permitida a entrada de embarcações estrangeiras e portos fechados aqueles onde as embarcações não podem entrar.

Ela. — Ah! isso sim! agora, sim, senhor! Agora sei o que é um porto aberto! Obrigada, papai!

Ele. — Uff!

74. MODOS DE VER

A cena passa-se num salão onde acham reunidas algumas senhoras, cada qual mais frívola.

1.^a Senhora. — O assassinato do rei de Portugal veio desmanchar muitos planos!

2.^a Senhora. — Não me fale! Eu fazia tenção de me divertir tanto este inverno!...

3.^a Senhora. — Eu já tinha prevenido a meu marido que não havia de faltar a uma festa.

4.^a *Senhora.* — Nenhuma de vocês está contrariada como eu?
Todas. — Por quê?

4.^a *S.* — Como sabem, o comendador tinha tomado uma parte muito ativa nos preparativos da recepção de sua majestade...

1.^a *S.* — O comendador?

4.^a *S.* — Sim, meu marido; eu só o chamo de comendador.

Todas. — Ah!

4.^a *S.* — Ele ia ser uma das figuras mais salientes dos festejos, e o resultado, minhas amigas, seria a realização do meu sonho dourado!

Todas. — Qual?

4.^a *S.* — Pois ainda não adivinharam? Ser titular!... Com toda a certeza meu marido seria barão, se não fosse visconde! E eu confesso... chamem-me tola, se quiserem, mas confesso: estou farta de ser d. Faustina... Mas o meu sonho lá se foi por água abaixo! Estou furiosa!...

5.^a *S.* — (*Muito política.*) — Quem deve estar mais furioso é o Nilo!...

Todas. — O Nilo?!...

5.^a *S.* — Sim, o Nilo, e eu lhes digo por quê. Se o rei de Portugal viesse ao Brasil, o Afonso Pena estaria na obrigação de lhe pagar a visita...

Todas. — De certo.

5.^a *S.* — Pois bem; se o Afonso Pena fosse a Portugal, o Nilo, que é vice-presidente, ficaria na presidência.

Todas. — E daí?

5.^a *S.* — Pois não percebem? Valha-as Deus! vocês não têm nada de políticas! Se o Nilo se apanhasse na presidência da República, faria imediatamente o Backer fora da presidência do Estado do Rio! Eram favas contadas!...

Todas. — Tem razão.

5.^a *S.* — Ora aí está outro sonho que foi água abaixo, como o de D. Faustina!

75. SILÊNCIO

Pela manhã cedo. A Senhorita Laura acabou de ler o "País". D. Cândida, sua mãe, está sentada, à espera do café.

Laura. — Estou indignada!... Então no Brasil não se tem o direito de ser republicano?

D. *Cândida.* — Não, minha filha; só se tinha esse direito no tempo do império!

L. — Nesse caso...

D. C. — (*assustada*). Cala-te! Olha o homem do lixo! (*Efeti- vamente o homem do lixo entra e atravessa a sala de jantar.*)

L. — (*depois do homem do lixo ter passado*). É preciso reagir. Se eu fosse homem...

D. C. — Bico! Aí vem outra vez o homem do lixo! (*O homem do lixo sai.*)

L. — Até diante do homem do lixo não temos o direito de ser da nossa opinião! Ah! mas isso não pode continuar assim... e eu...

D. C. — Por amor de Deus nem mais uma palavra! Vem aí o sr. Joaquim, com o café. (*Entra o copeiro e serve o café, que traz numa bandeja.*)

O *Copeiro.* — O padeiro ainda não veio, ó patroa!

D. C. — Não poderá tardar. (*O copeiro sai, lançando um olhar à senhorita Laura.*) Viste o olhar que ele te lançou? Desconfio que te ouviu dizer que eras republicana!...

L. — Mas isto é mesmo sério? Não posso dizer que sou...? *Uma voz no corredor.* — Padeiro!...

D. C. — Cala-te, minha filha! Se o padeiro te ouvisse!...

L. — Ora, mamãe! isto é ridículo!...

D. C. — Cuidado! olha o sr. Joaquim! (*o copeiro passa para ir buscar o pão no corredor.*)

L. — Não se pode viver aqui! Estou com vontade de passar uns dias em casa da tia Antoninha.

D. C. — Em toda a parte é a mesma coisa, minha filha! Lá também não poderás dizer que és repub... oh, diabo! (*Interrompe-se, vendo entrar o copeiro com o pão. O copeiro retira-se, lançando à D. Cândida um olhar desconfiado.*) Parece que ele ouviu!

L. — Vá lhe pedir perdão, mamãe!

A voz do copeiro (na cozinha). — Se são republicanas, não fico aqui nem mais um dia!...

A voz da cozinheira. — Cala a boca seu Joaquim!...

- L. — Despeça aquele insolente, mamãe!...
- D. C. — Deixa-o! Se eu o despedisse, teu pai seria capaz de o readmitir e eu ficaria desmoralizada.
- L. — Isso é verdade!
- D. C. — Bem sabes que teu pai não quer que nesta casa se fale em república!
- L. — E no entanto — vê como são as coisas! — eu sou a mais ardente das re...
- D. C. — *(correndo a ela e tapando-lhe a boca)*. Calá-te, desgraçada, aí vem teu pai!
(Entra o pai de robe de chambre e gorro de veludo.)

76. O NOVO MERCADO

No novo mercado construído à praia de D. Manoel. É o dia da inauguração. Muita gente. Vendedores, compradores, grupos de curiosos.

- 1.º Curioso. — O melhoramento não é lá essas coisas!
- 2.º Curioso. — Como não é lá essas coisas? Então você quer comparar este mercado com o outro?
- 1.º C. — A casa é nova, mas os inconvenientes são os mesmos, e você há de ver que daqui a meses vamos ver aqui tanta porcaria como no mercado velho! A alimentação pública no Rio de Janeiro continua a ser um problema sem solução! E vá ver! Tudo aqui é pela hora da morte! Nesta terra só os estômagos ricos podem ter caprichos!
- 2.º C. — Quer você dizer...
- 1.º C. — Quero dizer que no Rio de Janeiro não se come, meu caro! *(Passam.)*
- Uma quitandeira. — Diabro de coisa. Plemelo que turo se costume a mlecado novo, vae passá tempo! Pla que tanta farofa de casa de flelo pintadinha de vlemelo...
- Um vendedor de miúdos. — Que está você aí a falar, ó tia?
- A q. — Que se implota você? Vai plo diablo!
- O v. de m. — Vá você! Olha a jararaca!
(A quitandeira responde com uma obscenidade. Uma senhora que vai passando fica muito vermelha e apressa o passo.)

- Um guarda, áue viu e ouviu. — A senhora não pode dizer palavradadas!
- A q. — Esse bulo faz zente dizê plocalia! Vae plo diablo que te calegue!...
- Um Negociante, à porta falando a outro. — Já viste a cara desconsolada com que está o Almeida?
- O Outro. — Por que será?
- O N. — Aqui não pode ele fazer liquidações pelo fogo...
- O O. — Homem? Quem sabe? Queimam-se os gêneros...
- Um Carregador, a outro. — Ó Manel, que me dizes tu desta droga?
- O O. — Está um b'leza, mas é cá-sou franco: prefiro o oitro.
- 1.º Carregador. — Pruquê?...
- 2.º Carregador. — Sei lá! já estava acostumado... era mais alegre... tinha nam sei o que qu'a este falta!...
- 1.º C. — Nam era tam limpo!
- 2.º C. — Talvez seja pr'isso que é mais estranho... Pois si é sou sujo, tanho vurgonha d'estar no limpo!...
- 1.º C. — A mim, ó Manel, o qu'aqui me falta é... nam adinvinhas?
- 2.º C. — Qu'é?
- 1.º C. — O qu'aqui me falta e t'ha de faltar, também a ti, é o cheiro.
- 2.º C. — Ah! isso é!
- 1.º C. — A gente já estava habituado àquele cheiro de maresia e laranja podre!
- 2.º C. — Mas tam paciência que pr'estes dias mais chigados o cheiro aí está!
- 1.º C. — Deus o traiga! *(A um sujeito que passa, como que procurando alguém ou alguma coisa.)* Quer carregador, patrão?
- O Sujeito. — Por quanto você me leva aquele cesto ali à praça Tiradentes?
- 1.º C. — Três man réis.
- O S. — Nunca paguei mais de dois! E era caro!
- 1.º C. — Pois sim, mas o mircadó era mais perto! Agora é oitro cantar!...
- O S. — Não quer levar o cesto pelos dois mil réis?

(O carregador meneia desdenhosamente a cabeça e põe-se a assobiar. O sujeito passa.)

1.º C. — Que grande pulha!...

Um Curioso, vindo ao procênio, pensativo. — Quando haverá no Rio de Janeiro um mercado decente?

77. A DISCUSSÃO

No jardim da casa do Beltrão, a senhora e a senhorita estão sentadas debaixo de uma velha mangueira.

A Senhora. — Que maçada! são horas de jantar e teu pai lá está na sala de visitas, com um sujeito que o não larga...

A Senhorita. — Devem tratar de algum assunto importantíssimo!

A S. — Não há dúvida. Já fui escutar à porta, mas não pude ouvir nada; apenas chegavam aos meus ouvidos palavras soltas como vitória, riqueza, dinheiro, idéias...

A Srta. — Idéias?... Então deve ser política! Quem sabe se papai quer ser deputado?

A S. — Qual política! seu pai teve sempre o bom senso de não querer saber disso! O assunto da conversa deve ser comercial. Trata-se, talvez, da criação de algum banco, ou da organização de alguma nova empresa. Teu pai há muito tempo anda com idéias de criar um banco auxiliar da pequena lavoura, porque no pequeno lavrador, diz ele, está o futuro do Distrito Federal.

(Nisto ouvem-se na sala de visitas vozes que se alteram.)

A Voz da Visita. — Não diga isso, sr. Beltrão! não diga isso!...

A Voz de Beltrão. — Digo e redigo, porque é a verdade! O nosso triunfo foi incontestável!...

A V. da V. — Perdão, mas... (As vozes confundem-se. Beltrão e a visita altercam. As senhoras levantam-se assustadas.)

A S. — Que diabo! Dir-se-ia que a conversa degenerou em briga!...

A Srta. — Não se entenderam, talvez, sobre as bases do novo banco...

A S. — Não! aquilo é outra coisa... é um devedor de teu pai que veio declarar-se falido e pedir moratória!

A Visita (gritando). — Isso é mentira! O senhor mente!...

Beltrão (gritando). — Eu minto?!...

A V. — (Idem.) — Por quantas juntas tem!

Beltrão (Idem.) — Oh, cachorro, pois tu vens à minha casa dizer-me nas bochechas que minto?! Toma!... (Ouve-se estalar uma bofetada, e em seguida o barulho de cadeiras e vasos que se quebram. As duas senhoras gritam. Aco-dem criados. Abre-se a porta da sala de visitas. Beltrão e o seu contendor aparecem engalfinhados, e rolam a escada, vindo ambos parar no jardim.)

A V. (levantando-se). — Veremos quem vence! (Sai para a rua e desaparece, mesmo sem chapéu e com o paletó rasgado.)

Beltrão (erguendo-se, ajudado pela esposa e pela filha). Ai! ai! ai!... (Sentando-se em baixo da mangueira.) Patife!... desavergonhado!... miserável!...

A S. — Mas que foi isso?

3. — Uma discussão...

A S. — Sobre comércio?...

A Srta. — Sobre política?...

3. — Que comércio! que política! Sobre coisa mais séria!...

A S. — Religião?...

A Srta. — Família?...

3. — Que religião!... que família!... Ai! ai! ai!...

As duas. — Então?

3. — Discutíamos sobre o Carnaval.

78. UM MÁSCARA DE ESPÍRITO

Num bonde de S. Luís Durão, terça-feira de carnaval, ao meio-dia — Estou de pé, na plataforma, por não ter encontrado lugar nos bancos — Entra, e vem colocar-se ao pé de mim, um máscara muito sujo, chinelos, sobrecasaca, máscara de meia, cartola manchucada e uma clarineta na mão.

O Máscara, dirigindo-se a mim com voz de falsete. — Cumprimento o Sr. A. A.!

Eu (muito sério, porque não gosto de dar trela a mascarados, principalmente aos sujos.) — Obrigado, meu senhor.

O M. — Admira-me vê-lo na rua: o senhor é um inimigo do carnaval!

Eu. — Engana-se... o que eu não gosto é de ver mascarados sujos e sem espírito.

O M. — Como eu?

Eu. — Uma vez que me obriga a ser franco, respondo pela afirmativa.

O M. — O senhor sabe que sou um máscara sujo, porque a minha sujidade é uma coisa que está a entrar pelos olhos, mas não sabe ainda se tenho ou não tenho espírito.

Eu. — O espírito e a sujidade não se compadecem.

O M. — Não diga isso! Diógenes era tão espirituoso!

Eu. — Não consta que Diógenes fosse sujo.

O M. — Que diabo! não se pode morar numa pipa sem ser sujo!
— Em todo caso, as aparências enganam... Não sei se sou espirituoso, mas sou um homem educado e tenho certa instrução.

Eu. — Pelo menos conhece Diógenes.

O M. — E demais sou muito limpo.

Eu. — Então para que está tão sujo?

O M. — Para fazer um reconhecimento. Eu abomino o carnaval!

Eu. — Deveras?

O M. — Abomino o carnaval, mas gosto muito das mulheres, e tenho sempre uma por minha conta e risco.

Eu. — Parabéns.

O M. — Atualmente o meu pecado mora na rua Francisco Eugênio, onde lhe pus uma casinha...

Eu. — É bonita?

O M. — É linda, mas é também uma desavergonhada! Eu, cá por coisas, desconfiei que ela me enganava... Disse-lhe que ia passar em Friburgo os três dias de carnaval... Ela acreditou, porque conhece a minha aversão por estes folguedos.

Eu. — Adivinho o resto: o senhor disfarçou-se para...

O M. — *Pour en avoir le coeur net.* *

* "Pour en avoir le coeur net." Francês por "para pôr nisso o coração à larga". (N. do O.)

Eu. — E então?

O M. — Pilhei-a com a boca na botija! Estava almoçando com o outro... à minha custa!...

Eu. — Então o senhor deve estar desesperado?

O M. — Pelo contrário! Estou contentíssimo! É uma economia de 300\$ mensais...

Eu. — Não era cara, coitadinha! E essa clarineta?

O M. — Foi do meu avô. Trouxe-a para trazer alguma coisa na mão. Trago uma clarineta como o senhor traz um guarda-chuva. Mas que lhe parece a minha história?

Eu. — *Si non é vera, é bene trovata.* *

O M. — É vera.

Eu. — Nesse caso, o senhor é o máscara de mais espírito que tenho encontrado em toda a minha vida.

79. UM ENSEJO

D. Petronilha dos Santos, e Mariquinhas, sua filha, sentadas ambas, cosem silenciosamente.

Mariquinhas. — Por onde andará seu Eduardo?

D. Petronilha. — Já cá me tardava o seu Eduardo! Já te tenho dito um milhão de vezes que te esqueças desse moço!

M. — Mas por que, mamãe? A senhora nunca me apresentou uma razão séria contra ele!

D. P. — É muito boa pessoa, mas não ganha o suficiente para sustentar família, e eu não quero que minha família sofra privações!

M. — Há outros que, ganhando menos, são excelentes maridos.

D. P. — Demais, confesso-te que estou com muita raiva do tal teu Eduardo! Se ele não tivesse aqui vindo sexta-feira (*dia aziago!*) não me lembraria eu de lhe pedir que me depositasse aqueles dois contos de réis no Banco União do Comércio... Meus pobres dois contos, que tanta falta me fazem!...

* "Si non é vera, é bene trovata": frase italiana por "se não é verdade, pelo menos como invenção é boa".

M. — Coitado do moço! Que culpa tem ele disso? Foi mamãe que passou na rua Visconde de Itaúna e ficou influída quando viu a agência do Banco; toda niquelada...

D. P. — Com os meus níqueis!

M. — Seu Eduardo até perguntou à senhora porque não punha o dinheiro antes na Caixa Econômica... disse que não havia muito que fiar em bancos... Ele ficou tão contrariado e tão triste por ter levado os dois contos ao tal União do Comércio, que nunca mais nos apareceu! (*Batem à porta.*) Ah! (*Erguendo-se.*) Pelas palmas parece que é ele!...

D. P. — Já estás toda assanhada!...

A Voz de Eduardo. — Dão licença?

M. — Entre, seu Eduardo! Entre aqui mesmo para a sala de jantar!

D. P. — (*arremedando-a*). — Entre aqui mesmo para a sala de jantar! (*Em voz natural.*) Ah! o meu tempo!... o meu tempo! Já não há respeito por pai nem mãe!...

Eduardo (*entrando*). — Como tem passado, sra. D. Petronilha? como está, d. Mariquinhas? Peço-lhes desculpa por não lhes ter aparecido estes dias, mas quando fui daqui sexta-feira, estive muito doente, com muita febre...

M. — (*Interessada.*) Sim!...

Eduardo. — Só pude sair segunda-feira, e reservava-me para pôr neste dia os dois contos de réis no banco... mas não pus...

D. Petronilha. — (*Com um salto.*) Não pôs?!...

E. — Não pus, não senhora, porque o Banco estava fechado, tinha falido: A Senhora desculpe-me! (*Tira do bolso o dinheiro e dá-lho.*)

D. P. — Será possível?... Eu!... o senhor... (*Cai desmaiada na cadeira.*)

E. — Desmaiou!...

M. — De contentamento. Quando ela voltar a si, peça-lhe a minha mão, que o ensejo não pode ser mais favorável.

No jardim do comendador Gomes, depois do jantar. O comendador e sua senhora, D. Eufrásia, saboreiam o café sentados sob um caramanchão. Nhasinha, filha do casal, examina as flores.

Nhasinha. — Ó papai!

Comendador. — Vai dizendo!

Nhasinha. — Que quer dizer *mi-carême*?

Comendador. — *Mi* o quê?

Nhasinha. — *Mi-carême*.

C. — Mica arame? Olha, pequena, que mica é uma coisa e arame é outra!... (*Com uma idéia.*) Ah! já sei!... mica arame deve ser uma chaminé de bico de gás, feita de arame e de mica.

N. — Não, papai, não é mica arame, é *mi-carême*.

D. Eufrásia. — É francês.

C. — Francês? Não vá ser palavra feia!

V. — Não é, não senhor, porque vem nos jornais.

C. — Vem nos jornais? Então é palavra feia!

D. E. — Você é injusto para com a imprensa.

C. — Muitas vezes esses srs. jornalistas, quando a coisa cheira a patifaria, escrevem-na em francês!

D. E. — Nunca vi?

C. — Outras vezes é o contrário... Olha o Medeiros o outro dia com o pescoço da Mãe Joana!

V. — Nada disto me diz que coisa é *mi-carême*.

D. E. — Pelo que li, é uma espécie de carnaval.

V. — Sim, um carnaval de quebra. Até aí sei eu... Mas o que não sei é o que significa essa palavra *mi-carême*, ou antes, essas palavras porque o *mi* é separado do *carême* por um traço de união.

C. — (*vendo entrar o Dr. Nogueira*). Ora aí está quem nos vem explicar o que é a mica: é teu padrinho que aí vem... Ele sabe tudo!...

Dr. Nogueira (*aproximando-se*). — Muito boa tarde. (*Aperta a mão a todos e senta-se.*) Que querem vocês que eu explique?

- N. — Queremos que nos diga o que significa *mi-carême*.
 O Dr. — *Mi-carême?*
 N. — Sim, senhor.
 C. — (*solenemente*). Atenção!...
 O Dr. — *Mi-carême* chamam os franceses ao que os portugueses chamam *cerração da velha*.
 C. — Percebo. *Mi* quer dizer *cerração* e *careme* quer dizer *da velha*. Como as duas línguas diferem!...

81. PADRE-MESTRE

Em casa de D. Augusta, viúva ainda frescalhona. É quase noite. Ela está na sala de jantar, em companhia das filhas, duas raparigas casadeiras. Batem à porta do corredor.

- D. Augusta. — Deve ser o padre-mestre.
 A Voz do Padre. — Deus esteja nesta casa!
 D. A. — Não disse? (*gritando*). Vá entrando, padre-mestre; a porta está aberta!... (*Entra o padre, homem de 70 anos, vigoroso e sadio. As raparigas levantam-se e vão beijar-lhe a mão. D. Augusta fica sentada onde estava e estende a mão indolentemente.*) Como está, padre-mestre?
 Padre. — Como Deus é servido.
 D. A. — Sente-se.
 P. — (*Sentando-se.*) Obrigado. (*Uma grande pausa.*) Então?... foram ontem à conferência?
 Todas. — Fomos.
 P. — Que tal?
 D. A. — Esteve muito boa.
 P. — Qual foi o assunto?
 D. A. — Os literatos.
 P. — (*Benzendo-se.*) Padre, Filho, Espírito Santo! Discorret no púlpito sobre os literatos é o mesmo que levar Satanaz à casa de Deus!
 D. A. — Pois sim, mas o padre Zé Maria só os tratou como espíritos do mal.
 P. — Ah! isso sim, que outra coisa não são eles.

- D. A. — Disse que isto de literatura não passa de uma grande bandalheira!
 P. — Oh! ele empregou essas expressões?
 D. A. — Não; nem eu sei repetir o que ele disse. O que lhe afirmo, padre-mestre, é que os escritores deviam ter ficado com as orelhas quentes!
 P. — Não lhe doam as mãos ao meu confrade! A raça dos literatos deveria desaparecer da terra, porque aconselha o pecado e provoca a lascívia.
 D. A. — Foi justamente o que disse o padre Zé Maria! Ele não falou em lascívia, meninas?
 As duas. — Falou, sim, senhora.
 D. A. — Olhe! aqui em casa não me entra um literato! Credo, Cruz, Ave Maria!...
 P. — Um literato aqui? Não faltava mais nada!
 Uma das filhas. — Mamãe, são horas...
 D. A. — Ah! sim... o ensaio do mês de Maria... Vão, vão se aprontar! (*As raparigas saem. Ficam sós a viúva e o padre. Este, depois de se certificar de que não há perigo, atira-se a ela e cobre-a de beijos.*) Ai! que saudades, meu bem! Não deixes de vir esta noite sim?... Eu deixo a porta só com o trinco...
 P. — (*tornando a beijá-la*). Sim, minha negra... sim, meu coração... sim, meu pecado gostoso!...

82. UM SUSTO

Em noite. O Sr. Tomás tem mandado chamar ao seu quarto a senhorita Alice, sua filha, e passa-lhe uma sarabanda. D. Josefa, mãe da senhorita, está de parte e assiste à cena.

- Tomás. — Enfim, minha sirigaita, se me constar — presta bem atenção! — se me constar que aquele patife continua a te namorar, ou simplesmente a passar-nos pela porta, mando — ouve bem! — mando agarrá-lo por dois capangas e dar-lhe uma tunda de o pôr em lençóis de vinho! (*A senhorita soluça e não responde.*) Quanto a ti, que tão mal correspondeste à fina educação que te deu teu pai, mandando-te ensinar até o bandolim, quanto a ti... nem sei

o que faça! Deixo de ser teu pai, lanço-te a minha maldição!

D. *Josefina*. — Não digas isso, homem de Deus!

T. — Digo! Excusado é vir a senhora com a bandeira da Misericórdia, que não arranja nada! Ou a menina toma caminho, ou vai haver o diabo nesta casa!

Alice. — Papai não se informou direito: seu Alfredo é um bom moço...

T. — Seu Alfredo é um vagabundo, um canalha, um beldroegas que não vale nada!

A. — *(Com resolução.)* Pois eu gosto dele, quero casar com ele, e se não casar com ele não caso com mais ninguém!

T. — Oh! desavergonhada, pois tu falas assim a teu pai?

A. — *(Com um arremesso.)* Ah! o melhor é acabar de uma vez por todas com o diabo desta vida! *(Sai arrebataadamente, batendo a porta.)*

T. — Esta menina é um castigo que Deus me mandou!

D. J. — *(Choraminguando.)* Tenho medo que ela faça alguma asneira!

T. — Que asneira? Aí vem também a senhora!...

D. J. — Ultimamente têm havido tantos suicídios de mocinhas contrariadas nos seus amores...

T. — Receia que ela se mate? Com quê? Nós não temos veneno em casa! Não gastamos querosene! As janelas são baixas! Não há poço no quintal!

D. J. — E aquela garrucha?

T. — Está descarregada há mais de vinte anos!

D. J. — Pois sim, mas dizem que o diabo carrega as armas de fogo!

(Nisto ouve-se um tiro muito próximo. O sr. Tomás e d. Josefina soltam um grito e caem sentados.)

Ambos. — Ah! Minha filha!...

D. J. — Corre Tomás!... Vai ver!

T. — *(quase a desfalecer.)* Não posso...

D. J. — *(sem pinga de sangue.)* Nem eu!...

Alice *(aparecendo)*. — Não se assuste, mamãe: foi o vizinho que deu um tiro para espantar os gatinhos.

A cena passa-se em casa do poeta X, na noite em que se declarou a greve dos operários do Gás. Sala às escuras. O poeta entra da rua, e é recebido pela amante com duas pedras na mão.

Ela. — Com efeito!... seja bem parecido!... Por onde tem andado desde ontem?...

Poeta. — Por onde tenho eu andado? Não me perguntes, mulher! Nem saberia eu dizer-to, nem tu poderias crer!...

E. — Que esteve você fazendo?

P. — Fui para um lugar deserto de uma poesia extrema, escrever de uma assentada dois cantos do meu poema! *(Mostra um rolo de papel que traz na mão.)*

E. — Mas sabe você que ainda não jantei?

P. — Por quê? Não tiveste fome?

E. — Fome tive e tenho, o que me faltou foi dinheiro!

P. — Meu bem, fala-me de tudo, tudo suporto altaneiro, mas, pelo bem que me queres, não me fales em dinheiro!

E. — Então a quem hei de falar?

P. — Fala à brisa que sussurra, fala à fonte que murmura, fala às flores do jardim; fala aos serros, campos, fragoas, fala às nuvens, fala às águas, mas não me fales a mim!...

E. — És um doido!

P. — Um doido? Sim! Acertaste! Um doido! Tens razão! Mas sou um doido sublime! Um poeta de inspiração!...

E. — Fale sério, seu Cardoso: você quer que eu morra de fome?

P. — Uma mulher como tu, que és das mulheres a flor, não pode morrer de fome, só pode morrer de amor!

E. — *(vencida pela poesia.)* Que diabo de homem! Quando você terá juízo?

P. — *(Com veemência.)* Nunca!... O juízo, meu anjo, não no conhecem poetas: é triste coisa inventada apenas para os patetas.

E. — Que vida a nossa!...

P. — Amanhã temos dinheiro, contanto que o prelo gema, imprimindo um belo canto do meu formoso poema. Mas nós estamos no escuro! Acende o gás, doce amante, para que possa os meus versos copiar no mesmo instante!...

- E. — Acender o gás!... Pois você não sabe que não há hoje gás?... Os operários fizeram greve!...
- P. — Se não há gás, por motivos, meu amor, que não concebo, vai acender uma vela de carnaúba ou de sebo!
- E. — Não temos em casa nem um toco de vela!...
- P. — Meu Deus, que miséria a nossa! Não ter nem luz nem dinheiro!... Mas então para que serve haver na esquina um vendeiro?
- E. — O vendeiro já não nos fia nem um fósforo!...
- P. — (*reparando no esplêndido luar*). Se morro à falta de pão, à falta de luz não morro! A lua serena e casta vem trazer-me o seu socorro! (*Indo à janela*.) Ó deusa augusta da noite, que aclaras o mundo inteiro, sem temer que te suprimam o operário e o taverneiro — iluminando esta cópia, tu, compassiva, farás o que não faz uma vela ou um píffio bico de gás!...

(*Vai buscar papel, tinteiro e pena, e põe-se a copiar o poema no peitoril da janela.*)

E. — (*sorrindo*). E se não houvesse lua?

P. — Oh! se não houvesse lua, não faltaria um farol... Os teus olhos brilham tanto!... É cada um deles um sol!...

(*Ela e o poeta beijam-se.*)

84. ENTRE SOMBRAS

Nos Campos Elísios — A sombra de Saldanha da Gama vai ter com a sombra de Barroso.

Saldanha. — Almirante?

Barroso. — Que é lá, menino?

S. — Os nossos restos mortais chegaram hoje ao Rio de Janeiro.

B. — E então?... que tem isso?...

S. — Parece que houve quem protestasse...

B. — Contra o quê?

S. — Contra o irmos juntos. Ainda não me perdoaram o pronunciamento da ilha das Cobras!

B. — Também que diabo! se tu servias a República, para que te declaraste monarquista?

— Então é coisa que deslustre a memória de um marinheiro ter sido monarquista? V. Ex. não foi outra coisa.

— Pois sim, mas eu era monarquista na monarquia; se viesse a república, eu fosse vivo e tivesse aderido, como tu aderiste, nunca mais teria veleidades monárquicas! Nunca mais!

— Pois sim, mas todas essas considerações deveriam desaparecer diante da morte.

— Não há dúvida, mas não é de boa política fazermos companhia um ao outro depois de mortos. Os nossos patrícios são muito exaltados em matéria de política, e os que guardam algum ressentimento contra ti dirão, pelo menos, que o meu cadáver foi apadrinhando o teu...

— Quem o ouvir falar há de supor que eu não valí nada!

— Não te zangues, menino! Valeste, valeste muito, foste um oficial notável; mas há de convir que entre nós... sim... o combate da Armação não vale o do Riachuelo!...

— Morri como um herói!

— Se eu morri na cama, a culpa não foi minha, expus a vida durante horas, no passadiço do Amazonas, e era o alvo mais saliente que havia a bordo. As balas não me quiseram. — Estou na minha: os nossos féretros deveriam desembarcar separadamente, e olha, aqui que ninguém nos ouve...

— Engana-se: está ali uma sombra escondida a ouvir a nossa conversa.

— (*inspirado*). Quem está aí?

A Sombra de Custódio de Mello (*aparecendo*). — Não se incomodem: sou eu. Ouvi o que estavam a dizer, e lavo-me em água de rosas por ter morrido no Rio de Janeiro. Com o meu cadáver ninguém bole. E ainda bem, porque eu teria um grande desgosto se continuasse a fazer barulho mesmo depois de morto.

85. O CONDE

Na sala de visitas. A condessa está ao piano. Entra um criado de casaca, inclina-se, e pergunta:

A senhora condessa quer que se ponha o jantar?

A Condessa. — Quero esperar mais meia hora pelo conde. (O criado inclina-se e sai. A condessa fecha o piano e ergue-se.) Por que será tanta demora? (*Vendo abrir-se a porta da entrada.*) Ah! (*A porta abre-se lentamente, e aparece o conde triste, desalentado, os braços caídos.*) Que é isso?... Que tens?... (*O conde, sem responder, deixa-se cair numa cadeira.*) Que é isso?... Estás doente?...

O Conde. — Não.

A Condessa. — Perdeste dinheiro?

O Conde. — Não.

A Condessa. — Sofreste alguma contrariedade?

O Conde. — Não não foi uma contrariedade, mas um desgosto, um desgosto profundo e pungente!...

A Condessa. — Meu Deus! estou assustada!... Que foi?...

O Conde. — (*gritando*). José!

A Condessa. — Para que chamas o criado?

O Conde. — Vais ver — José (*O criado entra. O Conde aponta para um retrato do papa, que está pendurado na parede.*) Tire-me dali para fora aquele retrato!

O criado. — (*Obedecendo.*) Sim, Sr. Conde.

O Conde. — (*Erguendo-se de um salto irritadíssimo.*) Não me chame Sr. Conde!... Chame-me S. Oliveira, chame-me senhor qualquer coisa, mas não me chame Sr. Conde!...

A Condessa. — (*Consigo.*) Teria ele enlouquecido, meu Deus?

O Conde. — (*Apontando para o retrato que o criado tem na mão.*) Dê o destino que quiser a esse quadro: meta-o no fogo, ou venda-o para aproveitar o vidro e a moldura!

A Condessa. — Que dizes?... O retrato de sua santidade!...

O Conde. — Sua santidade que vá para o diabo que o carregue!...

A Condessa. — Credo! que heresia!... perdeste o juízo?...

O Conde. — Perdi-o no dia em que solicitei... (*Notando que o criado está presente*)... isto é... no dia em que me fizeram conde... E que asneira! Foi preciso que o Brasil virasse República para ter tantos condes! (*Ao criado.*) Retire-se e cumpra as minhas ordens! (*O criado inclina-se e sai.*) Chiquinha, estamos bem castigados... bem caro pagamos a nossa vaidade!... Queres saber quem foi que

sua santidade fez agora conde como me fez a mim? Queres saber? (*A condessa tem um olhar ansioso.*) O Saturnino!...

A Condessa. — Que Saturnino?

O Conde. — (*lúgubre*). O do caixote...

A Condessa (*caindo numa cadeira*). — Oh!...

O Conde. — Vou declarar publicamente que renuncio ao meu condado e se, depois dessa declaração, se atrever alguém chamar-me conde quebro-lhe a cara.

86. POBRES ARTISTAS

num quarto de hotel. O Sr. Santos, que aí está hospedado, vê entrar o gerente.

Santos. — Venha cá, sr. gerente. Mandei-o chamar para que o senhor tivesse a bondade de me indicar o espetáculo a que devo assistir esta noite.

Gerente. — Há muito onde escolher. Temos, em primeiro lugar, a companhia lírica italiana no S. Pedro.

Santos. — Nada! deixemo-nos de líricos! Prefiro coisa que me faça rir!

Gerente. — Nesse caso, vá ao Moulin Rouge.

Santos. — No Moulin Rouge? São artistas franceses?

Gerente. — São artistas de todas as nacionalidades, menos a brasileira.

Santos. — Uma mistura de grelos; não quero. Que temos no Apolo?

Gerente. — A companhia José Ricardo.

Santos. — E no Recreio? Que peça representa hoje a companhia Dias Braga?

Gerente. — A companhia Dias Braga já saiu do Recreio.

Santos. — Para onde foi?

Gerente. — Não sei.

Santos. — E no Recreio quem está?

Gerente. — A companhia Taveira.

Santos. — Bom. E naquele teatro da rua do Passeio, que há?

Gerente. — No Palace Theatre? Uma companhia dramática italiana.

Santos. — Que diabo! mas o que eu quero é um espetáculo em que veja os nossos artistas!

G. — Ah! isso não há!
 S. — Não há mais artistas brasileiros?
 G. — Artistas brasileiros não faltam; o que eles não têm, costumes, é teatro onde representem!
 S. — E o Santana?
 G. — Vai para lá a companhia Ângela Pinto.
 S. — Estou então na capital do Brasil, e não me é dado apreciar um único artista brasileiro?
 G. — Isso não: o senhor tem no S. Pedro o tenor Vasques que nasceu em S. Paulo, e no Recreio o ator Fróes e o ator Olímpio Nogueira. Aquele veio ao mundo na Praia Grande e este é carioca da gema. São todos três brasileiros. A arte nacional não tem de que se queixar.
 S. — Mas os outros?... que fazem eles?..
 G. — Não sei. Ouvi dizer que o governo vai mandar construir para eles um galpão anexo ao Asilo de Mendigos, enquanto não fica pronto o palácio Águia de Ouro, vulgo Teatro Municipal.

87. CENA ÍNTIMA

Numa casa elegante. Torres e Mme. Torres entram disputando.

Mme. Torres. — Não! você há de ter a santa paciência! com este vestido não vou mais ao corso!..
 Torres. — Por que, meu amor?
 Mme. — É a terceira vez que vou com ele!... Três vezes vá, mas quatro! Antes a morte!..
 T. — Mas tu te tens na conta de tão notável, que se tome nota das vezes que saís à rua com o mesmo vestido?
 Mme. — Oh! para isso não é preciso ser notável: basta ser mulher e ir ao corso!
 T. — Mas vem cá... dize-me... que deve fazer uma senhora, do vestido com que saiu três vezes?
 Mme. — Pode guardá-lo para alguma visita à noite, ou um espetáculo comum; entretanto, o melhor é desfazer-se dele.
 T. — De que modo?
 Mme. — Deitando fora... desmanchando-o para fazer outra coisa... ou dando-o de presente à criada.

T. — Não me posso conformar com isso!
 Mme. — Por quê?
 T. — Porque não se deita fora, nem se dá aos criados o que custou um sacrifício!
 Mme. — Um sacrifício? Tem graça!
 T. — Tem muita graça!
 Mme. — Quanto deste por este vestido?
 T. — Nada!
 Mme. — Nada? Não deste nada? Explica-te!
 T. — Não dei nada porque ainda o não paguei!
 Mme. — A culpa não é minha!
 T. — É minha, só minha, porque como cabeça do casal tenho obrigação de ter juízo por ti e por mim.
 Mme. — Queres dizer que eu não tenho cabeça?
 T. — Pelo contrário: és muito cabeçuda... Enquanto não for pago esse vestido, não te posso dar outro!
 Mme. — Nesse caso, não vou ao corso!
 T. — Pois não vás! Ora, que grande desgraça!
 Mme. — Todos reparam a minha ausência e dizem logo...
 T. — Não dizem nada! Pensam que estás doente! — Olha! ontem recebi esta carta (*tira uma carta do bolso*), em que me pedem, em termos um tanto ásperos, o pagamento do teu vestido!
 Mme. — Que tenho eu com isso? O que te afianço é que hoje, no corso, eu estava envergonhada.
 T. — Também eu.
 Mme. — Ah! confessas?
 T. — Mas eu não me envergonhei porque estivesse com uma *toilette* já vista.
 Mme. — Então por que foi?
 T. — Envergonhei-me porque a modista que te fez o vestido, e que ainda não foi paga, lá estava na Avenida Beira-Mar de pé, ao lado do marido, e, quando passamos no nosso carro, nos lançou um olhar significativo e teve um sorriso irônico.
 Mme. — Acredito, mas o sorriso irônico não foi porque o vestido não estivesse pago... Se assim fosse, haveria muitos sorrisos irônicos às quartas-feiras, durante o corso... O

sorriso era irônico, porque o vestido figurava pela terceira vez... — Não! não! tem paciência, Torres, faze das tripas coração, mas eu quero, seja como for, um vestido novo para quarta-feira que vem!

88. SUGESTÃO

Casa pobre. D. Joaquina está ponteando meias; abre-se a porta e entra D. Maria.

D. Maria. — Dá licença, vizinha?

D. Joaquina. — Vá entrando, d. Maria. A sra. vem hoje um pouco cedo para o cavaco. Houve alguma novidade?

D. M. — Estou assombrada, vizinha!...

D. J. — Valha-me Nossa Senhora! Por quê?

D. M. — Por *móde* o menino do Asilo e o oficial sem olhos!

D. J. — Que história é essa?

D. M. — Pois não sabes? Está nas folhas!... Alma do Floriano Peixoto... ou a do Juventino, aquele pobre moço do balão (não se sabe ainda ao certo qual das duas almas foi) apareceu a um menino do Asilo do Pedregulho!...

D. J. — Credo! T'esconjuro!... Mas por que não se sabe qual das duas era?

D. M. — Supõe-se que é a do Floriano Peixoto, porque este morreu na casa onde é hoje o asilo... e também se supõe que é a do Juventino, porque apareceu justamente no dia e na hora do desastre do balão!

D. J. — E a alma não tinha olhos?

D. M. — Não, senhora: tinha apenas dois buracos!

D. J. (*benzendo-se*). Credo! cruz! Ave-Maria!...

D. M. — Na minha *omilde* opinião, era a do Floriano Peixoto.

D. J. — Por quê?

D. M. — Por ter os olhos furados! Quando o embalsamaram naturalmente lhe furaram os olhos!

D. J. — Tem razão.

D. M. — E a outra alma era muito cedo para aparecer! As almas não aparecem logo, depois que morrem, às pessoas. A do meu marido levou três anos!

D. J. — E a do meu até hoje não deu sinal de si. Havia seis meses que ele tinha morrido, quando uma noite vi um vulto no fundo do quintal. Saí de casa pedir ao padre vigário que me benzesse... mas o padre vigário veio ao meu encontro, na rua, e tranqüilizou, dizendo que o vulto era ele.

D. M. — (*sorrindo*). E essa alminha nunca mais deixou de lhe aparecer... pelos fundos, e sem os olhos furados...

D. J. — Que quer, vizinha? Se há pecado, o pecador é ele mais do que eu... que estava sossegada na minha casa. Não me chame eu Joaquina Rodovalho Camarão se algum dia tinha pensado em semelhante homem! — Mas Credo! ainda estou arrepiada com a história do asilo... Ó vizinha, vamos ao oratório rezar um padre-nosso e uma Ave Maria por alma do Floriano Peixoto e do Juventino... sim, pelo sim pelo não, rezemos por ambos...

D. M. — Vamos! (*D. Joaquina levanta-se.*)

Uma Voz no Corredor. — D. Joaquina Rodovalho Camarão! (*Estremecem ambas. Entreabre-se a porta e aparece um carteiro do correio, de óculos azuis.*)

D. J. — Um soldado! (*Desmaia.*)

D. M. — E de olhos furados! (*Desmaia.*)

O Carteiro. — (*repetindo*). D. Joaquina Rodovalho Camarão!

89. POR CAUSA DA TINA

Na sala de jantar do Clarimundo, que voltou do teatro com D. Tudica, sua esposa, e está saboreando seu chazinho com torradas em companhia dela.

Clarimundo. — Mas ainda não me disseste que tal achaste a Tina di Lorenzo...

D. Tudica. — Não a achei lá essas coisas!

C. — Ora essa! pois a mim me pareceu que ela representou muito bem o seu papel.

D. T. — Não falo dela como cômica; falo como beleza. Beleza aquilo? Com efeito, seu Clarimundo! Você parece que nunca viu mulheres bonitas!

C. — Sim, eu já sabia de antemão que havias de achá-la feia, pois ainda não houve mulher bonita a quem dissesse:

"Benza-te Deus!" Mas a beleza no teatro é coisa secundária: o que me interessa é a arte, e o que te perguntei foram as tuas impressões sobre a artista.

- D. T. — Que me importa a artista? O que me levou ao teatro foi a fama de sua beleza! Você me encheu os ouvidos de tanta caraminhola a respeito dela, que eu quis ver pelos meus próprios olhos!... Pois bem... repito... não se pode dizer que seja uma mulher feia... há outras muito mais feias... mas não é lá essas coisas... Nesses teatros há atrizes mais bonitas que ela. A Maria Pinto, da companhia Zé Ricardo, é mais bonita!...
- C. — Oh! mulher! Não digas disparates!...
- D. T. — A mim não me fica bem fazer isto, mas digo: eu não me troco por ela!
- D. — Pela Maria Pinto?
- D. T. — Não; pela tal Tina di Lorenzo!...
- C. — (*deixando cair a xícara*). Tu?! — Lá entornei o chá na toalha!...
- D. T. — Eu, sim! Dê-me aquelas *toilettes*... e eu lhe mostro se não valho mais do que ela!...
- C. — Não bastavam pinturas e *toilettes*; seria preciso arranjar uma dentadura e uma cabeleira postiças!
- D. T. — E quem me diz a mim que aqueles dentes e aqueles cabelos sejam dela?
- C. — E o teu estrabismo? Não me venhas dizer que a Tina é vesga!...
- D. T. — O meu estrabismo dá-me muita graça!
- C. — São opiniões...
- D. T. — O senhor é meu marido: tem obrigação de me achar a mais bela das mulheres!...
- C. — Enganas-te, porque, nesse caso, eu tinha o direito de exigir de ti que me achasses o mais belo dos homens, e jamais o faria porque reconheço que sou feio como a necessidade.
- D. T. — Seja eu o que for, não admito que o senhor me afronte com a beleza daquela cômica!...
- C. — Mas eu não te afronto, Tudica! Apenas não admito que tu, com esse corpo que pesa cem quilos... e esses dentes... e esses farripas... e esse estrabismo, que não te dá nenhuma graça, te julgues mais bonita que uma mulher cuja formosura é célebre!...

- D. T. — Sr. Clarimundo, o senhor insulta-me!
- C. — Qual te insulto qual nada! Não seas tola!...
- D. T. — Tolo será ele!... Insolente!... Miserável!... (*Atira ao chão uma xícara e ergue-se furiosa.*) Não quero mais saber do senhor!... Deixe-me! Separe-se de mim!... Vá lá para a sua Tina di Lorenzo!...
- C. — Quem me dera!...
- D. T. — Uma mulher que se chama Tina!...
- C. — A Tina é ela, mas a barreira és tu!...
- D. T. — Insultar-me! insultar-me porque está na terra uma mulher bonita!...
- C. — Ora, até que afinal reconheces que ela é uma mulher bonita! Bom! agora podes dizer o que te vier à boca! (*Entra tranquilamente no seu quarto. Tudica esperneia, bate o pé, e atira o bule ao chão.*)

90. CONFUSÃO

No corredor dos camarotes do Apolo, depois do 1.º ato do MENINO AMBRÓSIO. O Teles encontra-se com o Gama.

- Teles. — Olá!... estou admiradíssimo!... você é fruta rara em teatro!...
- Gama. — Muito rara.
- Teles. — Foi a peça que o atraíu?
- Gama. — Não, meu caro, confesso-lhe que não foi a peça que me atraíu: O *Menino Ambrósio* era um título que me não dizia nada, e eu não gosto de crianças.
- T. — Então que foi?
- G. — Fui atraído por essa Mercedes Blasco, de quem tanto se fala, por ter escrito uma obra escandalosa, o relatório documentado dos seus amores! Li o livro e fiquei com uma vontade doida de conhecer a autora. Ora, aí tens por que vim ver o *Menino Ambrósio*.
- T. — E que impressão te fez ela?
- G. — Magnífica! Tinham-me dito que era uma mulher insípida, sem graça... Calúnia!... É a mais bonita e a mais simpática das intérpretes do *Menino Ambrósio*!... Que linda boca!... que olhos matadores!... Compreendo,

meu amigo, compreendo que essa mulher tenha sido tão amada!...

- T. — Cáspite! Que entusiasmo! Pois, francamente, não achei lá essas coisas, e como atriz...
- G. — Como atriz nada tem de notável, mas eu não vim ver a atriz: vim ver a mulher que inspirou tantas paixões e fez escrever tantas cartas; entretanto, não é desajeitada... tem certa habilidade... e representou muito bem aquela cena com o visconde.
- T. — Que cena?
- G. — Aquela em que o visconde quer seduzi-la, e é troçado por ela...
- T. — Homem, tem graça!
- G. — Tem graça o quê?
- T. — Confundiste a Mercedes Blasco com a Acácia Reis!
- G. — Que me dizes?...
- T. — A Mercedes é a que faz o papel de Pimpinela!
- G. — Deveras? Então aqueles olhos... aquela boca... aquele sorriso... não são dela? Que diabo! vou pedir à Acácia Reis que escreva as suas memórias. A julgar por aqueles olhos, devem ser ainda mais interessantes que as da Mercedes Blasco!...

91. A LADROEIRA

A — *sentado num banco da Avenida, lê um jornal; B — aproxima-se e senta-se no mesmo banco.*

- B. — Dá licença? O banco chega para dois?
- A. — Pois não! (*Dá-lhe lugar. B. senta-se. Longa cena muda, em que A. parece absorvido pela leitura de uma folha, e B. o examina disfarçando. De repente, A. deixa de ler, amarrota o jornal, soltando um grito.*) Oh!...
- B. — Que foi cavalheiro?
- A. — Outra ladroeira!
- B. — Não tem do que se admirar! Isto agora é todos os dias!...
- A. — Roubaram um morto!...
- B. — Não admira! Pois se a toda hora estão a roubar os vivos!...

- A. — Vou fazer meio século e nunca vi a ladroeira tão apurada no Rio de Janeiro!
- B. — Naturalmente! O Rio de Janeiro nunca foi tão civilizado como agora, e a ladroeira cresce na razão direta da civilização. Para esse mal a ciência não descobriu ainda uma vacina!
- A. — Como não descobriu? A vacina é o a b c! Num país em que a instrução está tão atrasada, por força que a ladroeira há de florescer!
- B. — Mas eu peço licença para observar que muitas vezes os ladrões são os mais instruídos... Não quero citar nomes, meu caro senhor, mas nós temos tido ladrões ilustres, ladrões com muito fósforo no cérebro!
- A. — Não digo que a instrução evite que haja ladrões; mas pode evitar que haja pessoas que se deixem roubar.
- B. — Estou na minha; não me parece que a instrução tenha alguma coisa que ver com o caso, pois nos países em que ela está mais adiantada, nem por isso deixa de haver ladrões de toda a espécie.
- A. — Sem instrução não pode haver juizes de primeira ordem, que sejam rigorosos no cumprimento da lei, e não tenham duas medidas, uma para Fulano e outra para Beltrano.
- B. — A coisa é difícil, porque os ladrões não trazem letreiro: é preciso adivinhá-los. Aqui estou eu... Nós não nos conhecemos um ao outro... somos dois homens de certa educação... mas nem eu sei nem o senhor sabe se somos capazes de roubar o sino de S. Francisco de Paula. A preocupação da nossa autoridade deveria ser evitar, fosse como fosse, que o indivíduo, instruído ou ignorante, pudesse roubar, e, quando alguém roubasse, castigá-lo severamente, expô-lo amarrado a um poste na praça pública!...
- A. — Apoiado! É o que digo! Para o ladrão não devia haver a tal condição do flagrante nem o tal *habeas-corpus*, e qualquer que fosse apanhado a roubar deveria ser morto como um cão danado!
- B. — (*Levantando-se.*) Não me atrevia a dizer tanto! Essa é a verdade! O senhor é um homem que vê as coisas! Quero dar-lhe um abraço, porque é sempre grato abraçar alguém que pensa como nós. (*A. levanta-se sorrindo e*

deixa-se abraçar.) Tem em mim um amigo... aqui tem o meu cartão. (*Dá-lho.*)

A. — Muito obrigado. Aqui tem o meu.

B. — E até mais ver.

A. — Até mais ver. (*B. retira-se. A. senta-se e continua a ler. Passado algum tempo, quer ver que horas são e dá por falta do relógio e da corrente de ouro.*)

92. VIVA S. JOÃO

No quintal da casa do João Ferreira, onde arde uma grande fogueira. Diversos grupos de senhoritas, rapazes e crianças soltam balões e foguetes, queimam pistolas, bombas, bichinhas, etc. Barulho e alegria. Todos se divertem, à exceção de D. Júlia, cunhada do dono da casa, solteirona dos seus 45 anos de idade, que, sentada a um canto, vê e ouve tudo aquilo de mau humor. O Cipriano, um pândego, aproxima-se de d. Júlia.

Cipriano. — A senhora está triste, d. Júlia?

D. Júlia. — Que tem o senhor com isso?

Cipriano (*sem se ofender, porque já a conhece*). — Não tenho nada... Pergunto porque me interesse pela senhora... Ainda hoje não a vi rir!

D. Júlia. — De que quer o senhor que eu ria?

C. — Quero que se divirta, como os outros...

D. J. — Agradeço-lhe a atenção, mas não se incomode comigo. (*Levanta-se com grosseria e afasta-se.*)

O João Ferreira (*aproximando-se de Cipriano*). — Que foi isso?... que disseste à Júlia que ela ficou tão zangada?

Cipriano. — Apenas lhe perguntei porque estava triste! Esta tua cunhada é muito esquisita!

J. F. — Em dias de festa é o que se vê: como ficou para tia, não pode estar satisfeita onde quer que estejam moças e rapazes. É insuportável!... Já lhe tenho dito que melhor seria trancar-se no seu quarto!...

G. — Coitada! Deixa-a lá!...

J. F. — Além de ser feia e velha, é malcriada! Desde que perdeu, há dez anos, um casamento, que aliás seria a sua desgraça porque o noivo era um valdevinos, está sempre de mau humor, e não pode ver sem inveja os outros se diver-

tirem. Com franqueza te digo que preferia uma sogra a esta cunhada! (*Vendo subir um balão.*) Viva S. João!...

A Criançada. — Vivou!...

J. F. — (*Continuando.*) Entretanto, ali onde a vês, não perde as esperanças, coitada! Queres fazer uma experiência?... por pândega?... Diz-lhe uma frase amável, namora-a e verás como fica outra!

C. — Nada! Nessa não caio eu!...

J. F. — Por quê?

C. — Depois é que são elas!

J. F. — Ora! depois manda-a passear! Ela aí vem (*Dirigindo-se a D. Júlia que passa*) Ó maninha?

D. J. (*Aproximando-se, de cara franzida.*) — Que é?

J. F. — Aqui o nosso amigo Cipriano está molestado com você... você tratou-o mal... e, no entanto, ele simpatiza tanto com você... diz que você tem um olhar tão compassivo... (*D. Júlia sorri.*)

C. — E um sorriso, aí, que sorriso!...

J. F. — (*Baixo a D. Júlia.*) Está caidinho... (*Afasta-se.*)

D. J. — (*Amável, a Cipriano.*) Não quis magoá-lo... perdoe... é que estou tão habituada ao escárnio...

C. — Não diga isso! Quem pode escarnecer de um anjo?...

D. J. — (*Faceirando-se.*) Um anjo! Meu Deus! quem me dera ser um anjo!

C. — Os anjos não se conhecem!

D. J. — Oh! eu conheço-me... não tenho beleza, nem mocidade...

C. — Pode ser que para os outros; mas para mim...

D. J. — Cipriano!

C. — Que música têm as sílabas do meu nome proferidas por esses lábios!

D. J. — (*radiante de alegria, vendo subir um balão.*) Viva S. João!...

C. — Venha, Júlia, venha soltar umas bichinhas...

D. J. — Prefiro uma pistola... uma pistola com muitos tiros, sim?...

C. — Viva S. João!...

J. F. — (*Aproximando-se, baixo.*) Eu não te dizia?...

93. UMA EXPLICAÇÃO

Na noite de S. Pedro. O Saraiva está em casa, na sala de jantar, rodeado por toda a família.

A Senhora. — Ó Saraiva?

O Saraiva. — Vá dizendo!

A S. — Você que tem explicação para tudo, não me dirá por que há hoje tantos balões no ar?

O S. — Há muitos balões no ar, porque está publicado um edital da Prefeitura proibindo-os e multando em 50\$000 quem os soltar. Ora, aí tem por que há tantos balões no ar!

A S. — Não; você não me entendeu...

S. — Nesse caso foi você que não se explicou.

A S. — Dantes a noite de São Pedro era menos influída que a de Santo Antônio e muito menos que a de S. João.

S. — Quer saber por quê? Eu lhe explico. Como S. Pedro vinha em último lugar, encontrava as algibeiras vazias.

A S. — Pois bem; por que é que a noite de S. Pedro se tornou agora mais influída do que a de Santo Antônio e quase tanto como a de São João?

S. — Por quê? Eu lhe explico... É porque... é porque...

A S. — Duvido que você encontre explicação para isso!

S. — Duvida por quê? Neste mundo tudo se explica, tudo — até mesmo o inexplicável!

A S. — Então explique!

S. — Espere!... deixe-me pensar!... (*Apóia a cabeça na mão, fecha os olhos, e, passado algum tempo, solta um grito.*) Ah!...

A S. — (*Assustando-se.*) Oh!

S. — Achei!...

A S. — Diga!

S. — Antes de ser República, o Brasil era o quê?

A S. — Monarquia.

S. — Monarquia, muito bem. Logo, havia um monarca. Como se chamava esse monarca?

A S. — O imperador.

S. — Mas o nome, o nome de batismo?

A S. — Pedro.

S. — Pois a explicação aí está: chamava-se Pedro o imperador.

A S. — Mas no tempo dele S. Pedro não era festejado!

S. — Raciocina, Mariquinhas, raciocina. O imperador foi deposto em 1889, há dezenove anos. A sua deposição foi um ato com que muita gente não concordou, embora ninguém se atrevesse a abrir o bico. Toda essa gente começou a ter muita pena do pobre velho, e muitíssimas crianças que então vieram ao mundo receberam na pia batismal o nome de Pedro. Foi esse o meio que o sentimentalismo encontrou de se manifestar sem perigo...

A S. — Mas essa explicação...

S. — Esta explicação é lógica e dedutiva. Os Pedros cresceram e estão hoje na idade das festas. Como são muitos, a noite de S. Pedro é agora festejada como nunca foi. Portanto, se você está vendo tantos balões no ar, é isso devido a uma espécie de reação política e ao sentimentalismo monárquico. Vá com o que lhe digo!

A S. — Você tem cabeça!

S. — Não é a primeira vez que mo dizem.

94. FOI POR ENGANO

No quarto de dormir do Silveira. A um canto uma espingarda, velha precaução que o dono da casa sempre usou contra os gatunos. São seis horas da manhã. O Silveira dorme. D. Angélica entra furiosa, com uma carta na mão.

D. Angélica. — Sr. Silveira! Sr. Silveira!...

Silveira. — (*despertando sobressaltado.*) Que é?... que é?...

D. A. — Que quer dizer esta carta?

S. — (*estremunhado.*) Que carta?

D. A. — Esta, que encontrei no seu bolso!

S. — (*aparte.*) Oh, diabo!...

D. A. — Uma carta de amor!... Pois o senhor tem uma amante?...

S. — Eu? Que idéia!...

D. A. — Cá está o corpo de delito! Nunca pensei! Nunca pensei!...

S. — (*Aproximando-se.*) Ouve, benzinho...

D. A. — Não se aproxime! não me toque!... Deste momento em diante nada mais pode haver de comum entre nós!

S. — Não te exasperes: eu me justifico...

D. A. — (*gritando*). Não há justificação possível! A carta foi dirigida ao senhor... cá está o seu nome... e os termos em que está escrita provam claramente que sou uma esposa iludida!...

S. — Calma! calma!...

D. A. — Oh! mas eu não sou uma tola! Vai ver, sr. Silveira, vai ver!

Uma voz. — Que é isso, vizinho? Há alguma novidade?

S. — Calma! o vizinho Seabra interveio... (*Indo à janela.*) Não é nada, vizinho... São os nervos de minha mulher. Isto passa. (*Voltando ao quarto, à mulher, que continua a fazer berreiro.*) Cala-te! Não faça escândalo!...

D. A. — Oh! o escândalo será completo! Que me importa que o senhor tenha uma amante? saiba que lhe pago na mesma moeda!...

S. — (*saltando*). Hein?

D. A. — Também eu tenho um amante!...

S. — Senhora, com essas coisas não se brinca!

D. A. — Estou dizendo a verdade: amo outro homem que não é o senhor!

S. — Quem é esse homem?

D. A. — É... é... (*procurando*) é...

S. — Quem? Responda!...

D. A. — É... o vizinho Seabra, ora aí tem!

S. — O Seabra! Por isso é que ele veio à janela! Ora espera! (*Vai buscar a espingarda.*)

D. A. — Que vai fazer?

S. — Vingar a minha honra ultrajada! (*Aponta a arma contra o vizinho.*)

D. A. — Não! Não faça isso! (*Corre para ele.*)

S. — Não o defendas, miserável! (*Dá um tiro. O vizinho recebe em cheio a bala no coração e cai para traz.*)

D. A. — Que fizestes, desgraçado? Não era verdade!

S. — Não era verdade?

D. A. — Foi o primeiro que me lembrou.

S. — Fizeste-a bonita! (*Gritando.*) Vizinho, ó vizinho!... desculpe: foi por engano.

A Voz da Justiça Pública (*que passava na rua por acaso*). — Foi por engano?

S. — (*indo à janela*). Foi.

A Voz. — Nesse caso não esteja preso.

95. A FAMÍLIA NEVES

Na sala da "Pensão Smart", onde se acha hospedada a família Neves, de Santa Catarina, vinda à Capital Federal para ver a Exposição. Estão em cena três senhoritas e dois meninos, um dos quais acompanhado pela ama seca. Uma das senhoritas lê o Malho, outra toca piano, outra namora um moço que anda de cá para lá no corredor. As crianças brincam.

1.^a Senhorita. — Oh! meu Deus! quanto tempo mamãe leva para se vestir!

2.^a Senhorita. — Papai vai chegar e ela não está pronta!

3.^a Senhorita (*à do piano*). — Não se impacientem! Temos muito tempo!

Madame Neves (*entrando*). — De certo que temos muito tempo! Eu estou pronta! Agora toca a esperar!...

1.^a S. — Tomara que papai não venha!

M. N. — Por quê?

1.^a S. — Porque já estamos fartas de ir à exposição, isto é, ao local onde deverá ser efetuada a exposição...

2.^a S. — Papai entende que lá devemos ir todos os dias!

3.^a S. — Diz ele que viemos ao Rio de Janeiro visitar a exposição, e não devemos ver outra coisa!

M. N. — Nem mesmo o Frégoli! que querem vocês, meninas? Seu pai é muito teimoso! Eu bem lhe dizia, quando ainda estávamos em Florianópolis:
— Neves, não vamos já para o Rio... esperemos que se abra a exposição... olha que ela pode ser transferida...
— Não me quis atender! Disse ele que era preciso vir antes da abertura pois, do contrário, não acharíamos cômodo em nenhum hotel ou casa de pensão!

1.^a S. — E como a exposição foi adiada para 14 de julho, estamos condenados a... (*Interrompe-se vendo entrar o pai, que vem furioso da rua.*)

O Neves. — (*atirando-se a uma cadeira*). Que inferno!

Todos. — Que foi?

O Neves. — Maldito seja o momento em que me abalei de casa para vir ver a exposição, trazendo comigo toda a família!

Todos. — Por quê?

O N. — Isto é para desesperar um homem!...

Todos. — Mas que foi?

O N. — A exposição foi adiada outra vez!

Todos. — Oh!...

O N. — Adiada para 11 de agosto!...

M. N. — Eu não te dizia? Estava tudo tão atrasado!...

O N. — Que patetice a minha!... Vamos ficar no Rio mais dois meses pelo menos! (*As senhoritas trocam um olhar de satisfação.*) Enfim... Vamos almoçar, e toca para a exposição!...

M. N. — Mas ouve cá... nós não podíamos ir a outra parte?

1.^a S. — À Tijuca.

2.^a S. — Ao Jardim Zoológico?

3.^a S. — Ao Sumaré?

N. — Nada! Nós viemos ver a exposição... não há Sumarés, nem Tijuca, nem Feraudys, nem Frégolis, nem nada!... É exposição todos os dias! Vamos, vamos almoçar! Então, meninas? Aviem-se! (*Saem todos menos a senhorita que namora o moço do corredor.*)

A Senhorita. — Ouviu? Tome o mesmo bonde que nós!

O Moço. — Que felicidade, meu anjo! Vou torcer, para que a exposição seja adiada para 7 de setembro!

A Voz do Neves. — Isabelinha!

A Senhorita. — Já vou, papai!

(*Sai correndo depois de atirar um beijo ao Namorado.*)

96. SOCIALISMO DE VENDA

Na venda do s'or Zé. Alguns fregueses fazem honra a um parati, que é especial como todos os paratis de venda. Entre os cir-

cunstantes está o Tiro e Queda, Mulato Pernóstico e Asneirão, que se intitula socialista.

Um da Roda. — Ó seu Zé?

Zé. — Diga!

Um da Roda. — Que diabo de história é essa de expulsão de jornalista estrangeiro que vem nas folha?

Zé. — Pois você não leu? Era um italiano que andava a pintar a manta lá em S. Paulo.

Tiro e Queda. — Pintando a manta como, seu Zé?

Zé. — Pois você não leu?... que diabo!... O tal sujeitinho provocava a desordem, aconselhava os homens empregados na lavoura a fazerem greve, metia o bedelho na política do país, era um homem perigoso, e o governo fez muito bem pondo-o barra fora. Qua vá fazer barulho lá para a sua terra!

T. e Q. — Seu Zé?

Zé. — Que mais temos?

T. e Q. — Você é burro.

Zé. — Com sua licença.

Tiro e Q. — Você é um lusitano inteligente, que leu muita coisa, mas é burro.

Zé. — Diga lá por quê.

T. e Q. — Pois você acha que pregar a revolução social é pintar a manta? Que cérebro inóspito! Esse jornalista é um benfeitor da humanidade!

Zé. — Não admira que você o defenda! você é um vadio, você não trabalha, você não pára oito dias em uma oficina, e não faz outra coisa senão andar pelas vendas a dizer bobagens!

T. e Q. — Se não trabalho, é porque não quero ser explorado pelo capital! Teria graça que eu, com as minhas idéias anárquico-sociológicas, me escravizasse aos argentários!

Outro da Roda. — Deixa disso, chefe. Seu Zé não é tão burro como tu diz. Era muito melhor que tu trabalhasse em vez de viver à custa de tua mãe e de tuas manas, que trabalham dia e noite, sem que tu te importe com isso!

T. e Q. — Não te mete com a minha vida. Elas não trabalham para encher a pança de um burguês capitalista!

Outro. — Sim... é para encher a tua!

T. e Q. — Ai mão! vocês estão abusando da minha complacência fleumática!

Zé. — Quem abusa é você que é moço, é vigoroso, tem saúde, e, em vez de trabalhar para ganhar a vida, anda a aconselhar aos outros que não trabalhem! O governo fez muito bem expulsando esse italiano! Vá para o diabo que o carregue! No Brasil há sempre trabalho para quem quer trabalhar. Isto não é terra de calaceiros!

T. e Q. — Pois olha, grande burro, quando a dinamite roncar, a primeira casa que vai pelos ares é a tua!

Zé. — Não me assustam essas ameaças! Para eu ter medo de ti, seria preciso que tu tivesses fome. Fica sabendo que de barriga cheia nunca ninguém foi anarquista. Aqui não há miséria. Vão ver que o tal jornalista italiano vivia à tripa forra!...

T. e Q. — As tripas ponho-te eu ao sol!

Zé. — Deixa-te de gabolices, que não vales nada! Bebe o teu parati e vai dormir, não sejas asno!

Todos. — Bravo, bravo, seu Zé!...

97. A VACINA

Na sala de visitas do Lopes, o positivista. Este e d. Claudina, sua esposa, fazem sala a uma senhora viúva que os veio visitar.

A Visita. — Aqui no seu bairro há muita varíola?

D. Claudina. — Muita!

Lopes. — É este um dos bairros mais atacados!

A V. — No meu tem sido um horror! E os seus meninos estão todos vacinados? (D. Claudina troca um olhar com o marido.) Pois a senhora tem quatro filhos e não os mandou vacinar?

L. — A senhora esquece-se de que eu pertencço à escola positivista?

A V. — Que tem isso? Não há nada mais positivo que a vacina, e os fatos aí estão demonstrando que não há preservativo mais eficaz contra a varíola!

L. — Os fatos têm demonstrado exatamente o contrário: não há pior veneno! Há dias, na Praia Grande, morreram três crianças em consequência da vacina!

A V. — É que a vacina era má. Quantas pessoas têm morrido envenenadas pela comida! Naturalmente ninguém deve entregar o braço a vacinar senão a um médico de toda a confiança.

L. — Para isso não há médico de confiança. A vacina é sempre suspeita, e na maior parte dos casos fatal.

A V. — Não diga isso! Pois não estamos vendo o contrário?

L. — Minha mulher quis mandar vacinar os pequenos; proibi-lhe categoricamente que o fizesse.

A V. — Fez mal.

L. — Fiz muito bem. Se a senhora ler folhetos que o Centro Positivista tem publicado contra a vacina me dará razão.

A V. — Duvido, porque o melhor livro em que se aprende é a vida. Ora eu, desde que me entendo, tenho observado que o melhor meio de não ter bexigas é ser vacinado.

L. — Pois sim, mas permita, minha senhora, que eu lhe ofereça um exemplar do luminoso opúsculo publicado em 1904 pelo Teixeira Mendes. Vou lá dentro buscá-lo. (Sai.)

D. C. — (à visita). Não lhe diga nada... Os pequenos estão vacinados... Mandei-os vacinar sem lhe dizer nada...

A V. — E ele não sabe?

D. C. — Creio que sabe, mas finge que não sabe... Cuidado! ele aí vem...

98. O FOGUETEIRO

Na alcova conjugal do Trancoso, depois da meia-noite. Entram de e D. Cincinata cansadíssimos: vêm da Exposição. Começam a respirar-se.

D. Cincinata. — Que maçada! Nunca mais! Não vale a pena!

Trancoso. — Ó mulher, não digas isso!...

D. C. — Os pequenos vinham dormindo no bonde! Aquilo só serve para os moradores de Botafogo!

— Mas não temos que nos queixar! Ainda não é uma hora! É o mesmo que se tivéssemos ido a um espetáculo!

D. C. — Mas num espetáculo a gente diverte-se!

— Pois tu queres melhor divertimento que a Exposição? Valha-te Deus!...

D. C. — Você chama aquilo divertimento? Estou com as pernas que não posso e doem-me as solas dos pés!

T. — Ainda bem! Estás engordando muito: precisas andar...

D. C. — Pois a mim não me apanham segunda vez!

T. — És um espírito de contradição! Basta que uma coisa agrade a toda a gente para não te agradar a ti! Nesse ponto és bem carioca! (*Deitando-se.*) Pois eu ainda estou deslumbrado por tudo aquilo! Quanta arte!... quanto bom gosto!... Nunca esperei que fizesses tanto em tão pouco tempo! Que magníficos palácios!... que lindos pavilhões!...

D. C. — (*deitando-se*). Não vi nenhuma coisa do outro mundo!

T. — Naturalmente! Pois se tu não gostas da Avenida Central!

D. C. — Nem da Avenida Beira-Mar! Não gosto de Avenidas!...

T. — Também não sei do que tu gostas!

D. C. — Gosto da minha casa e do sossego, ora aí está!

T. — Pois fica tu em casa; eu e os pequenos havemos de ir muitas vezes à Exposição. Estou entusiasmado! Gostei de tudo!...

D. C. — De tudo?

T. — De tudo!

D. C. — Que! há pelo menos uma coisa de que você não gostou... pelo menos não esperou pelo fim...

T. — Já sei; queres falar dos fogos de artifício... sim... não era preciso mandar buscá-los no estrangeiro e pagá-los por um dinheirão... mas não digo nada... a minha modestia obriga-me a ficar calado... (*Inflamando-se.*) Mas que diabo!... eu sou fogueteiro há quarenta anos, e posso dizer que aqueles fogos não prestam para nada!...

D. C. — Bom; vamos dormir que são horas.

99. QUEBRADEIRA

(EPÍLOGO AO "QUEBRANTO", DE COELHO NETO)

Sala em casa de Josino — Estão em cena ele e Dora, sua mulher.

Dora. — É preciso lembrares-te de alguma coisa que nos tire desta situação!

Josino. — Filha, todos os meus planos têm falhado! Já não sei para onde me volte!

D. — Que triste idéa a de meus pais casarem-me contigo!

J. — E poderias tu encontrar outro marido?

D. — Está visto que sim! Quem tinha, como eu, um dote de sessenta contos!...

J. — Os sessenta contos do seringueiro! grande coisa! só teu pai levou vinte!

D. — Era justo que ele ganhasse uma comissão...

J. — E os quarenta que ficaram já lá se foram! Estamos sem vintém, e reduzidos a viver de expedientes!

D. — Tu bem podias ter procurado um emprego...

J. — Trabalhar eu? Estás doida! Sei lá o que isso é!...

D. — Malditas cartas anônimas!

J. — Malditas, sim! Se não fossem elas, tu estarias casada com o Fortuna, e eu seria o teu amante!

D. — Tu? Nunca!...

J. — Por quê?

D. — Nem tu nem outro qualquer! Nada! E a Maria das contas?

J. — Pois acreditas em histórias de caboclos?

D. — Mas, vamos, diz alguma coisa! Nós precisamos pagar os credores mais exigentes! Isto é uma vergonha!

J. — Eu só vejo um meio...

D. — Qual?

J. — Morder o comendador! Ele parece muito nosso amigo... visita-nos constantemente... faz-nos mil oferecimentos...

D. — Pois morde-o!

J. — Eu? Eu não!...

D. — Então quem há de ser?

J. — Tu! A minha dentada não produziria efeito!

D. — Pois queres que eu...?

J. — Tu sim: a um pedido teu ele não resistirá.

D. — Não resistirá por quê?

J. — Ora não te faças de ingênuo!

D. — Quanto lhe devo pedir?

J. — Dez contos pelo menos. E é para atamancar!

Um Criado da Casa (entrando). — Está aí o sr. comendador.

J. — Faça-o entrar. (O criado sai. A Dora.) Falai no mau... Não poderia vir mais a propósito. Deixo-te só com ele.

O Comendador (entrando). — Boa noite, meus amigos. (Josino e Dora levantam-se e vão cumprimentá-lo.) Passei por acaso... e como vi luz na sala...

J. — Por um triz não me encontra: eu ia a sair.

O C. — Nesse caso, saíamos juntos.

J. — Não; o comendador pode ficar fazendo companhia a Dora. Tenho um negócio urgente e demorado; não estarei fora de casa menos de duas horas. (Estendendo a mão ao comendador.) Até logo ou até amanhã.

O C. — Até amanhã!

J. — Adeus, Dora. (Sai.)

O C. — (depois de dar um beijo em Dora.) Que é isto? É a primeira vez que ele nos deixa à vontade!

D. — Pois sim, mas fica prevenido de que esta concessão vai-te custar dez contos de réis!

100. BAHIA E SERGIPE

O Araújo está em casa, à espera de sua mulher, D. Eugénia, que saiu.

O Araújo (só). — Não há nada mais desagradável que vir um pai de família para casa, fatigado do trabalho, com fome de cachorro, encontrar a mesa posta e não poder jantar, porque a senhora saiu! (Aplicando o ouvido.) Felizmente ela aí vem... Ouço passos na escada... passos pesados, de mulher gorda... ora ainda bem!...

D. Eugénia (entrando). — Boa tarde, Araújo.

O A. — Boa tarde, não: boa-noite; o gás está aceso...

D. E. — Você esperou muito tempo?

O A. — Não; apenas hora e meia.

D. E. — Por que esperou? Por que não jantou?...

O A. — Porque quando eu não espero, você zanga-se, vocifera, quebra os pratos e diz que não come sobejos, que não é minha escrava, e mais isto e mais aquilo, e porque vira e

porque torna; portanto, prefiro o meu sossego, embora passando fome.

D. E. — Coitadinho! Olhem a vítima!... Sempre a queixar-se!...

O A. — E você sempre a dar motivo para que eu me queixe!

D. E. — Bom, não me quero zangar, porque estou muito contente: venho da Exposição!

O A. — Que foi você lá fazer?

D. E. — Que fui lá fazer? Ora essa! Pois você não sabe que ontem foi inaugurado o pavilhão da Bahia?

O A. — Que tem isso?

D. E. — Que tem isso? Decididamente o senhor quer que eu me zangue! Que tem isso! Esquece-se de que sou baiana, sr. Araújo, esquece-se de que sou baiana!...

O A. — Não, senhora, não me esqueço, mas não vejo que o ser baiana seja motivo para me fazer esperar hora e meia...

D. E. — Até duas, três, vinte horas! O senhor é filho de Sergipe... Sergipe deve esperar pela Bahia!

O A. — (resignado). Vamos para a mesa.

D. E. — Onde está o pavilhão de Sergipe? A Bahia construiu um belo pavilhão... ou antes, um palácio, que mete numa chinela o Monroe, o teatro Municipal e a Caixa de Conversão... Sergipe o que fez? Onde está o seu pavilhão?

O A. — (que começa a perder a paciência). Se não fosse falta-lhe ao respeito, eu mostrava-lhe o pavilhão de Sergipe!...

D. E. — Já cá tardavam essas graçolas! É a inveja que o rala por ver a Bahia sempre na ponta!

O A. — Vamos jantar.

D. E. — Jante sozinho, mesmo porque eu não janto assim vestida, e não levo menos de uma hora para mudar de roupa!

O A. — (conciliador). Ouça cá...

D. E. — Vá para o diabo! (Entra no seu quarto e fecha com estrondo a porta. O Araújo benze-se e senta-se à mesa.)

O A. — Venha a sopa! (O copeiro traz a sopa.) A Bahia está furiosa... Deixá-la... Logo faremos as pazes. (Prendendo o guardanapo ao pescoço.) Basta, para isso, que eu lhe mostre o pavilhão de Sergipe... (Começa a tomar a sopa.)

101. A MALA

No quarto de dormir do Trancoso, que deitado ao lado de sua esposa legítima, D. Felisberta, lê o "Jornal do Brasil".

D. Felisberta. — Ó seu Trancoso?

Trancoso. — Que é?

D. F. — Que história é uma da mala?

T. — Que mala?

D. F. — A tal que veio de S. Paulo com um defunto dentro?

T. — Você não leu?

D. F. — Eu tenho lá tempo de ler jornais!

T. — Foi um turco que matou outro e meteu o cadáver dentro da mala para dar sumiço ao mesmo.

D. F. — Credo! Eram turcos desses de fósforos baratos?

T. — Não, senhora; estes eram de fósforos caros; turcos de gravata lavada.

D. F. — E qual foi o motivo do assassinato?

T. — Ainda não está averiguado, mas presume-se que o assassino gostava da mulher da vítima. Dizem que é uma beleza.

D. F. — Queria que ela ficasse viúva para casar com ele! Que turco levado do diabo!

T. — Por um lado foi bem feito. Quem lhe mandou casar com mulher bonita? Os homens de juízo fazem como eu casam com mulher feia!

D. F. — Seu Trancoso, eu sei que sou feia, mas é uma sensaboria que você a todo instante me lembre a minha fealdade! E você pensa que é algum Adônis?

T. — A sua fealdade, sra. D. Felisberta, é o meu sossego!

D. F. — Então você pensa que eu não seria honesta se fosse bonita?

T. — Uma senhora bonita está exposta a muitas seduções e custa muito caro. Se você não fosse feia, eu tinha a casa sempre cheia de amigos.

* "Um tureo": designação antiga dos libaneses e sírios, súditos do Império turco naquela época. (N. do O.)

D. F. — Feia! feia!... Pois olhe, nem todos são da sua opinião.

T. — Duvido.

D. F. — Ainda ontem, no bonde da Alegria, quando fui à casa da prima Nicota... Está bom! não conto...

T. — (interessado). Conte! Que foi?

D. F. — Não! Você é capaz de se zangar...

T. — Não me zango... Conte!...

D. F. — Ora! Para quê?...

T. — Conte!... Quero saber o que foi!...

D. F. — Pois bem! um bonito rapaz chegou-se tanto, tanto para mim, que eu lhe perguntei: — Que quer o senhor? — Sabe você o que ele me respondeu? — Quero amá-la!

T. — (Dando um pulo da cama.) A mala — Quem foi esse patife? Vou amanhã à polícia! Quer meter-me também dentro da mala!...

102. LENDO A NOTÍCIA

Na sala de jantar de Elesbão, à noite, à luz do gás. Ele e sua esposa, D. Elisa, ambos maiores de 60 ou mais, acabam de ler "A Notícia" e estão comentando o caso dos noivos que apareceram mortos na manhã seguinte à do casamento.

D. Elisa. — Para mim foram assassinados! A tal portinha dos fundos encontrada aberta...

Elesbão. — Ora! ficou aberta, porque o noivo se esqueceu de fechá-la. Na noite do casamento os noivos esquecem-se de tudo...

D. E. — Menos de fechar as portas!

E. — Crê que o drama se passou apenas entre os dois. Ele ficou desesperado quando reconheceu que...

D. E. — Não pode ser!

E. — Por quê?

D. E. — O cadáver foi encontrado de calças, e não é de presumir que o pobre rapaz as vestisse para matar a esposa e suicidar-se. Enfim, o que for soará...

E. — A polícia prendeu um dos antigos noivos da rapariga...

D. E. — Eram uns poucos.

- E. — Não há nenhuma que se case sem ter tido antes meia dúzia de namorados!
- D. E. — Não sejas injusto! Tu foste o primeiro homem que fez falar o meu coração!
- E. — Pois sim!
- D. E. — Duvidas, Elesbão?
- E. — Ora! estamos casados há trinta e tantos anos... Teria graça se fôssemos agora apurar essas coisas! (*Pegando na "Notícia".*) O que me dá que pensar são estas linhas referentes ao exame médico legal: (*Lendo.*) "Tanto quanto nos foi possível saber, esse exame atestou curioso fenómeno que, sem ser raro, em todo caso dá ensejo à formação de juízo seguro."
- D. E. — Um fenómeno? Que será?...
- E. — (*continuando a ler.*) "Acreditamos guardar as reservas que o decoro exige, dizendo simplesmente que se trata de um fenómeno fisiológico de complacência."
- D. E. — De complacência?
- E. — Cá está: "De complacência."
- D. E. — Vai buscar um dicionário!
- E. — Que dicionário, que nada! Vamos dormir é que é!
- D. E. — Tens razão, são horas. (*Erguem-se ambos.*)
- E. — Ah, minha velha, eu levanto as mãos para o céu todas as vezes que me lembro da nossa primeira noite de casados! Que noite venturosa!...
- D. E. — Venturosa? Não sei como não me encontraram morta no dia seguinte!...
- E. — Qual morta, qual nada! Naquela o fenómeno de complacência fui eu...

103. TRÊS PEDIDOS

(CENA HISTÓRICA)

Gabinete do diretor geral da contabilidade na secretaria da indústria. Machado de Assis está sentado, a trabalhar. Um sujeito entreabre timidamente a porta.

O *Sujeito.* — Dá licença?

Machado de Assis. — Entre. (*O sujeito entra.*) Aqui tem uma cadeira; sente-se e diga o que deseja.

O *S.* — Muito obrigado. (*Senta-se.*) Sr. Diretor, requeri há dias um pagamento ao ministério. O requerimento subiu informado, e está nas mãos de vossa senhoria. (*Indicando um papel sobre a mesa.*) Olhe! é este!...

M. de A. — Mas que deseja o senhor?

O *S.* — Venho pedir a vossa senhoria que o faça subir hoje mesmo ao gabinete.

M. de A. — Hoje mesmo não pode ser. Ainda não o examinei, e quero examiná-lo com toda a atenção. Só amanhã subirá.

O *S.* — Amanhã é domingo.

M. de A. — Nesse caso, depois de amanhã. Desculpe. (*Estende a mão ao sujeito.*) Preciso estar só. Tenho ainda muito que fazer.

O *S.* — Quero fazer ainda outro pedido a vossa senhoria, mas este em nome de minha filha.

M. de A. — Diga depressa.

O *S.* — Ela ouviu dizer que vossa senhoria é poeta, e manda pedir-lhe que escreva alguma coisa no seu álbum.

M. de A. — Já não escrevo em álbuns, meu caro senhor, e demais este lugar é impróprio: não se tratam aqui tais assuntos. Desculpe. (*Estende a mão. Entra um servente com uma bandeija (sic) cheia de xícaras de café. Machado de Assis oferece uma xícara ao sujeito.*) É servido!

O *S.* — Não, senhor, não tomo café, porque é um veneno, e peço-lhe que faça como eu: não o tome também.

M. de A. — (*restituindo a xícara à bandeija.*) Pois não! É o terceiro pedido que me faz o senhor desde que aqui está. A este ao menos posso satisfazer: hoje não tomo café.

104. BONS TEMPOS

Numa rua estreita da cidade — D. Joaquina está debruçada à janela da sua casa térrea — Passa o Andrade.

Andrade (parando). — Bom dia, sra. D. Joaquina, como tem passado?

D. Joaquina. — Quem é? Ah! é o sr. Andrade... Vamos indo, vamos indo.

- A. — Está então tomando um pouco de fresco à janela?
- D. J. — É verdade. Depois que perdi meu marido, aquele santo homem que o senhor conheceu, não tenho outra distração senão esta de chegar à janela à tardinha.
- A. — E está fresco, está. Felizmente estes malucos que andaram a deitar a cidade abaixo e a abrir avenidas não alargaram esta rua!
- D. J. — Mas deixe lá, que se ela fosse um pouco mais larga, não faria mal...
- A. — Não diga isso, sra. D. Joaquina. Os antigos quando fizeram estas ruas estreitas mostraram muita sabença. Com o nosso clima as ruas largas são um absurdo! Pois não vê a tal Avenida Central? Que desastre! Tenho-lhe tanta raiva que lá não passo!...
- D. J. — Não é tanto assim, sr. Andrade.
- A. — Mas que quer a senhora? Tudo nesta terra anda de pernas para o ar! Todos querem viver em palácios! Até o *Jornal do Comércio* que estava tão bem na sua casa velha, de aspecto sério e respeitável, agora tem também palácio na Avenida! Não sei o que me parece vê-lo naquela enorme casa toda cheia de requififes e patacoadas! Já mandei suspender a minha assinatura, e sabe Deus quanto me custou, porque era assinante havia quarenta anos!...
- D. J. — Não acho que o senhor fosse razoável.
- A. — Chamam-me rabujento, inimigo do progresso, o que quiserem, mas eu cá sou assim! O *Jornal do Comércio* era o *Jornal do Comércio* nos bons tempos do Leonardo, em que tinha o escritório cheio de teias de aranha, e não morava num palácio!
- D. J. — Mas que tem uma coisa com outra?
- A. — Tem tudo. Também eu conservava lá no armazém as minhas teias de aranha, e quando os médicos da higiene lá foram basculhá-las (corja de vadios e malandros!) o meu desejo foi liquidar o negócio! Foi preciso vir a tal República para que a gente não tivesse o direito de ter a casa suja!
- D. J. — Mas a sujidade...
- A. — Em casa limpa nunca se ganhou dinheiro, sra. D. Joaquina! A senhora há de ver que todos esses negociantes modernos

- de avenidas e luzes elétricas não de dar bons burros ao dízimo! Olhe, eu não lhes fio um real!...
- D. J. — Os tempos são outros, sr. Andrade: tudo mudou!...
- A. — Tudo, sra. D. Joaquina, tudo! Pois se já apareceu no Rio de Janeiro um homem cavalo!
- D. J. — Um homem cavalo?
- A. — Ou um cavalo homem! Um monstro que é meio homem e meio cavalo!
- D. J. — Que está dizendo? Pois é lá possível!...
- A. — Vi o retrato! Tem cabeça de homem e corpo de cavalo!
- D. J. — Credo! Virgem Maria! Antes fosse o contrário!...
- A. — No nosso tempo, sra. D. Joaquina, não havia homens cavalos!
- D. J. — Mas havia muitos homens burros. (*Maliciosamente, batendo de leve no ombro de Andrade.*) E deixe lá: ainda não desapareceram todos...

105. A DESPEDIDA

- Em casa do Hermenegildo. São dez horas da manhã. O dono da casa está no seu gabinete. A família está reunida na sala de jantar.*
- A *Senhorita*. — Que tem hoje papai? Acabou de almoçar, e, em vez de sair como de costume, fechou-se no gabinete!
- O *Filho mais velho*. — Algum trabalho urgente da repartição.
- A *Senhora*. — Tua irmã diz bem: aquilo não é natural.
- O *Filho mais novo*. — Ele estava muito preocupado durante o almoço...
- A *S.* — Não sei o que me diz o coração!
- A *Sra.* — Oh, menina, tu assustas-me! Parece que tens medo de que teu pai se suicide!
- O *F. M. V.* — Que lembrança!
- O *F. M. N.* — Que razões haveria para papai suicidar-se?
- A *S.* — Quem sabe lá! — Vou espiar pelo buraco da fechadura... (*Adianta-se pé ante pé para o gabinete, cuja porta se abre. Hermenegildo aparece com ares solenes e uma carta lacrada na mão. Silêncio geral.*)

Hermenegildo (*depois de uma longa pausa comovido*) — Minha mulher... meus filhos... o momento é solene. (*Outra pausa.*) Sentemo-nos. (*Sentam-se todos a olharem uns para os outros. Nova pausa.*) Minha adorada mulher... meus queridos filhos... vou sair, e não sei se voltarei a esta casa.

Todos. — Oh!

H. — Henriqueta, aqui tens o meu testamento!

A Sra. — O teu testamento?!

H. — Sim; há viver e morrer!

A Sra. — A tua vida corre perigo?

H. — (*com voz sumida*). Sim.

A S. (*com um grito*): Ah! já sei... não é outra coisa! Papai vai bater-se em duelo! (*Choradeira geral.*)

H. — Que é isso? Não chorem! Não me vou bater em duelo!

A Sra. — Que vais então fazer?

H. — Não te esqueças de que o inquilino do chalé da rua dos Araújo está devendo três meses vencidos... Não te esqueças de que o compadre Malaquias não pagou ainda aqueles trezentos mil réis que me pediu... Não te esqueças...

A Sra. — Hermenegildo, tu vais matar-te?

H. — Não! Nunca! Os meus papéis estão todos em ordem. A apólice do teu seguro de vida está no cofre. A Funerária fará o meu enterro. Todas as indicações estão na gaveta do meio. (*Recrudescer a choradeira.*)

A Sra. — (*debulhada em pranto*). Mas onde vais tu, Hermenegildo?

H. — (*com um suspiro*). Vou tomar o elétrico da nova linha de S. Januário.

ÍNDICE

REMISSIVO E EXPLICATIVO DE

O "TEATRO A VAPOR" DE ARTUR AZEVEDO

1. Os números postos entre parênteses se referem aos números dados às crônicas da série *Teatro a Vapor*.
2. Se falta a indicação de lugar para uma rua, um jornal, etc., entende-se que o lugar é a cidade do Rio de Janeiro.
3. Usa-se em forma abreviada o título das obras mais consultadas que foram as seguintes:

Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro*, 2 vols. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1949.

Carlos Maul, *O Rio da Bela Época*. Rio de Janeiro, Livraria Laemmert Editora, 1967.

Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e sua Época* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966.

Também se consultou inúmeras vezes com proveito a *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. 2.ª ed., revista. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1972.

Academia de Letras, a (49) — A Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897.

Acre ("já fui até ao Acre", 1) — Em 1906, estava no seu auge o *boom* da borracha, de modo que muitos aventureiros afluíram ao Norte. O Acre boliviano acabava de ser incorporado ao território nacional.

Ajuda, o convento da (3) (24) (43) — O Convento de Nossa Senhora da Ajuda foi o primeiro convento de freiras da Cidade, inaugurado que foi em 1750. Ficava na rua da Ajuda, esquina da rua do Passeio. Demolido em 1911, cedeu a área à atual "Cinelândia". (G. Cruls, *Aparência...*, v. I, 155-58.)

Alegria ("no bonde de Alegria", 101) — Rua ou largo não identificado.

Alemanha ("para serem educados na Alemanha", 68) — Entre 1871 e 1914, o prestígio da Alemanha imperial, a ciência alemã e o sistema de educação alemão estiveram no auge.